

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

| | | |
|---|---|-----|
| V. DA SILVA FREIRE | A guerra e a produção nacional | 317 |
| MONTEIRO LOBATO | O estigma | 328 |
| MÁRIO DE ALENCAR <small>da Academia Brasileira</small> | Flôr do campo | 339 |
| AMADEU AMARAL | Em torno de Machado de Assis | 357 |
| CLAUDIO GINNS | Tres poetas | 369 |
| R. P. | Chronica scientifica | 380 |
| COLLABORADORES | Resenha do mez | 385 |

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 28 - ANNO III

VOL. VII

ABRIL, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 62
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — A politica brasileira — Bibliographia — Movimente artistic (com 12 illustrações) — Como os novos escrevem (*Monteiro Lobato*) — Aos escoteiros (*Pedro Lessa*) — Euelydes da Cunha (*Vicente de Carvalho*) — Os bandeirantes (*Helio Lobo*) — José Verissimo (*Miguel Mello*) — Souza Bandeira (*José Maria Bello*) — O problema sanitario da Amazonia (*Afranio Peixoto*) — Eugenia (*L. P. Barretto*) — O sorteio militar e a voz do povo (*João do Norte*) — O Brasil e a França no seculo XVI (*Araujo Jorge*) — A Trappa de Tremembé (*Monteiro Lobato*) — O "pistolão" (*Carlos de Laet*) — Clemenceau (*Julio Mesquita*) — Lisboa, a cidade das revoluções (*Mayer Garção*) — O theatro francez e a guerra — O centenario de Elvira — Os automoveis nos Estados Unidos — A immensidade do Universo — Os mysterios de Paris — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: *Nostalgia da tarde e Guarujá*, quadros de Roberto Mendes; *Salomé e Lydia*, quadros de Oscar P. da Silva; *Convalescente e Cabeça de velha*, quadros de C. Amazonas; *Autoretrato, Mia-Madre, Mio Padre, Nevicata*, retrato do esculptor Caldas, retrato de criança, quadros de Henrique Vio — *Habitações no Amazonas*.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Propriedade de uma
sociedade anonyma

L. P. BARRETTO

Directores: JULIO MESQUITA Redactor-chefe: Plinio Barreto

ALFREDO PUJOL Secretario-gerente: Pinheiro Junior

ASSIGNATURAS:

| | |
|----------------------------|---------|
| Anno | 15\$000 |
| Sels mezes | 8\$000 |
| Edição de luxo, anno | 22\$000 |
| Numero avulso | 1\$500 |
| Numero atrazado | 2\$000 |

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

Caixa Postal, 1373 — Telephone, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

contendo apenas os nomes vulgares das aves, a época, das posturas,

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1883

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

| | | |
|-------------------------|-------------|------------------------------------|
| Capital subscrito . . . | £ 2.000.000 | Succursaes em: BAHIA, |
| .. realizado. . . . | £ 1.000.000 | RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO, |
| Fundo de reserva . . . | £ 1.000.000 | ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES. |

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abri-la por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10.000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente somente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

TEMOS, no Brasil, o maior e mais completo sortimento de máquinas para lavoura e indústria, principalmente para lavoura, ramo de commercio em que somos especialistas; desde o mais simples arado, sementeira ou carpidreira, aos mais aperfeiçoados arados e cultivadores de discos li- vos ou recortados; da mais simples moenda manual, para moagem de canna e extração do respectivo caldo ou garapa, ao melhor engenho CHATTANOOGA, a fogo animal, hydrau- tica ou mechanica; molinos para todos os fins: desde o de vento, para accionamento de pequenos aparelhos, como bombas, etc., até os apropriados para a moagem de café, milho, arroz e todas as sementes ou corpos suscepti- veis de soffrêrem moagem, para uso em casas de familia ou em estabelecimentos industriaes; geradores de gaz acetyleno, cefadeiras mecha- nicas, machinas de tosquar animaes, faser cangica, manteiga, etc.; debulhadores e desin- tegradores de milho, cortadores de fôrragem, trituradores de ossos, bombas para agua e outros liquidos, arletes hydraulicos, motores electricos e para combustivel de lenha e kero- zene ou gasolina; até os mais aperfeiçoados machinismos para beneficiamento de arroz ou café, compostos estes de bem organizados e efficientes conjunctos de machinas "Engel- berg" americanas (as primeiras machinas do mundo, para beneficiamento de arroz e café), dos quaes conjunctos as principaes peças são: descascadores, ventiladores, esmagadores, cas- tidores, polidores, liustradores e separadores; e, enfim, tudo quanto aos agricultores se torne necessario adquirir, relativamente a appa- relhos, para a elaboraçao da terra, sementeira, plantio e consequente beneficiamento dos pro- ductos de sua lavoura.

A pedido, e sem compromisso da parte do solicitante, fornecemos preços, catalogos e ar- gumentos, relativos a quaesquer machinas ou aparelhos de nossa especialidade.



F. UPTON & C^o
 IMPORTADORES

Lar. de S. Bento, 12 | Av. Rio Branco, 18
 SÃO PAULO == RIO DE JANEIRO

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C.^{ia}

RUA SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::



A GUERRA E A PRODUÇÃO NACIONAL

REFLEXÕES DE UM DESORIENTADO

Não sei, para ser sincero, se a humanidade já atravessou muitos períodos iguaes a este. Se assim tem sido, como deve ter penado, essa pobre humanidade. Do meu ponto de vista, pelo menos... E' que, para mim, não ha tortura comparavel á da confusão, á de se debater no leito a noite inteira, em pleno acesso febril, vendo desfilar vultos e scenas sem nexo, tentando descobrir-lhes o movel das acções, e acordar, exaustão, sem nada ter conseguido.

E' essa impressão a que me dá actualmente a nossa vida pública na sua mais lata accepção, não a que se confina ao terreno secundario, e inferior em todos os sentidos, do coamorama politico.

Estamos em guerra, diz-se. Ninguem o põe em duvida. Mas os nossos actos não estão absolutamente de accordo com semelhante affirmação. Fallar em guerra é dar mostras de comprehender, em primeiro lugar, os interesses superiores da patria, a extensão dos males que a ameaçam; analysar em seguida os pontos fracos do adversario para debilital-os ainda mais, as vantagens dos proprios recursos para d'elles tirar o maximo proveito.

VII — abril, 1918.



E' fallar como Herbert Hoover, essa personalidade que incarna tão perfeitamente o typo do engenheiro da epoca, quando diz:

"Depois de dois annos e meio de contacto com o Exercito Allemão afastei-me d'essa monstruosidade com a convicção inabalavel de que a autocracia é um credo politico e um systema que põe em perigo, e compromette, o futuro da nossa raça — que nos ameaça de facto na propria independencia. Acrescente-se logo a seguir, porém, que soube elle admiravelmente incutir dedicação e espirito de sacrificio áquelle povo no interesse da Nação. O lavrador allemão, com a idea de patria na mente, conseguiu que um paiz com duas terças partes da nossa população, e occupando territorio apenas igual ao do Texas, nutrisse a aspiração de submeter o mundo.

"E' minha convicção que eguaes sentimentos nos levarão a dar-lhe a resposta apropriada e isto sómente pela espontanea iniciativa do lavrador Americano. N'isso se revelará a democracia; essa será a sua replica á autocracia.

"E n'esse procedimento haverá, além do mais, um lado humano. Dois annos e meio vivi na Europa em contacto intimo com a roupa suja da guerra. Durante esse periodo arqueei com a responsabilidade de garantir alimentação diaria a sete milhões de mulheres e creanças entre uma população de dez milhões, e o sustento de toda essa gente incumbe ainda hoje exclusivamente ao lavrador Americano. Mas, depois d'isso, a retirada gradual e destruição de homens e navios collocou outros cem milhões mais de mulheres e creanças dos nossos alliados restantes na dependencia, unica ainda, do cultivador Americano, para o seu pão de cada dia. Maridos, paes, irmãos de todos elles estão defendendo a nossa liberdade exactamente do mesmo modo como os filhos de mães Americanas o estão fazendo em França".

E' enunciar, como elle, com a autoridade de quem previra mezes e mezes antes, ao dissecar a sua desorganização administrativa a defeecção dos Russos, o que é necessario para ganhar a guerra:

"Pertencerá a victoria ao que resistir mais tempo, e o problema da resistencia é, em larga escala, o problema do abastecimento e dos navios precisos para realisar-o. Se, portanto, soubermos effectuar economias de consumo e augmentos de produção capazes de supprir integralmente os alliados e, por esse modo, tirar o melhor partido da tonelagem, estaremos contribuindo para a derrota dos submarinos tão efficazmente como os nossos marinheiros e os nossos constructores navaes. O lavrador dos Estados Unidos que augmenta as horas de trabalho e o consumidor que restringe as suas necessidades estão combatendo o submersivel com arma positiva, certa e que não falha.

"A produção da banha é n'este momento preciosa para a vida d'aquellas creaturas e para a firmeza com que se manterão até ao

fim. O arratei de toucinho vale tanto como uma bala; vale mais um porco hoje em dia do que um obuz."

Contrastam singularmente essas palavras tão positivas com os arroubos de imaginação dos nossos jornalistas, incitando a alistarse sob a bandeira aos nossos jovens patriotas.

Não se julgue, note-se, que quem escreve estas linhas é infenso, ou o foi sequer um instante, ao bello e nobre movimento que se desenhou, nítido, no eslo da mocidade brasileira.

Ou se julgue, igualmente, que elle não se apercebe do risco, consequencia immediata, fatal, de um desastre dos alliados, que nos surgirá inevitavelmente, pelas bandas da fronteira do Sul, n'essa fatídica hora que espera jamais esorar.

Por isso, por isso mesmo que assim pensa, é que o coração se lhe confrange, a mente se lhe baralha e conturba deante da perspectiva que certos factos, denunciadores de uma contradictoria interpretação dos acontecimentos, lhe desenrolam perante os attonitos olhos.

Explicquemo-nos.

Imaginemos, por um momento, que todos esses recrutas que por ahí vêm desfilhar garbosamente, que todos esses soldados Brasileiros se acham repentina, bruscadmente, da noite para o dia, como nos contos de fadas, armados, municiados, equipados, instruidos, treinados. Que, bem conscientes do interesse real que une o nosso destino á sorte dos Alliados, sequiosos de concorrer com a nossa contribuição para a victoria, lhes offerecemos, espontaneamente, a remessa de algumas divisões.

Seriam ellas acceptas?...

Não seriam.

Porque?... Pelos mesmos motivos, invocados nas linhas, actua transcriptas, de Hoover, o seu "dictador das subsistencias", pelos quaes os nossos Alliados d'esta banda do Oceano se estão submettendo a um regimen de ração minguada; pelos mesmos motivos pelos quaes correm elles, consciente e voluntariamente, ao mesmo tempo, o risco de perderem de chofre quinhentos milhões de dollars com a acção simultanea, tambem officialmente insinuada, da intensificação da sua produção agricola.

Quinhentos milhões de dollars... Sabe-se porventura o que isso representa?... Representa o trabalho agricola d'este Estado, com os seus tres milhões de habitantes, durante um quadriennio inteiro. E' ver os algarismos da Secretaria de Agricultura de São Paulo:

| PRODUCTOS | Anno 1912-13 | Anno 1913-14 | Anno 1914-15 | Anno 1915-16 |
|---------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| Café | 280.336 :656\$ | 270.163 :787\$ | 236.680 :379\$ | 332.594 :080\$ |
| Algodão. | 8.759 :840\$ | 2.167 :297\$ | 3.262 :989\$ | 14.283 :556\$ |
| Assucar | 8.549 :329\$ | 7.620 :390\$ | 14.667 :062\$ | 20.748 :018\$ |
| Aguardente e alcool | 28.185 :646\$ | 35.076 :765\$ | 34.982 :514\$ | 31.441 :879\$ |
| Arroz | 15.993 :420\$ | 15.507 :408\$ | 16.112 :704\$ | 22.355 :873\$ |
| Feijão | 30.754 :272\$ | 28.824 :900\$ | 48.957 :975\$ | 51.739 :465\$ |
| Milho | 85.486 :235\$ | 66.415 :800\$ | 92.800 :620\$ | 92.620 :710\$ |
| Fumo | 3.769 :090\$ | 3.731 :625\$ | 2.999 :506\$ | 3.856 :750\$ |
| Totales | 471.816 :495\$ | 429.509 :273\$ | 447.698 :974\$ | 569.669 :273\$ |

Devem ser, portanto, valiosíssimos, taes motivos. São-no de facto. Quantos e quaes são? Dois apenas: E' o primeiro aquelle que o "dictador das subsistencias" formulou, tão minuciosamente, na anterior citação: affirmando que "mais valia na hora presente meo kilo de banha do que um cartucho de fuzil, e mais precioso era agora um porco do que um obuz". Qualitativamente muito conhecido, elle o é menos comtudo na quantitativa. Mas, em resumo, constitue, para nós todos, simples logar commum.

Vejamos o segundo. Tão importante como o primeiro, mais importante até n'este momento, não se me affigura receber elle, de nós todos, a consideração que merece. E representa, todavia, a influencia de outro factor de primeira grandeza, capital, que já devêra aqui occupar logar de destaque, tão profundas têm sido as suas repercussões no nosso meo. E', de facto, graças á sua entrada em acção que estamos exportando mamona para a Europa, tecidos para a Argentina. Foi tambem a sua intervenção qua provocou ná estatística precedente a escala ascencional dos numeros referentes aos cereaes, a partir do segundo anno de guerra, progressão essa que, com outras parallelas, melhor sobresahe ainda, no seguinte quadro official referente á

EXPORTAÇÃO

| MERCADORIAS | UNIDADES | Janeiro e Dezembro | | | |
|----------------------------------|----------|----------------------------------|------------|----------------|---------------|
| | | Valor a bordo no porto de Santos | | | |
| | | Quantidade | | Mil réis papel | |
| | 1916 | 1917 | 1916 | 1917 | |
| Arroz . . . | Kilo | 175.826 | 22.204.915 | 85.756\$ | 12.262.372\$ |
| Banha . . . | Kilo | — | 5.174.485 | — | 10.718.880\$ |
| Café . . . | Sacca | 9.943.158 | 7.845.089 | 456.740.740\$ | 336.763.700\$ |
| Carne resfr. da ou congelada | Kilo | 18.658.848 | 29.134.755 | 15.716.962\$ | 26.388.613\$ |
| Couros . . . | Kilo | 2.580.582 | 2.082.062 | 3.522.211\$ | 3.426.057\$ |
| Borracha . . . | Kilo | 78.021 | 89.050 | 303.725\$ | 275.951\$ |
| Felção . . . | Kilo | 29.929.987 | 48.699.724 | 8.816.555\$ | 21.230.781\$ |
| Abacaxis . . . | Kilo | 152.520 | 175.455 | 28.427\$ | 28.350\$ |
| Bananas . . . | Cacho | 2.252.470 | 1.602.265 | 2.252.470\$ | 1.602.265\$ |
| Diversas mer- cadorias . . . | — | — | — | 2.161.520\$ | 9.637.540\$ |
| Totais . . . | — | — | — | 489.832.405\$ | 422.334.512\$ |
| Equiv. em mil réis ouro . . . | — | — | — | 216.457.605\$ | 197.191.135\$ |

E' elle, finalmente, que nos acena neste instante, para comecar, com a ameaça, que parece passar-nos desapercibida, da supressão brusca, completa, total, da exportação de felção que tão vigoroso pulo regista no quadro acima entre os dois ultimos annos.

E' esse factor a "distança".

Para o seu abastecimento, em alimentos e materias primas, contavam os alliados com os mercados externos de que se achavam privados, em virtude do bloqueio e com enorme desvantagem, os imperios Centraes. Bloquearam tambem estes, ou tentaram bloquear, por seu turno e a seu modo, os inimigos, detendo mão da guerra submarina. Não foi ella um successo legitimo e acabado. Mas tambem não pode ser classificada de fiasco.

E não ha para nós prova melhor, melhor prova não ha, do que percorrer os "recôos" successivos que têm vindo realisando os alliados, para organizar a correspondente defensiva.

Escólha-se para esse fim um exemplo concreto e frisante, o do trigo, artigo principal, sob todos os pontos de vista, para a alimentação. Suppõe-se em geral, vê-se entre nós commumente enunciar a hypothese como premissa, que este escasseia. Não ha supposição entretanto mais destituida de fundamento.

Basta ler os números seguintes do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos:

QUADRO I

Situação do trigo em França, na Itália, Inglaterra e Bélgica

| | ALQUEIRES (BUSHELS) | ALQUEIRES (BUSHELS) |
|--|------------------------|------------------------|
| Média das importações dos Estados Unidos no triennio anterior á guerra | 79.426.000 | |
| Média das importações do Canadá no triennio anterior á guerra | 112.900.000 | |
| Média das importações de outros países no triennio anterior á guerra | 188.478.000 | |
| Total | | 380.804.000 |
| Produção média | 590.875.000 | |
| Produção avaliada para 1917 | 393.770.000 | |
| Deficit em 1917 | | 196.905.000 |
| Total das importações necessarias para compensalo | | 577.709.000 |

QUADRO II

Saldos de trigo, disponiveis para exportação, nos mercados productores

| | ALQUEIRES (BUSHELS) | ALQUEIRES (BUSHELS) |
|--|------------------------|------------------------|
| Estados Unidos | 80.000.000 | |
| Canadá | 150.000.000 | |
| Saldo total da America do Norte | | 230.000.000 |
| Australia : | | |
| Saldo antigo | 120.000.000 | |
| Saldo da nova colheita | 120.000.000 | |
| India : | | |
| Saldo antigo | 50.000.000 | |
| Saldo da nova colheita | 50.000.000 | |
| Argentina : | | |
| Saldo avallado da 1. ^a colheita | 180.000.000 | |
| Saldo total dos outros países | | 540.000.000 |
| Total do trigo disponivel nos mercados productores | | 770.000.000 |

Se, pois, de um momento para outro a paz "rebentasse", a cotação do trigo, nas praças compradoras, seria de baixa immediata, de preços de verdadeiro panico. Bem o sabem os Americanos do norte que, entretanto, pré-garam a intensificação das suas culturas com tenacidade e habilidade taes que, já se pode ter certeza, a cobertura do deficit de trezentos e cincoenta mil bushels (diferença entre 577.709.000 do Quadro I e 230.000.000 do Quadro II) estará á disposição dos Alliados no anno corrente, nos portos do Atlantico do equador para cima.

Ou, para ser mais exacto, dar-se-ha normalmente esse facto a partir da colheita futura. Com a que está presentemente sendo consumida, chegou-se quasi ao mesmo resultado por dois caminhos diferentes. Fazendo comer meio kilo de farinha de trigo menos, por semana, a cada um dos habitantes do paiz, e, substituindo, em sua alimentação, outro meio kilo, por pezo igual de fubá de milho; obteve esse racionamento duzentos milhões de alqueires, mais de metade. A parte restante ponde ser tambem coberta parcialmente pelo tratamento e armazenagem adequados do trigo: a serie de medidas que, tanto alli como no Canada é comprehendida na denominação unica de "conservation".

Está-se verificando afinal em tudo isto existir, não a penuria do artigo, mas a da tonelagem. E aqui está o que succede. Os Allemaes destroem um, dois milhões de toneladas de arqueação. Os Alliados dão-lhes a replica, vindo buscar o que n'aquelles porões se perdeu á orla occidental do Atlantico, em vez de carregar de novo as suas embarcações em Bombaim, em Melbourne, ou em Buenos Aires. Substituem, n'uma palavra, a viagem de oito dias á do dobro, do triplo ou do quadruplo d'esse tempo. Acrescendo mais que, para a da India, a rota New York ou Halifax é muito mais segura, por melhor policiada, que as que tomam o Mediterraneo.

"Sublata causa, tollitur effectus". E se a colheita futura, que o lavrador do paiz preparou, augmentando o seu labor e a extensão das sementeiras, para cobrir o deficit, encahar no panno verde da meza da conferencia da paz?... Não é elle que deve soffrer o prejuizo, diz, leal e honradamente, o Governo Americano. Procedeu elle por essa forma para nos fazer ganhar a guerra; sem esse auxilio era mesmo impossivel aspirar semelhante resultado. Se a guerra tiver terminado, quem fica com a colheita é o Estado que já sabe ter que vendel-a a preços com os quaes a America não pôde competir. E o prejuizo será o d'aquelles quinhentos milhões de dollars a que me referi antes da primeira estatistica.

Espero ter feito assim comprehender porque é que os nossos soldados, as tropas Brasileiras, seriam certamente recusados, se fossem offercidos. Soldado por soldado, vale mais um que fica á



mão, que permite ao mesmo paquete ir buscar outro, e outro durante o mesmo periodo de tempo e consumindo a mesma quantidade de carvão, que já não é tambem abundante.

Emquanto as condições actuaes se mantiverem, terão pois preferencia os sammies.

Podem, portanto, os nossos officiaes, o nosso estado-maior pôr de parte taes cogitações, tão cedo pelo menos. E' de outro lado que o nosso exercito, se alguma calamidade se dêr, terá de ser empregado. Até lá, para o oriente, para ás bandas do Oceano, problema diverso, talvez mais premente, premente e angustioso, será o nosso.

Admitta-se que n'essa luta desesperada do submarino contra a distancia — ganha-se, parece-me, com o pôr em evidencia a propria variavel que está sendo manobrada directamente na peleja — aquelle alcança novas vantagens. Ou, então, que a batalha na frente occidental provoca, como se diria estar succedendo, mais amudades e urgentes appélllos transoceanicos por parte dos que se acham em França.

Veremos, é inevitavel, a onda, a maré de refluxo de navegação que foi successivamente eliminando a India, a Australla, do numero dos fornecedores de trigo pôr a enxuto por sua vez os portos da Argentina, os do nosso paiz. Chegará aos dois paizes a vez de experimentarem as mesmas desventuras dos outros á custa dos quaes já haviam ganho, vendendo, a nossa vizinha, admiravelmente bem a sua colheita passada de trigo, nós o nosso feijão, o arroz e a mamona.

Não se julge que devaneio. Está a hypothese já prevista e descontada, officialmente, desde 25 de outubro do anno passado, data em que a "United States Food Administration" no seu Boletim N. 10, destinado especialmente á imprensa periodica, para preparo da campanha de opinião, inseriu, a paginas 5, o seguinte trecho:

"A tonelagem mundial está muito reduzida e continua a progredir a redução dia a dia. No prazo de um anno poderá o nosso programma de construcção naval enfrentar a destruição; mas, até lá, será necessario ir passando os navios, das rotas mais extensas para as mais curtas, afim de preencher os vacuos causados pelos submarinos. Embora seja grande o nosso interesse em manter alguns serviços de passageiros e de carga entre a Europa e os Estados Unidos e a Australla, India e Argentina, afinal, se a isso nos vimos obrigados, o que ainda subsistir d'essas linhas terá que ser supprimido e a arqueação correspondentemente transferida, em sua totalidade, para o trafego transatlantico". Ocioso será dizer que "transatlantico" se acha aqui empregado no sentido de Inglaterra e França — Estados Unidos.

Se tal se dêr, e bom será observar que desde então (já se contava como provavel com a defeccão da Russia) nada aconteceu.



nem nas linhas de batalha, nem nos progressos da construção naval, nem em qualquer outro campo, que constitua motivo para optimismos; se tal se dér, lamos dizendo, achar-nos-hemos nós com os nossos productos de exportação encalhados, a Argentina com o seu trigo, e sua lan. Do primeiro ficará o Brasil sendo um dos raros consumidores, possuindo, o que é mais, tonelagem propria para ir buscar-o e artigos de permuta. As nossas administrações publicas estão todavia ainda procurando "succedaneos" para o fabrico do pão (!...)

Essas mesmas administrações, quando as companhias de gaz, em transe por tal modo difficil para o mundo inteiro, sollicitam deitar mão de medida que representa, da mesma feita, notavel economia de tonelagem e defeza garantida da illuminação das grandes capitães, quer dizer a segurança individual, durante alguns mezes, entram em discussões subtile de clausulas de contractos...

El finalmente, quando a mais elemental das providencias está aconselhando o deitar mão de um plano de conjuncto que nos permitta affrontar a quadra de difficuldades "já á vista", permanece-se immovel, serena, olympicamente, como que aguardando assistir, a titulo de méra curiosidade, ao spectaculo da tormenta acabando ou não por se abater em cima da náu. Permanece-se, disse e repito. Porque n'este ponto não me refiro, seria injusto, sómente aos poderes publicos. A atonia é geral. O interesse actual dos electores como dos electos está occupado nos "reconhecimentos". Calcula-se, disse-me um entendido, que o Congresso só começa a trabalhar "lá de setembro em diante". Os jornaes tecerão até alli, a respeito dos varios "casos", chatosos commentarios e os leitores, mesmo os não allitados e os indifferentes, divertir-se-hão com isso, e tanto mais quanto, entrando apenas a esse tempo um ou outro vapor, as revistas estrangeiras escassearão.

Como nos arranjaremos, porém?...

Responda quem poder.

A alguns parece, entretanto, e timidamente confesso pertencer a esse numero que, com perspectivaas semelhantes, já se deveria estar de ha muito procedendo a um balanço minucioso das consequencias de uma paralyseação provavel da exportação, e em seguida, do restabelecimento da mesma.

Parece evidente que só nos poderemos safar airoosamente da primeira como da segunda phase, melindrosas igualmente ambas, se conseguirmos crear uma organisação, tão excepcional como excepcional e anormal é o periodo, que nos permitta aguardar a passagem de uma a outra d'ellas armazenando os nossos productos de situação mercantil assegurada, e capaz, ainda, de lhes determinar o escoamento em termos de evitar maiores abalos.

Será isso porventura obra de um dia?...

Dir-se-hia ser essa a convicção reinante. Imagine-se entretanto por um momento em que situação deplorável se encontrariam n'esta altura os aliados se os norte-americanos, confiantes nas promessas de um homem da envergadura de Hurley, o eminente director do "Shipping-Board", não tivessem tomado a precaução de desenvolver, a título de reserva intelligente, o fomento financeiro e administrativo da produção agricola, cuidadosamente estudado, que desenrolei nas paginas anteriores...

Seria a derrota, talvez desenhada já nitidamente no horizonte.

Ao envez, ouça-se a voz previdente e calma dos que a estas horas lhes traçam os destinos. "Graças ás benções do Altissimo e á energia dos nossos lavradores, estamos garantidos com uma das mais formidaveis colheitas da nossa historia". Descontadas as necessidades immediatas do nosso povo e dos que são por nós alimentados, vai haver um excesso de 1.000.000.000 de bushels a mais do que em tempos normaes. Esse acrescimo de cerca de 25 por cento não encontra animaes a engordar em quantidade correspondente.

Mas, não deve ser perdido.

Pense-se, em primeiro logar, na guerra, nos nossos aliados. O meio melhor de se aproveitar a tonelagem é enviar-lhes gordura; n'estes tempos é o que mais serve. O quadro seguinte desenha a situação:

| | Trimestre anterior à guerra | Anno fiscal 1916-17 |
|--|--------------------------------|------------------------|
| Suínos existentes, nos Estados Unidos, a 1.º de Janeiro | 61.600.000 | 67.450.000 |
| Suínos abatidos | 33.204.000 | 64.795.000 |
| Porcentagem | 56.3 | 96.1 |
| Peso medio, em arrateis | 219.21 | 211.26 |
| Exportação, em arrateis | 992.885.000 | 1.501.271.000 |
| Consumo interno, por cabeça, arrateis | 72.08 | 75.77 |

Não temos pois, falta propriamente dita. Mas a guerra pode durar ainda e o producto escassejará. Aproveitemos o bom ensejo, tanto mais que o artigo conserva-se facilmente. Inicie-se o movimento de "crear cada um um porco".

Isto, nas cidades. Nas cidadees?!... Por certo. Sabendo-se lidar com esses animaes, não offerecem elles maior perigo á saúde publica do que qualquer cachorro. E começou a campanha de reforma das posturas municipaes, permittindo, fóra das zonas centrais urbanas, a manutenção do chiqueiro apropriado.

E, nos campos?...

Ahí, poderia, cada lavrador, crear de 5 a 10 porcos. Não mais, porque deveria "pensar no futuro". Preferível seria que, em vez de augmentar o numero de suínos, os substituisse por alguns bezeros ou, de preferéncia, meia dúzia de carneiros e ovelhas. "A nossa produção de lan é de cerca de 35 por cento apenas do nosso consumo normal. Proporcionar uniformes a milhões e milhões de homens representa necessidades de materia prima sem precedentes na nossa historia". E esse deficit é-nos supprido por paizes que ficam longe, e a guerra submarina ainda não disse a última palavra.

Que venha, depois, enfim, a pecuaria bovina.

E' esta a ultima de que os allados necessitarão. E, cessada a guerra, durante annos e annos d'ella dependerá a Europa mais do que da suína e ovina para poder reconstituir os seus rebanhos. O seu lugar é para nós, Americanos, o da reserva para atravessar gradualmente todo o periodo de transição e desembarcar, afinal e folgadoamente, na tremenda luta economica que se seguirá quando o canhão deixar de troar.

O que mais choca, em contraste com este processo sytematico de raciocinar e agir, posto em paralelo com o que entré nós foi architectado para aparar as consequencias de perigos identicos é, de um lado, a consideração constante de tudo quanto é possível succeda; do outro, do nosso lado, o estabelecimento de hypotheses sobre cuja realização não ha garantia de especie alguma.

Dure ainda a guerra não um só, mas mais dois, tres, quatro annos; aperte a campanha submarina, cresçam as difficuldades dos Allados na frente occidental, recolham estes á sua unica rota, a rota "vital" para elles, toda a tonelagem disponível. Qual o nosso plano de acção em tal emergencia?...

Não existe. Nem d'elle se cogita, porque o que se receia — entre parentheses, aquillo que os mais directamente empenhados julgam possível — não se dá, não se dará, não se póde dar. Ora, suppor aquillo, que é impossível acontecer, é não ter orientação. Ela a razão porque sub-epigraphet estas leves reflexões como sendo as de um desorientado.

V. DA SILVA FREIRE.

O ESTIGMA

Fui um dia a Itaóca, levado pelas simples indicações do sujeito que me alugou a cavalgada: — Não tem errada. E' ir andando. Em caso de duvida, pegue a trilha dos carros, que vae certo.

Assim fiz, e lá cheguei sem novidade.

No dia da volta, porem, choveu á noite, como só chove por aquelles scriões, e na primeira encruzilhada parei desuortado. O enxurro apagara-me todos os sulcos da carraria. Ali fiquei um pedaço, feito o asno de Buridan, á espera d'algum passante que me abrisse os olhos. Não appareceu viv'alma, e a minha impaciencia empurrou-me ao acaso por uma das pernas do V embaraçador. Caminhei cerca de hora na duvida, e por fim a vista d'uma fazenda desconheida deu-me a certeza do transvio. Resolvi portar. Abeiro-me do portão e grito o "ó de casa". Abriu-m'o um preto occupado em abanar feijão no terreiro.

— O patrãosinho é lá em cima, na casa grande.

Dirigi-me para lá depois de entregue o cavallo, e subi a escadaria de pedra fronteira ao casarão senhorial. Um grupo de crianças brincava por ali, em torno d'uma fogueirinha de gravetos muito fumarenta.

— Santinha para cá, fumaça para lá.

Ao avistarem-me, calaram-se, e fugiram, com excepção da mais taluda, que permaneceu no lugar, esfregando os olhos vermelhos e lacrimosos do fumo.

— Papae está?

Estava e ia chamal-o, respondeu, esgueirando-se pela casa a dentro. As outras, com o dedinho na bocca, vi-as a me es-



piarem da porta, onde logo assomou esbelta menina ahi dentre 14 e 16 annos, d'avental azul, corada como quem esteve a lidar em forno.

— Faça o favor de entrar. — disse-me com linda voz sorridente, de passo que seus olhos vivos todo me examinavam d'alto a baixo, num relance. — sente-se, e espere um bocadinho.

Sentei-me, gozando o delicioso frescor da sala, e puxei conversa.

— A menina é filha do...

— Não, senhor, prima. Mas moro aqui des'que me morreram os paes.

— Tão nova, e já orphan!...

— De pae e mãe. Tinha seis annos quando os perdi na febre amarella de Campinas. O primo trouxe-me de lá, e...

Nisto rangeu a porta e enquadrou-se nella o dono da casa. Reconhecemo-nos incontinenti, com igual espanto.

— O Bruno! berrou elle. Que milagre!

— E tu, Fausto, onde te vim desentocar, eu que contava com um matufão desconfiado!...

Abraços, explicações, perguntas atropeladas. Fausto não cessava de admirar a coincidência.

— Ha quanto não nos vemos? Dez annos, pelo menos...

— Mais. Desd'a opa da collação, lembras-te? Onze. Como passa o tempo...

— Pois, meu caro, prendo-te por cá. Já não vaes sem conhecer o meu seio de Abrahão e matar bem matadas as saudades.

Durante estas expansões a menina do avental não arredou pé da sala, e eu, volta e meia, regalava meus olhos na linda creatura que era ella. Fausto, percebendo-o, apresentou-m'a.

— Laurita, nossa prima.

— Já nos conhecemos, disse eu.

— D'onde? exclamou elle surpreso.

— D'aqui mesmo, e de ha cinco minutos.

— Sempre o mesmo farcista. Olha, Laura, vê lá que nos tragam um café.

A moça ao retirar-se poz no andar esse requiebro que lhes aconselha o instincto na presença de um homem casadoiro.

— Galantinha, hein? disse Fausto logo que se fechou a porta.

— Linda! exclamei carregando com furja no i. Que frescura! Que corado!

— O corado corre á conta do forno. Estão lá todos a assar bolinhos de milho. Não conheces minha mulher? Familia Leme, da Pédra Fria. Casei-me logo depois de formado, e aqui vivo alternando seis mezes de roça com outros tantos de capital.

— Excelente vida! E' o sonho de toda a gente.

— Não me queixo, nem quero outra.

— Colheste, então, o pomo da felicidade!

Fausto não respondeu, e como o café entrasse no momento a conversa mudou de rumo. Trouxe-o Laura, com bolinhos quentes.

— D. Laurita, estou adivinhando que este foi enrolado pelas suas mãos, lamechei eu tomando um delles.

— Qual? acudiu a menina, — esse qué não tem marca de carretilha?

— Sim.

Ella desferiu a mais argentiua das risadinhas.

— Justamente os que não tem marca são da Lucrecia...

— Ora você, cascalhou Fausto, a confundir as artes da prima com as da preta!

— Os meus são estes, disse Laura, apontando os carretilhados.

Provei um, e:

— Realmente! exclamei, a differença é grande.

Novo *pizzicato* da menina.

— Pois a massa é a mesma, e tudo tempero da preta!

Fausto poz fim aos meus desasos, convidando-me a sair.

— Está muito chucro no galanteio. Vem d'ahi a ver a criação, que é o melhor.

Sahimos e corremos toda a fazenda; o chiqueirão dos canastrões, o cercado das aves de raça, o tanque de Pekins, as cabras Toggenburg, o gado Jersey, a machina de café, todas essas coisas communs a todas as fazendas e que, no entanto, examinamos sempre com tamanho prazer.

Fausto era um fazendeiro amador. Tudo ali denunciava largo dispendio de dinheiro sem a preocupação da renda pro-

porcional; trazia-a no pé de quem não necessita da propriedade para viver.

Ao jantar apresentou-me sua mulher. Não condisse com o molde que tenho cá da boa mulher a esposa do meu amigo. De feições duras, olhar d'ave de rapina, nariz agudo, era positivamente feia, e provavelmente má. Compreendi o caso do meu Fausto: casara rico. A fazenda viera-lhe ás mãos por intermédio da esposa. O marido na presença della mudava de tom. De natural brincalhão, embezerrava-se n'uma sisudez que me desconcertou, e isto me disse que casaram os bens, os corpos, mas não as almas. Também Laurita cohibia-se, e as creanças mostravam um odioso "boim comportamento" de metter dó; pareciam pessoas grandes. A mulher gelava-os a todos com o olhar duro e mão de senhora absoluta. Foi um allivio o erguermos-nos da mesa. Fausto lembrára um gyro pelos cafesnes, e já estavam arreadas as cavalgadas. Logo que montou, voltou á expansibilidade anterior, com a alegre despreocupação dos annos escolares. A conversa correu por mil veredas e por fim embicou para o thema casamento.

— Aquelle nosso horror á colleira matrimonial! Como esbanjavamos diatribes contra o amor sacramento, benzido pelo padre, gatafunhado pelo escrivão... Lembras-te?

— E estamos ambos a pagar a lingua. E' isto a vida: a liberrima theoria por cima e a trama ferrea das injunções por baixo. Somos, os homens, uma cadeia de contradicções. O casamento... Hoje não o defino com aquelle entono de solteiro. Só digo que não ha casamento, ha casamentos; cada caso é um caso especial.

— Tendo aliás de commum, disse eu, um mesmo traço: restrição da personalidade.

— Sim. E' mister que o homem ceda cincoenta por cento da sua, e a mulher outro tanto, para que haja o equilibrio razoavel a que chamamos felicidade conjugal.

— "Felicidade conjugal", dizes bem, restringindo com o adjectivo a amplidão do substantivo.

A vista do cafesal interrompen as confidencias. Era Setembro, e o aspecto das arvores, estrelajadas de florinhas brancas, dava uma sensação farta de riqueza e futuro. Corremol-o em parte, gozando o "prazer paulista" de ver ondular por espigões e grotas a onda verde negra dos cafeeiros alinhados.

— No teu caso, perguntei, foste feliz?

Fausto retardou a resposta, mastigando-a.

— Não sei. Cedi os cincoenta, e espero que minha mulher imite a minha abnegação. Ella porem, mais tenaz, embirra em não chegar a tanto. Procuramos o equilibrio, ainda...

— E Laura? perguntei de chofre, estouvadamente.

Fausto voltou-se de golpe, como ferido pela pergunta. Encarou-me a fito, e vacillou em revelar-me o fundo de sua alma. Depois, como atravessavamos um pedaço de caminho sombrio, com, barranco acima, avencas viçosas, samambaias e begonias agrestes, disse, apontando para aquillo:

— Sabes o que é uma face noruega? Cá tens uma. Não bate o sol, muita folha, muito viço, verdes carregados, mas nada de flores ou fructos. Sempre esta frialdade humida. Laura... é como um raio de sol matutino que folga e ri na face noruega da minha vida.

Calou-se, e até casa não mais pronunciou palavra.

Compreendi a situação do meu querido Fausto; e não lhe invejei as riquezas adquiridas por semelhante preço.

Deixei o Paraíso, que assim chamavam á fazenda, com tres impressões n' alma; deliciosa a da menina dos bolinhos, no seu avental azul, corada como as romãs; penosa a da megera entrevista na creatura feia e má; rica no sufficiente para adquirir um marido como quem adquire na feira um animal de luxo; a terceira impressão não a define ahí qualquer adjectivo espipado, complexa, subtil em demasia para caber em moldes vulgares. Era o vago presentir de uma equação sentimental cujos termos — o raio de sol, a face noruega e o meu Fausto, — vagamente perambulavam dentro da minha imaginativa, ás cabriolas.

Nunca tornei áquellas paragens, nem me fez contradicção o acaso com nenhum dos tres personagens.

Este mundo, entretanto, é uma bolinha. Volvidos vinte annos, estava eu parado ante um mostruario, no Rio, quando alguem me cotucou as costellas.

— Tu, Fausto!



— Eu, Bruno!

Envelhecera quarenta annos o meu amigo naquelles vinte le desencontro e o tempo, ou o que quer que era, murchára-lhe a expansibilidade folgazan. Enquanto palestravamos, uma a uma me subiam á tona da memoria as scenas e pessoas do Paraiso, a fascinante Laurinha á frente. Perguntei por ella, em primeiro.

— Morta, foi a resposta secca e torva.

Como nos dias claros de verão, nuvem erradia, tapando ás súbitas o sol, põe na paisagem soalheira manchas mormacentas de sombra, assim aquella palavra velou-nos a ambos a alegria do encontro.

— E tua mulher? os filhos?

— Morta, a mulher. Os filhos por ahí, casados uns, o ultimo inda commigo. Meu caro Bruno, o dinheiro não é tudo na vida, e principalmente não é para-rifios que nos ponha a salvo de coriscos a cabeça. Moro á rua tal, apparece lá de noite que te contarei a minha historia — e gaba-te disso, pois serás a unica pessoa no mundo a quem revelarei o inferno que me saiu o Paraiso.

Eis o que ouvi:

“Quando a febre de Campinas orphanou Laurita, eu, como o parente melhor condicionado, trouxe-a para a minha companhia. Tinha ella cinco annos, e já prenunciava nas graças infantis a encantadora mulher que seria.

Eu estava casado de fresco. A minha mulher — não o suspeitaste naquelle jantar? — era uma creatura visceralmente má. O *má* na mulher diz tudo; dispensa maior gasto de expressões: Quando ouvires de uma mulher, que é má, não peças por mais: foge a sete pés. Eu, se fôra refazer o Inferno, acabava com tantos circulos que lá poz o Dante, e no lugar mettia de guarda aos precitos uma duzia de megéras. Haviam elles de ver que paraiso eram, em comparação, os circulos...

Confesso que me não casei por amor. Estava bacharel e pobre. Vi pela frente o marasmar das promotorias, e a victoria rápida do casamento rico. Optei pela victoria rápida, descurioso de sondar para onde me levaria a aurea vereda. O dote,

grande, valia, ou pareceu-me valer o sacrificio. Errei. Com a experiencia de hoje, agarrava a peor das promotorias.

O viver que levamos não o desejo como castigo ao peor scelerado.

— A face noruega!...

— Era exacta a comparação. Gelida como nos corria a vida conjugal no período em que, illudidos, contemporisavamos, tentando um equilibrio impossivel. Depois, tornou-se-me infernal.

Laura, á proporção que desabrochava, reunia em si quanta formosura de corpo, alma e espirito um poeta concebe em sonhos para metter em poemas. Conluava-se nella a belleza do diabo, propria da idade, com a belleza de Deus, ingenita, e o pobre do ten Fausto, um exilado em fria Siberia matrimonial, coração virgem de amor, não teve mão de si, succumbiu. No peito que suppunha calcinado, viçou o perigosissimo amor dos trinta annos. O vel-a deslizando pela casa como a fada mimosa da triste mansão, ora a florir um vaso, ora a ameigar os pequenos, já curando os doentes pobres da fazenda, sempre irradiando em roda de si felicidade e graça, foi-se tornando a razão do meu viver. Todas as generosidades e todas as coragens dos annos adolescentes borbulharam no meu seio. Comprehendi a minha desgraça: era um cego a quem se restituíam os olhos, e deslumbrado via do fundo de um carcere, através de reixas encruzadas, a aurora, a luz, a vida — tudo inacessivel... Victimava-me a peor casta d'amor — o amor secreto...

Correram mezes. Ao cabo, ou porque me trahisse o fogo interno, ou porque desse o ciúme á minha mulher uma visão de lynce, tudo leu ella dentro de mim, como se o coração me pulsasse num corpo de cristal.

Conheci, então, um lugubre pedaço da alma humana, a caverna onde moram os dragões do ciúme e do odio.

O que escabujou ella contra os "amasios"! A caninana envolvia no mesmo insulto a innocencia ignorante e a nobreza d'um sentimento purissimo recalçado no fundo do meu ser.

Intimou-me a expulsal-a incontinentemente. Resisti. Afastaria Laura, mas não com a bruteza exigida, de modo a me trahir perante ella e todo o mundo. Era a primeira vez que eu depois de casado resistia, e tal firmeza encheu de assombro á "senho-



ra". Tenho cá na visão o riso de desafio que lhe crispu a bocca nesse momento, e tenho n'alma as cicatrizes das ascuas que espirraram aquelles olhos! Aceitei a luta. Estas guerras conjugaes de portas a dentro... Não ha'hi guerra civil que se lhe compare, em crueza. Na frente de estranhos, de Laura e dos filhos, ella continha-se. Maltratava a pobre menina, mas sem revelar a verdadeira causa da perseguição. Durou pouco isso. Escrevi a parentes, e concertava com elles a arrumação de Laura, quando... Não te recordas do bosque de pinheiros plantado em seguimento ao pomar?

— O pinhal d'Azambuja!

— Foi o nome que lhe puz, como andassem uns lagartões, seus freguezes, a me pilharem as capoeiras. Este pinhal era o passeio favorito de Laura; emboscava-se ali com um livro, ou a costura, e dess'arte socegava um momento da inferneira domesticidade.

Um dia em que sahi á caça, menos pela caçada do que para retemperar-me da guerra caseira na paz das mattas, ao montar a cavallo via-a dirigir-se para lá com o cestinho do bordado. Demorei-me mais que o usual e em vez de paca trouxe uma longa meditação desanimadora, feita, inda me lembro, de papo acima, sob a fronde d'um angico. Na volta as creanças esperavam-me na escada.

— Papae não viu Laura?

Estranhei a pergunta, e mais ainda vendo approximar-se a velha Lucrecia, que disse:

— Patrão, não vá ter aconterido alguma para nha Laurinha. Sahiu cedo, antes do café, já é quasi noite e nada, ninguém.

— A senhora... comecei eu a perguntar não sabia ainda o quê

— Sinhá está no quarto. Andou pelo pomar, e depois se trancou por dentro, não quer enxergar ninguém, parece que comeu cascavel.

O coração palpitou-me violento. Sahi a procurar Laurinha. Na colonia ninguém a vira. Lembrei-me do pinhal e organizei uma alvorçada batida ao bosque. Com fachos incendidos de galhaça morta quebramos a escuridão reinante. Nada. Eu desanimava já de encontral-a por ali quando um capataz, desgarrado na frente, gritou:

— Está aqui o cestinho.

Corremos todos. Estava a cestinha, e mais adiante... o corpo frio da menina. Morta, á bala! A blusa entreaberta mostrava no entreseio a ferida mortal: um pequeno furo negro, donde fluía para as costellas uma estria de sangue. Ao lado da mão direita inerte, o meu revolver. Suicidara-se...

Não te digo o meu desespero. Esqueci mundo, conveniencia, tudo, e beijei-a longamente, entre arquejos e sacões de desespero.

Trouxeram-na a braços. Em casa, minha mulher, então grávida, recusou-se a ver o cadaver com pretexto do estado, e Laura desceu á cova sem que ella por um só momento deixasse a clausura. Note você isto: minha mulher não viu o cadaver da menina. Dias depois, humanisou-se. Deixou a cella, voltando á vida costumeira, muito mudada de genio, entretanto. Cessára a exaltação ciumenta do odio, vindo em lugar um mutismo sombrio. Pouquissimas palavras lhe ouvi d'ahi por diante.

A mim, o suicidio de Laura sobre abalar-me o organismo como o peor dos terremotos, preocupava-me como um enigma. Não comprehendia aquillo. Suas ultimas palavras na casa, seus ultimos actos, nada induzia o horrivel desenlace. Porque se matara Laura? Como conseguira o revolver, guardado sempre no meu quarto, em lugar que só eu conhecia? Uma inspecção nos seus guardados não me esclareceu melhor; nenhuma carta, ou escripto indicioso.

O tempo foi reparando o desarranjo. Correram os mezes. Por fim minha mulher deu á luz um menino. Que dia! doe-me a cabeça recordal-o... A velha Lucrecia, auxiliar da parteira, foi quem me veiu á sala dar noticias do bom successo,

— Desta vez foi um menino, mas veiu marcado.

— Como marcado?

— Tem uma marea no peito, uma cobrinha coral de cabeça preta.

Impressionado com a exquiritice, dirigi-me ao quarto. Acrequei-me da creança e desfiz as faixas o necessario para examinar-lhe o peitinho. E vi... um estigma que reproduzia fielmente o ferimento da Laurinha: um nucleo negro imitante ao furo da bala, e a "cobrinha", uma estria rubra enviezada pelas costellas abaixo. Um raio de luz inundou-me o espirito. Comprehendi tudo. O feto em formação nas entranhas da mãe,



fora a unica testemunha dum crime, e mal nascia, denunciava-o com esmagadora evidencia.

— Ella já viu isto? perguntei á parteira.

— Não. Não é bom que veja antes de sarada.

Não me contive.

Escancarei as janellas, derramei o sol no quarto, despi a criança e pul-a nua ante os olbos da mãe, dizendo com frieza de juiz:

— Olha, mulher, quem te denuncia!

A parturiente ergueu-se de golpe, recuou da testa nas madeixas soltas, e cravou os olhos no estigma. Esbogalhou-os como aloucada, á medida que lhe comprehendia a significação. Ergueu-os para mim, e aquelles olhos duros pela vez primeira se enturvaram ante a fixidez inexoravel dos meus. Em seguida molleou o corpo, descaindo para os travesseiros, vencida.

A' noite sobreveio-lhe uma crise. Acudiram medicos. Era a febre puerperal sob fórma gravissima. Minha mulher recusou obstinadamente a medicação, e morreu sem uma palavra, afóra as insconcientes escapas nos momentos de delirio.

• •

Mal concluita Fausto a confidencia daquelles horrores, a porta abriu-se e entrou na sala um rapax imberbe.

— Meu filho, disse o pae, abre a camisa para que o Bruno veja a tua cobrinha.

A illusão era perfeita: lá estava a imagem do orificio aberto pelo projectil, e do fio de sangue escorrido.

— Veja você concluiu o meu triste amigo, os caprichos da Natureza...

— Caprichos de Nemesis... ia eu dizendo, mas o olhar do pae cortou-me a palavra: o moço ignorava o crime de que fóra elle proprio o eloquente delator.

MONTEIRO LOBATO.

FLÔR DO CAMPO (*)

NARRATIVA

SEGUNDA PARTE

Flôr do campo é flôr do campo.
Na selvagem natureza
Graça, força e encanto exhala;
Ahi é flor de belleza,
Que o ar agreste mais aviva,
Mas entre as flores de sala,
Que a industria humana cultiva,
Pôbre é a flôr do campo, e esquiua;
Entre as que falam, não fala;
Entre as de perfume, cala
A pura essencia nativa;
E no ambiente de gala
E' como triste captiva,
Humilhada na pobreza,
Saúdoza do céu escampo
E da agreste natureza...
Flôr do campo é flôr do campo.

I

- " — Bemvindo ao lar paterno o filho prodigo!"
" — Quem foi, quem foi o santo milagroso
" Ao qual devemos a resurreição
" Do triste e misanthropo suicida?"
" — Milagre! não. Astucia de legarta,
" Hibernada em casulo, a tecer azas
" Para o borboleteio entre as mulheres!"
" — Oh redtívolo! espantas mais que um morto
" Resurgido da cova, pois resurges
" Da horrenda selva, e não nos vens selvagem!"
" — Roça ou harem, ó grão vizir das damas?"

V. a Revista do Brasil de fevereiro e março.

Taes e quejandas saudações brincadas
Exclamavam, no abraço, os companheiros;
E Flavio, a rir do espanto dos amigos,
Sentia na verdade quasi o effeito
De um resurgido; tão diverso o ambiente
Da nativa cidade e o alto socego
Do primitivo campo já remoto.
Extranha-o, mas, effeito não previsto,
(Tanto é contradictoria a natureza)
A mesma sensação de pleno gozo
Que haurira no contacto do ar silvestre,
Agora o envolve, como o banho tepido,
Ao corpo molestado da viagem.

Parecia-lhe a ausencia de um só anno,
Que fôra de annos; nem se affigurava,
No bem-estar do espirito refeito,
O que pudera haver-lhe dado o tedio
Da nativa cidade. Tudo apraz-lhe:
O agitado rumor das feias ruas,
As velhas casas, e, entre todas, essa
Em que os dias poesou da juventude.
O quarto seu é como um collo amigo
A apertal-o em abraço de ternura
E doce queixa do abandono ingrato.
E tudo allí revê, no gosto e arranjo,
No ar que respira e as flores que o ataviam,
Nos mesmos livros seus tão bem cuidados;
Tudo revê allí as mãos maternas,
As mãos, o olhar, o coração e o espirito
Da doce mãe solícita, que o achega
Ao peito como se elle fôra ainda
O filho pequenino; e não se farta
De embebel-o nos olhos, bemdizendo
As idas maguas dessa ausencia longa.
Como ella, a mãe, sorri de o ver sorrindo
Contente, repartido entre as caricias
Das irmãs que o interrogam, que se espantam
De quanto lhes responde que fizera
Nesses cumpridos mezos tão distantes!
Espantam-se de industria, curiosas
De saber o de que já têm noticia,
Os amores do irmão. Bem as entende,



E elle mesmo tem pressa de expandir-se.
 Mas não alli, diante toda gente,
 Embora amigos. Mal que foram todos,
 Retomando a conversa interrompida,
 Disse-lhes Flavio tudo; e foi infindo
 O interrogar das duas em minucias,
 Que elle só atalhou com a alegre nova
 E guardada sorpresa, de que Laura
 Tinha vindo, e ellas tam conhecel-a.

II

Em presença das duas — Laura e Alice —,
 Antes de Flavio apresental-as, cuidam
 As irmãs delle que era Alice a noiva;
 E ambas depois ingenuamente o dizem,
 No estouvamento de um ingenuo espanto.
 Flavio sorriu do engano que exprimia
 Quanto diverge o olhar frívolo dellas
 Do seu amante olhar illuminado.
 E o coração melhor confirma o acerto
 Da escolha feita, na impressão materna
 Que é como a sua. Olhos de mãe são claros
 Sempre e profundos no que affecta aos filhos;
 E os olhos della discerniram logo
 Naquelles gestos timidos de Laura
 A bondade e a belleza que influiram
 O amor do filho; e adivinhou-lhe a graça
 Mal vestida no acanho de roceira.
 Entre extranhos, sentindo que a notavam,
 Emmudeceo Laura, e mal os olhos
 Animava-se a erguer. A mãe de Flavio
 E' que a seu lado lhe vencia o equivo
 Silencio commovido, e carinhosa
 Já lhe falava no materno idioma,
 E lhe abria o medroso sentimento,
 Que, em tão doce aconchego, confiante
 Todo se reflectia no olhar alto
 E no pleno sorriso desfolhado
 Em todo o rosto.

E Flavio exulta, vendo

A sympathia e a communhão das duas;



E satisfeito o espirito descansa
 No tacto noivado que abençoa
 O coração materno.

III

Ah se tivessem

Amigos e parentes e os extranhos
 Um pouco da luz intima que informa
 Nos olhos delle e nos maternos olhos
 Imagens de visão!

Já Flavio adverte

Risos velados e allusões distantes.
 Na rua, acompanhando os paes de Laura,
 Nota, não só de extranhos, mas de amigos
 Os xombeteiros olhos que commentam
 O singelo casal provinciano.
 Nem lhe faltou desabusado amigo
 Para fazer o chasco sem disfarce
 E o riso em roda sobre os modos toscos
 Do velho fazendeiro. Poz-lhe termo
 Flavio ao gracejo com palavra prompta.
 Mas o mesmo allencio embaraçado
 Com que os amigos desde então lhe rendem
 Respeito ao sentimento que adivinham,
 Inda mais que a allusão, constrange a Flavio.
 Aos poucos lhes evita a companhia.
 Não pode emtanto desprender da mente
 A causa da esquivança, e já o molesta
 A presença do velho fazendeiro.
 Sente que o pensamento, a idéa, o gosto
 E' menos fracto individual que o effeito
 De impressões collectivas, que em conjuncto
 Actuam, se reflectem, se combinam;
 E é o homem sempre uma expressão do meio,
 De minuto em que vive: é como a lasca
 De espelho que retrata o que o circumda.
 Que vale a só razão contra os sentidos?

Flavio vanmente afasta da lembrança
 Os argumentos frivolos da moda,
 As futéis regras da etiqueta, e os usos
 Da sociedade cidadã ridiculos;

E invoca e afirma o que tem peso no homem,
A bondade, a energia, e o sentimento...
A' toa, a imagem vê do fazendeiro
No aspecto de contraste ao novo ambiente.

IV

Mas que lhe importa essa impressão molesta?
Busca Flavio conforto na lembrança
Dos mezes de tão límpida ventura
Vividos na fazenda. Fecha as palpebras;
Revê o encanto e a placidez ditosa
Em que ascendêra para o amor e o sonho.
Surge-lhe a imagem de innocencia meiga
De Laura. E tanto a apparição o enleva,
Pela harmonia que á alma lhe imprimira
A primeira visão, que ainda agora
Em presença de Laura elle se surpreende
Abstracto, em mudo extase fitando
A imagem della no intimo de su'alma.
— "Tão distrahido você anda, Flavio,
Que nem respondê á gente!" Laura observa.
— "Pensava na fazenda, com saudade,
E é o mesmo que pensar só em você".
— "A seu lado não posso ter saudade.
Tão contente que estou".

Laura é já dona

Do coração de todos na familia.
Mesmo as irmãs de Flavio comprehendem
Que entre ella e Alice o irmão gostasse della.
E' tão boa, tão simples, tão ingenua!
Abre-se-lhe a alma toda sem rebuço,
Sem artificio intencional; nem cala,
(O que a principio faz espanto ás outras)
A ignorancia da moda e a indifferença
A' arte subtil do adorno feminino.
Querem as outras ensinar-lh'a, e escuta
Risonha e obediente.

Flavio assiste

Com seu experte voto as lições dellas;
E são scenas alegres em que folgem
Com abundancia de alma, e, mais que todas,
Laura, que os vê zelosos e empenhados

Em dar-lhe o gosto e o jeito de coéumes
Tão avesso aos seus. Acha-lhes graça,
Imita o que lhe mandam; complacente
Deixa que o penteado lhe transformem,
Lhe escolham o chapéo da ultima moda;
E é já da ultima moda o seu vestido.
E defronte do espelho ri surpresa
De tamanha mudança. Mas não muda,
Com a veste e a moda, a fôrma do vestido.
A sua singeleza contrafelta
Não se submete tanto ás attitudes;
E ao cabo, rindo de si mesma, exclama
Que ha de ser sempre como foi, roceira.
E assim prefere-a Flavio, sem dizel-o;
Flavio, e as irmãs, e a mãi, que ella encantava
Nos passatempos de intimas visitas.
Tirando os adornos da toilette,
Em cabello e avental, caseira simples,
Era então ella a meeira; e divertiam-se
As outras aprendendo e saboreando
Os varios doces, bolos e quitutes,
E, mais que no preparo e gosto dellas,
Enlevavam-se a ouvir-lhe e ver-lhe a graça,
Que resurgia em plenitude, apenas
Em torno della o ambiente recompunha
A natural simplicidade agreste.

V

Mas, num salão, que differença e pena
Faz Laura! e mais, se gente extranha assiste!
Noiva, em casa de Flavio se reúnem
Os parentes e amigos, aprazados
A conhecer a noiva. Flavio ostenta
No prazer que é sincero a segurança
De uma escolha perfeita de bom gosto.
Que nos outros a duvida emmudeça
Quanto ao seu tino de sagaz mundano.

Laura não pensa no que della pensem.
O pensamento todo se lhe absorve
No amor feliz, sonhado e realizado
Em Flavio; e agora a imagem dellas embebe



No doce olhar qua o chama. Aos que a circundam
 Alheia, em monosyllabos responde;
 E como sente que a observam, cõra,
 Turba-se; e o acanho natural recrea.
 Alice é quem lhe acode no embarço,
 Solicita a seu lado; e em breve Alice
 Toda a attenção e o agrado atrahê do grupo.
 E' moça de salão, sabe os segredos
 Da versatil palestra, que percorre
 Saltitando os assumptos, mal que assomam.
 E sabe e usa com donaire os gestos,
 Os risos e as posturas elegantes.

A' parte num momento, Flavio adverte
 No grupo; e cerra as palpebras buscando
 Outro quadro, e a visão remota e amada.

VI

E' o homem sempre uma expressão do meio,
 Do minuto em que vive; é como laeca
 De espelho que reflecte o todo ambiente.
 Que vale a só razão contra os sentidos?
 Que vale o só amor contra os sentidos?

VII

Tinha passado a primavera, e ardente
 No céu azul o estio irradiava;
 Tanto, que o pai de Laura apprehensivo
 Fixou de um dia para o outro a volta.
 Flavio ficava.

"A vida, Laura, é um sonho,

Com a condição porém de que não paira
 Como um floco de nevea. O meu noivado
 Impõe-me nova obrigação de esforços.
 Tenho de construir o nosso ninho.
 E' só o trabalho que me prende o corpo,
 O corpo só, que o coração e a alma,
 Todo o meu pensamento vai embora
 Com você, Laura, eleita e noiva minha.
 Nem a mesma riqueza, se a tivesse,



Me tornaria indiferente o esforço
Por ter um nome; não por ser valioso,
Mas por amor de você mesma, Laura.
E agora nada já me falta ao zelo.
Será esta saudade um incentivo
Para encurtar a ausência. Poucos mezes,
E irei buscá-la para a nossa casa..."
"— Vou achar a fazenda tão vazia!
Eu, sem você, sezinha e esta saudade...
Você tem seus trabalhos que o distraiam."
"— Procure distrair-se trabalhando;
Faça o seu enxeval, enquanto eu fico
Fazendo o ninho. Olhe, não chore, escute:
Prometto antes de um mez ir á fazenda;
E irei depois sempre que possa, Laura".

VIII

"Laura — escrevia Flávio — neste instante
Chegô da Estrada; venho como um corpo
Sem alma, ou só a tenho porque sinto
A solidão escura de um deserto.
Toda a minha coragem dissipou-se
Vendo afastar-se o trem que te levava.
Vi-o sem ver, na sombra dos meus olhos.
Pedi então a Deus me desse azar
Com que eu voasse a te alcançar. Tão longe,
Tão longe, Laura! Certo eu não previa
Ficar assim como um desamparado,
Sem coragem, sem força, em desespero..."

IX

"Flávio — escrevia Laura — que saudade!
Tudo aqui, sem você, está deserto,
E eu sou como uma sombra de tristeza..."

X

"Laura, este mez se alonga como um anno;
As horas são mais lentas do que mezes.



E os minutos mais tardos do que as horas
Tenho no pensamento a tua imagem,
E ella só me dá forças á esperança".

XI

"Tenho na minha mesa o teu retrato,
E converso com elle, e dou-lhe as flores
Que trago dos passeios solitarios
Aos pontos em que andavamos. Sorinha,
Vivo de ti mais perto, e ás vezes penso
Ouvir-te a voz. Já preparei teu quarto.
Os dias me parecem mais compridos,
Quanto mais se aproxima a tua vinda".

XII

"Laura, perdoa-me. Este mez não posso
Ir visitar-te. O meu trabalho é tanto,
Que já não tenho tempo de descanso.
Lembra-te, Laura, que é por ti que o faço,
E que este sacrificio que nos custa,
Vale como a esperança de mais breve
Mudar em realidade o nosso sonho".

XIII

"Esperava fazer-te uma surpresa,
A' chegada do trem. Mas tua carta
Encontrou-me em caminho do arraial.
Antes não promettesses nada, Flavio!
Custa-me comprehender qualquer motivo,
A não ser de molestia, que pudeesse
Sobre ti tanto e mais que esta saudade.
Pois ha trabalho que não possa um dia,
Dois ou tres dias, ser interrompido?
O que me fez soffrer, você não sabe!"

XIV

"O que sei bem, minha querida noiva,
E' que a vida a seus olhos se affigura



Um adejo de leve borboleta.
Não vivemos de flores, doce Laura,
Mas do trabalho; e não será por gosto
Que eu me prive de ir ver-te. Sê paciente;
Confia no teu noivo, e não o accuses
De não saber amar-te. Ó bem amada!"

XV

Que vale o só amor contra os sentidos?
Nem perdura a saudade, se lhe rompe
Um pensamento estranho a aerea tela
Que o coração em volta de si mesmo
Tece para viver sozinho e obscuro.
São tenuíssimos fios que resistem,
Pelo próprio conjunto entrelaçado
E a meia sombra e o escuro que os preservem
Da lufada do vento. Estala um fio,
A luz penetra, abala um sopro a tela;
E vão os fios se rompendo acaso...
Mas se os protege a solidão e a sombra,
Os finos fios dessa tela leve,
No decorrer do tempo se enrijando,
Ficam mais fortes do que malhas de aço,
Formam muralhas, para a vida e a morte,
Do coração recluso de si mesmo.
Assim tecera o coração de Laura
A tela da saudade, em que morava.
E o tempo decorria em vana esperas;
E o pensamento mudo concentrado
E o amor dentro em si mesmo recolhido
Guardavam-lhe e nutriam-lhe a saudade.

XVI

Flavio porém... Subtil influxo e forte
E' o que insínda a sensação latente
Na qual tardio o espirito repara.
Relucta o amor e vence e se afervora
Contra quaesquer obstaculos que o affrontem,
Sejam da propria ou da razão alheia.
Mas al do amor que na razão procura

Razões que valham contra o que se esconde,
Contra o que é surdo e vago e imperceptível!

Amor, como começa e como acaba?
Assim o somno: que olhos discerniram
O instante exacto em que os velou a névoa.
Da inconsciência placida e diffusa?
Que olhos já presentiram que se deixava
A doce embriaguez do somno? Acordam,
Soprehendidos sempre de accordarem;
E acordados acaso, a contragosto,
Ou inda insomnes, quanto mais desejam
A delicia da tepida doçura.
Mais esquivo se torna o leve somno.
Amor é como um somno de alma. E Flavio
Ficou surpreso de já estar desperto;
Surpreso e descontente; e em vão pedia
A' razão e ás lembranças do passado
Aquella confusão delliciosa
Que lhe fazia ver o mundo todo
Em Laura e só em Laura. Como um echo,
Lento e distante, vae amortecendo;
Era assim a resposta das lembranças
Evocada por Flavio. E a razão quieta,
Como um juiz sereno, analysando
O presente e o passado, respondia
(Ao mesmo Flavio, e, pelos labios d'elle,
A' censura sollicita materna)
Que o seu amor fôra illusão de amor,
Um innocente brinco dos sentidos,
Vivaz symptoma da convalescença
Do coração enfermo, que fugira
Ao rumor da cidade.

Sentimento

Que traz em si a condição duravel.
Nasce como o cristal no melo proprio.
Para Flavio a demora no ermo agreste
Fôra só accidente passageiro;
E accidental e passageiro tudo
Que sentira no campo. Agora o via,
Tardio e triste de causar consciente
A magua e a dor de Laura. Era penoso
Que ella entendesse o seu esquecimento;
Era de certo um acto muito rude,



Solver, sem o explicar, o seu noivado.
 Mas solvel-o dizendo-o, era mais rude;
 Fôra causar-lhe a morte, Laura amava-o,
 Mas elle, se a esposasse, só por pena,
 Por lealdade da palavra dada,
 Tinha a certeza de não ser feliz
 E fazel-a infeliz. E assim, perplexo,
 Flavio sentia que só o tempo tinha
 Para o difficil caso um desenlace,
 A lenta habitação do esquecimento,
 E inerte olhava o perpassar dos dias.

(Fim da 2.ª parte)

TERCEIRA PARTE

Seiva que na haste pequenina
 Abres e avivas folha e flor
 A' verde alfombra da campina;
 Quem, te olhando a planta franzina
 Ou te sentindo o leve olor,
 Quem te imagina,
 Força que faz nascer a dor,
 Seiva de flor?

I

Na estrada da fazenda á extrema curva
 Que desvanece o vulto do viandante,
 Para ahí Laura envia e alonga os olhos,
 Lentos, saudosos olhos que não cessam
 De esperar, de buscar uma esperança.
 Por allí tinham vindo cartas d'elle,
 E cada carta fôra uma promessa...
 Depois, de carta a carta, decrescêra
 Em circumloquios vagos a promessa.
 Depois breves bilhetes espaçados:
 E agora um mez vazio estava findo
 Sem um bilhete d'elle. E dia a dia
 Laura á janella do seu quarto, á hora
 Em que chegava do arrabal o servo
 Portador costumelro da fazenda,
 Revivia a esperança; e silencioso
 Dos olhos lhe vasava o desengano

Sem testemunha, sem um commentario
 Dos tristes labios seus. Emmudecia-os
 O proprio amor que no soffrer calado
 Tinha a energia e orgulho de ser forte.
 Presentia a verdade que a humilhava
 E contra a humilhação a alma erigia.
 Fechada e muda. Ahi secreto e em sombra
 Operava na dor o pensamento:
 Queixas, soluços, gritos estuavam;
 E eram como a parada superficie
 De um fundo sorvedouro, os olhos della;
 E como a beira de um abysmo escuro
 Vejetação florida engana a vista
 Do que o perlonga; assim o equal e brando
 Teor da vida em Laura disfarçava
 Para os outros o mundo de agonia,
 O choque de esperanza e desalento,
 O debater de humilhação e orgulho,
 A intermittencia de revolta e anseio,
 Lucta já tão intensa e tão continua,
 Que ao pensamento della consentia
 Ir ondulado inerte, alheio, acaso.

II

Viam-na assim os paes, e sem suspeita
 Da realidade apenas inquiriam
 De quando em quando novas do seu noivo.
 Laura affirmava novas que não tinha,
 E proseguia no trabalho quieto,
 (Que era um disfarce e ainda uma esperanza)
 Do enxoval de casada, jamais findo,
 Sempre accrescido em calculo, á maneira
 Da dilatoria teia de Penélope.
 E enquanto as mãos entremoviam bilros,
 Ou com sollicitude o olhar seguia
 O labor das mucamas costureiras.
 Suspendia em repouso o pensamento.

III

Disse-lhe um dia a mãe, interrompendo
 Vaga conversa a custo entretecida



(Tão breves ou tão falhas as respostas):

" — E vai se prolongando este noivado
Indefinidamente: e é o mais estranho
Que seu noivo não tenha. Laura, um dia
Para vir á fazenda... ha tantos mezes!"

• Laura susteve sublte o trabalho,
Mas logo o retomou, e á estremeçada
Voz, com esforço, dava um tom de calma:

" — E' que não pode; tem muitos negocios
Que não lhe deixam ausentar-se agora.
E é o que sempre me diz nas suas cartas.

" — Mas que negocios pode haver tão serios
Que não deixem um noivo ver a noiva?
Então era melhor casar-se logo..."

" — Mamã não sabe; elle explicou-me tudo..."
E Laura repetia, encarecendo-as.

As razões que nas cartas Flavio expunha.

" — Pode ser—disse a mãe—mas no meu tempo
Os noivos não sentiam desse modo.

E' verdade que o meu era rociro...

Esses moços da Corte..." E a reticencia

Dizia o que o seu zelo carinhoso

Recejava exprimir em voz-aberta.

Laura fitou a mãe anciosamente:

" — Mamã duvida então... pensa que Flavio

De proposito alonga o seu noivado

Por não me querer mais?" —"Não, minha filha,

Não digo tanto, mas de certo inquieta-me

Esta longa demora; e estou disposta

A lembrar a seu pai que escreva a Flavio..."

Apenas Laura a angustia reprimia;

Conteve-a a reacção do orguiho e a idéa

De dissuadir a apprehensão materna.

" — Mamã, se me quer bem, nada lhe diga;

A carta de meu pai offenderia

O amor proprio de Flavio, que é sincero.

Eu é que havia de soffrer com isso.

Eu não duvido d'elle, eu sou a noiva;

A ninguem me queixe, e tenho nelle

A mesma confiança que no dia

Em que lhe dei a minha mão de noiva".



IV

Bocca que tal dizia, reprimindo
 Estes de onda amarga que entumescem
 O collo debil de cansaço e offego,
 Agora que a não ouve alheio ouvido;
 Nem cuida e escute o proprio ouvido illuso,
 Aos mudos surdos muros do seu quarto
 Deixa enfim que se expanda a voz sincera.
 E allí a onda de magua, farta rompe
 Em soluços da tremula garganta
 E em lagrimas dos olhos requeimados.
 Cedía enfim o orgulho á dor mais forte,
 O carinho materno que a amparara,
 Dera-lhe a consciencia da fragueza;
 Já lhe faltava o animo e a esperanza,
 E via desvendado o seu destino.

V

Nesse triste abandono de si mesma
 Ao pranto soluçado, em que se escôa
 A dor contida na presença alheia;
 Sorprehendeu-a um dia a serva amiga,
 Segunda mãe que do seu peito negro
 Lhe dára, mais que á propria filha, o leite
 Alvo e sem conta, e o amor de escrava de alma.
 E escrava se aprazia em ser, embora
 Por gratidão a houvessem feito livre.
 Maior cadeia do que a lei e a força
 Era a lembrança do seu sangue haurido.
 Ao farto zelo dos mimozos labios
 Que lhe deram valdade e bem á vida.
 E em ser a mãe segunda tinha orgulho,
 E em, mais que todas, ser a sua serva
 Com a só rude razão do sentimento.
 Vendo tamanha magoa, acode afflicta:
 — "Lalú, lhe diz, não chore; onde é que soffre?
 Conta, que Paula vai buscar remedio.
 Remedio só não ha, se é o céu que manda
 O mal á gente. Anda, Lalú, conversa
 Com sua mãe de leite, que tem pena
 De ver soffrendo a filha de sua alma."

E outras e taes palavras de carinho
 A ama lhe disse na linguagem tosca
 A que imprimia côr e accento a origem
 Do coração escravo. Persuadida,
 Laura fallou contando a sua magua,
 E a causa della e o triste desespero
 Sem já outro remedio mais que a morte.

— Lalú, socega! Tudo tem remedio.
 Seu noivo gosta de você ainda.
 E' o que me diz o coração cá dentro
 E estes olhos que viram tantas vezes
 Os olhos delle olhando a namorada.
 Lembra, Lalú? Então o amor da gente
 Ha de acabar assim depressa e á toa?
 Não cré, Lalú; amor como era aquelle
 Só acaba com a morte do seu noivo,
 Sabe? Paula imagina o que é que prende
 Seu noivo de você. Ha hí feitiço;
 E' sempre quando ha felicidade,
 Que o feitiço trabalha. Mas socega!
 Feitiço se desmancha com feitiço
 Parceira Chica tem as rezas della
 E o segredo que faz o encantamento."

VII

Na cabana de Chica, a feiticieira,
 Já promptos os aprestos para o rito,
 (Luzia no céu alto a lua cheia,
 E os cães ladravam pela estrada a esmo)
 Timidamente, acompanhando a serva,
 Laura entrou silenciosa como sombra.
 Era escuro o aposento e baixo, ao geito
 De uma caverna; ao meio ardia a chamma
 De um brazido entre pedras sobre a terra.
 Alimentava-a de aridos gravetos,
 Empilhados no pé, a feiticieira,
 Que em raso tamborete se agachava
 Attenta para a chamma crepitante.
 Sentindo gente, o rosto ergueu, e a chamma
 Esbateceu-se-lhe ás faces, destacando-a
 Na meia treva do aposento escuro.
 A hora da noite, a profissão da maga,



O mysterio das cousas turbam Laura,
 Aos seus pavidos olhos se affigura
 No rosto moço e plaído da negra,
 Que sorri do praezer da visitante,
 O escarneo e a carantonha de uma bruxã,
 De olhos de fogo, esqualida e medonha.
 Treme, desvia o olhar, vacilla e cuida
 Em voltar e fugir; a ama que a leva
 Pela mão, a retém, falla-lhe e anima-a.
 E Laura, inerte, ouve, responde, e entrega
 Automaticamente o que trazia,
 Por combinado anterior aviso:
 Um retrato de Flavio, um lenço delle,
 E nove fios do cabello della
 Cerce cortados nessa mesma noite.
 Ao topo de um madeiro affeiçoado
 Em tosca forma humana, e que ella finca
 No chão batido, a feiticeira préga
 O retrato de Flavio, e junto enlaça
 O lenço delle. Arde e crepita o fogo,
 E das hervas que a negra põe á chamma
 Ergue-se denso acre-cheiroso fumo
 E se ennovela no madeiro e o encobre.
 (Luxia no céu alto a lua cheia,
 E os cães ladravam pela estrada a esmo).
 E a feiticeira opera o rito e canta:
 " A lua está de fora, a lua traga
 " O noivo ausente para a noiva triste.
 " Como este fumo cobre a imagem delle,
 " Vae cobrir a saudade os olhos delle."
 " Como estas hervas que consome o fogo,
 " O amor de noivo ha de deixar extinctos
 " Os prazeres de todas as mulheres.
 " A lua está no céu, a lua traga
 " O noivo ausente para a noiva triste.
 " Tres vezes trae envolvo este cabelo
 " Da noiva ao peito de seu noivo amado;
 " Assim o noivo ha de sentir que prendem
 " Seu coração correntes do amor della,
 " A lua está no céu, a lua traga
 " O noivo ausente para a noiva triste.
 " Deito na chamma deste fogo que arde,
 " O pello e o pé dos ossos de um cabrito:
 " Assim no coração do noivo o sangue



" Ha de queimar ao fogo do desejo.
 " A lua está no céu, a lua guia
 " O noivo ausente para a noiva triste.
 " Como no campo o touro farejando
 " Muge e a novilha mugidora busca,
 " Assim o noivo ha de chegar ardendo
 " Do desejo da noiva que o deseja. "

Luzia no céu alto a lua cheia,
 E os cães ladravam pela estrada a esmo.

(Fim da 3.ª parte)

EPILOGO

Vida, minuto que passa,
 Sombra tenue de um desejo,
 Rapido impulso de adejo,
 Voz que tremula e voaça
 Num sonho, às vezes num beijo.

I

No espirito de Flavio repassavam
 Como estribilho de remorso e pena
 As palavras do breve telegramma,
 Que a subita viagem decidira:
 "Urgente. Venha. Laura muito mal".
 Alongavam-se as horas do percurso
 Que a ansiedade da espera deamedia.
 Seus olhos não olhavam na paisagem,
 Nada viam no livro às mãos aberto.
 "Urgente. Venha. Laura muito mal".
 Em turbilhão voava o pensamento
 De extremo a extremo do trajecto infindo,
 E revertia ao tardo e inerte corpo
 Fixo á miséria de impotente peso.
 E ia e voltava e alava-se no espaço
 E no tempo seguindo horas antigas,
 Horas de occaso em que a saudade abria
 Mavioso crepusculo de sonho...

II

Visão que o leva agora pela estrada
 No arranco da carreira impetuosa

De animal a que punge espora aguda,
 Com toda a força d'alma alada e infrens;
 Visão que se levanta como um floco
 De nevoa ondante no luar calado;
 Visão antiga, imagem viva ou sonho,
 Alma talvez do amor aqui nascido,
 Aroma de saudade e de volupia,
 Que a doce luz se exhala da floresta;
 Surges da terra ou é do céu que desceca?
 "Urgente. Venha, Laura muito mal".

III

"— Laura!" e sem mais dizer Flavio ajoelhou-se
 Ao pé do leito, e á mão que ella estendia,
 Entre as suas tomando-a, poz os labios,
 E em longo, ardente beijo disfarçava
 A dor, o medo, o pranto dos seus olhos.
 "— Flavio! E' você? Posso morrer agora.
 Custava-me morrer sem vel-o, Flavio".
 Disse-o com pausa e esforço, mas serena;
 Em resignada quietação distante
 De quem já olha a vida do outro lado.
 Flavio não mais conteve o impeto ao pranto.
 "— Laura, por Deus, não falle em morte, Laura,
 Pense em viver por mim que sou seu noivo".
 Laura ergueu-lhe a cabeça, debruçada,
 Puxou-a a si, ficou a olhar-lhe o rosto,
 Plácida e muda; subito, vibrando
 De nova, extranha, derradeira força,
 Beijou Flavio na bocca ansiosamente,
 E descahindo, sem mais alma, disse:
 "— Maldita a bocca de mulher, maldita
 Que este meu beijo, Flavio... ultimo beijo..."

FIM

MARIO DE ALENCAR

Errata ao trecho publicado no fasc. n. 27 —

- Pag. 257 — linha 17 — E **fixou** de repente o olhar no delle
 " 259 — " 17 — Tacito só para elles, **paiz**, que expressao
 " 260 — " 11 — Não lhe sentiras a **Belleza** viva
 " 261 — " 23 — A borboleta livre em seu **ndejo**
 " 261 — " 4 — **Tantos, tão altos, tão vermelhos...** Flavio
 " 261 — " 15 — Alvejando-lhe o **cofo** do vestido
 " 269 — " 3 — Como a alma se lhe esboça **ennamorada**
 " 271 — " 15 — Pelo seu enxoval de noiva a **Côrte**

LIVROS

EM TORNO
DE MACHADO DE ASSIS

A bibliographia da vida e obra de Machado de Assis vai crescendo dia a dia. Depois do interessante estudo de Aleides Mays, e primeiro estudo documentado e sério da personalidade do grande escriptor, veio Alfredo Pujol com o seu trabalho saudavel e forte, que realizou o absurdo de entrelaçar a erudição com a ternura e a analyse com o entusiasmo. A esses juntou-se ultimamente um joven medico, o sr. dr. Luiz Ribeiro do Valle, que trouxe a contribuição de uma these scientifica — “a Psychologia morbida na Obra de Machado de Assis”, — na qual desfila toda a galeria de tarados e nevropathas dos romances e contos do mestre. Mais ou menos ao mesmo tempo, o sr. José Maria Bello, um crítico promettedor, dava-nos um penetrante ensaio acerca da personalidade moral e literaria de Machado, ensaio que tem sobre outros meritos o de representar um sincero e demorado esforço de comprehensão, sem idéas preconcebidas, sem preocupações de originalidade e sem amplificações loquazes. A esses nomes podem acrescentar-se os de Mario de Alencar, Afranio Peixoto, Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, Assis Chateaubriand e outros ainda. Todos esses homens de letras têm dito de Machado de Assis, embora rapidamente, coisas que refogem á banalidade do elogio vago e precisam ser levadas em conta.

Ainda não é tudo quanto o nosso grande romancista merece, posto que já seja alguma cousa. O seu caso, sob o ponto de vista social, sob o ponto de vista psychologico, sob o ponto de vista esthetic, ainda fornece margem para muita observação e



muita reflexão que não valeriam apenas como curiosidade, mas também por outros títulos mais preciosos.

Falamos em ponto de vista social. E' um dos mais fecundos, e o menos explorado. Em geral, quando se acaba de ouvir ou de lêr algum dos admiradores de uma figura de grande porte, como o nosso romancista, experimenta-se a impressão estupefaciente de um milagre. E' que metade dos apologistas, para fazerem resaltar o retrato, que atiram á tela em brochadas impetuosas, deformam e deprimem propositadamente o meio. A outra metade, salvas as excepções, dando embora alguma importancia ao ambiente, deixa-o em todo caso na penumbra, e faz incidir toda a luz intensa no grande vulto solitario. O effeito do contraste nos empolga. E não raro nos surprehendemos a perguntar aos nossos botões, farejando o maravilhoso,—como é que tal figura ponde surgir em tal scenario... Ora, seria mais interessante, mais comprehensivo, e mais util, com certeza, que alguém com forças para tanto apprehendesse justamente a pintura do scenario, tal como foi no tempo em que por elle andou a grande figura. Essa figura seria então tratada, não propriamente como um "retrato", mas como componente de um vasto conjunto. Este, na sua totalidade, é que seria o objecto visado pelo artista. O vulto eminente ficaria collocado no plano que calhasse, conforme a perspectiva e conforme a distancia fixada. Nada perderia com isso, porque uma montanha, vista de longe ou de perto, é sempre uma montanha. Em compensação, o meio, o grande organismo de que esse vulto foi parte, relevo, resultante e expressão, teria muito a ganhar com certeza.

Ha, sem duvida, nos homens de alto valor intellectual, uma somma consideravel de originalidade "virgem", que parece ás vezes sobrepujar por completo a somma das influencias recebidas, notadamente as influencias directas do meio. Olhados pelo simples aspecto exterior, dir-se-iam estrangeiros inadaptados e inassimilaveis. Surgem então theorias disparatadas para explicar o apparente disparate. Appella-se, por exemplo, para umas vagas revivescencias ancestraes, jogando-se com o factor biologico e outras coisas complicadas, obscuras e asperrimas, com um ar de tranquilla familiaridade, que faria sorrir um servente de laboratorio dotado de dois dedos de



bom senso. Os termos *raça*, *ascendencia*, *sangue* e os correlatos, quasi sempre dependentes de definição, todos dependentes no caso concreto de indagações penosas, são enfileirados e movidos de um para outro lado, livremente, com um piparote, como pedras de um jogo de damas. De Anthero de Quental, tão excepcional se affigurava a sua compleição psychica no meio onde nasceu e viveu, se disse um dia que era como um escandinavo perdido na terra insolada e florida de Portugal. O achado seduziu a muita gente, como não podia deixar de succeder, e de certo não faltou quem logo se abalancasse a tracejar, com dois ou tres pontos de referencia improvisados, o itinerario subterraneo pelo qual essa escandinavidade remota viera ospipocar na pessoa do lusitanissimo poeta. Entretanto, deante de taes disparidades, o raciocinio menos onzado e mais aceitavel seria qualquer coisa como isto:—O nosso homem parece desafiuar inteiramente do meio onde nasceu, onde se fez, onde viveu toda a sua vida? Nesse caso, ou é que elle ainda não foi bem estudado, ou então o meio é que ainda não o foi. Provavelmente uma e outra cousa, visto que o estudo de uma individualidade é radical e essencialmente inseparavel do do meio em que ella existiu. As individualidades só se consideram isoladas por abstracção. Na realidade, ellas se ligam intima e indissolavelmente a tudo que as rodeia. Assim, os proprios corpos de mais solida estrutura e de contorno mais recortado, segundo modernas concepções do mundo inorganico, só nos parecem taes devido á imperfeição dos nossos sentidos. Na verdade, elles se prolongam e se unem ás caudas envolventes da materia e da força por uma serie de gradações imperceptiveis; e, se o nosso aparelho visual permittisse, nos appareceriam rodeados de uma como poeira em constante movimento.

Machado de Assis nunca saiu do Rio de Janeiro. Ahí se compoz, lentamente, a estrutura do seu espirito, mediante os elementos que o meio podia dar. Se apesar de mestiço, de pauperrimo e de architimido conseguiu desde cedo imprimir tuma direcção intellectual e literaria á sua vida, foi porque não encontrou resistencias serias a vencer; melhor, foi porque positivamente encontrou quem lhe desse a mão e o ajudasse



a abrir caminho. E' preciso advertir na importancia deste primeiro ponto. Se Machado, em vez de ter talento e vocação para as letras, tivesse, por exemplo, a bossa do negocio, não teria feito absolutamente nada, com a sua pobreza, a sua timidez e a sua melancolia. Portanto, o meio brasileiro, ainda pouco adeantado, já tinha entretanto o grau de saturação democratica, intellectual e literaria bastante para cercar de sympathia os homens de talento, embora de origem humilde, e ajudal-os de alguma forma na sua inhabilidade pratica.

Desde muito joven, e de certo sem procurar com grande afan, Machado topou com pessoas que lhe adivinharam o valor e lhe predisseram o triumpho. Teve admiradores da primeira hora que lhe encorajaram os primeiros ensaios. Teve amigos, que se approximaram da modesta e medrosa criatura attrahidos pela simples fascinação do talento. Teve guias e conselheiros. A instrucção fundamental que recebeu, recebeu-a, no Rio, do ensino que já existia na cidade, e recebeu-a justamente na extensão, na qualidade e na forma que tal ensino comportava. Os primeiros livros que leu, leu-os porque houve quem lh'os revelasse, lh'os desse, lh'os deparasse, porque havia bibliothecas e livrarias na cidade, porque havia na sociedade do tempo muita gente culta e estudiosa. Os autores que elle preferiu, os volumes que elle amou, os romances, os versos, as philosophias, as historias que lhe detiveram a attenção já tinham apreciadores, já andavam por outras mãos, já pousavam em outras cabeceiras, já se ajustavam ao gosto pessoal de outros espiritos semelhantes...

Pessoas notaveis appareceram, na literatura, na politica, no parlamento, na sociedade, no jornalismo, nas profissões, que de certo mereceram alguma admiração a Machado e ás quaes provavelmente deveu elle alguma parte no augmento e renovação do seu cabedal de idéas, alguns impulsos accrescidos ás suas tendencias, alguma lição aproveitada, algum toque do seu estylo. O seu amor á vernaculidade foi um sentimento que elle apenas veio partilhar com muita gente, e que pode suppor-se tenha contrahido no trato de certos amigos, namorados das graças vetustas do quinhentismo. Nos tempos de Machado moço e homem maduro, a preocupação daquillo á que os grammaticos chamam vernaculidade, na medida e maneira em que comprehendem a coisa, grassava muito mais



intensamente do que hoje em dia. Também o que ha de fundamental na escripta de Machado, á parte o verniz pessoal que lhe soube dar, são traços e qualidades communs a não poucos escriptores brasileiros, que os tomaram de identicos modelos: simplicidade, sobriedade, clareza, elegancia, correção. Apesar, porém, de toda a sua "vernaculidade", isto é, do seu quinhezismo e lusitanismo, a redacção de Machado não ponde fugir inteiramente ao contagio brasileiro. Já não falando de frases e vocabulos apanhados intencionalmente do nosso chão, ha torneios e construcções que trahem o fundo brasileiro da linguagem lusitanizada á distancia. (*)

Eis ahí uma multidão de factos a rastrear.

Tempo houve em que se diria que o Brasil tomava ares de pessoa bem nascida e bem criada. Havia uma alta sociedade, mais destacada que a de hoje, culta e distincta sem exhibicionismo; havia uma politica onde o talento, a moralidade e as boas maneiras valiam alguma coisa; havia um parlamento onde não escasseavam figuras de uma bella elegancia intellectual e moral, compostas e adelgaçadas, capazes de discutir sem palavrões, de louvar sem cynismo, de ferir sem baixeza, de ambicionar sem correrias desapoderadas, aos empurrões e aos bolões. Não poucos desses homens tomavam por modelos os typos de alta civilisação que se destacavam no parlamento britannico. Os romancistas contemporaneos, Macedo, Alencar, espelharam de algum modo esse apreço geral pelas qualidades

(*) Nas "Reliquias da Casa Velha", ha este passo: "Elle não imitou, não chegaria a imitar Molière, ainda que repetisse as transcrições que fez no "Amphytrion"; tinha originalidade, embora a influencia das operas Italianas." Este emprego de "embora", palavra geralmente usada como conjuncção concessiva e como adverbio, levou o philologo portuguez Julio Moreira a conjecturar que o vocabulo tivesse ainda o valor de preposição no Brasil... O mesmo philologo observa em outro lugar, e então com acerto, que as expressões da conjugação periphrastica, formada com o gerundio, tem emprego muito mais frequente no Brasil do que em Portugal, "usando-se o gerundio até depois de verbos que na nossa lingua ella costumam ser construidas as mais das vezes sem uma preposição e infinitivo." E cita como exemplo este outro passo das "Reliquias", em que á locução "acabou andando" se preferiria em Portugal "acabou por andar": "Entretanto, como o outro estivesse a morder os beiços, a olhar para as paredes, não viu o gesto de espera, e ambos se detiveram calados. Brito acabou andando ao longo da sala, enquanto Julio das Mercês dizia alguma coisa que havia alguma coisa mais que febre." (Julio Moreira, "Estudos da Língua Portuguesa", primeira série; Lisboa, 1907).

Esta nota serve apenas de mostrar como os brasileirismos de Machado, pouco mensuráveis aqui no país, onde até os grammaticos mais escrupulosos os commettam, devem ser numerosos aos olhos de um respigador lusitano.

sociaes, pelas cousas que adoçam e dignificam a vida collectiva, e deixaram entrever as multiplas impressões que lhes causava o espectáculo do nosso parlamentarismo. Machado tambem escreveu as suas reminiscencias do velho Senado... Machado tambem compartilhou a fascinação ingleza... Machado tambem amou a compostura e a sobrecasaca, a sobriedade e os ditos agudos, e tambem detestou a vulgaridade e a desordem barbara. A figura do nosso grande romancista, encarada na scena moderna, onde tudo parece brigar com as feições de seu espirito e contrariar as tendencias de seu character, assume realmente o aspecto enigmatico e extranho de um exotismo. Transportemol-a, porém, para o quadro menos cahotico da "côrte" no segundo imperio, onde se accusavam os resultados de mil collaborações obscuras num trabalho sensivel de disciplina e de hierarchia, de ordem, de estabilidade e de paz, e essa criatura placida, modesta e digna, delicada e correctá, contagiada de aristocracia, esse philosopho embebido de erudição e de classicismo, dicaz e ironico, já talvez não contraste tanto com o ambiente, se harmonize com outras physionomias, obedeça a uma tonalidade geral e ache a sua atmospherá propria.

Encontram-se em varios escriptos referentes a Machado de Assis preciosas indicações sobre a sua origem, infancia, mocidade, relações, trabalhos, soffrimentos. Foram, porém, aventadas com intuitos diversos. Conviria reuni-las, coordenal-as, juntar-lhes outros elementos, todos os que se pudessem colher, procurando ao mesmo tempo, através dos jornaes, dos livros, dos documentos politicos e literarios e através dos factos da época as concordancias e similitudes, as analogias e as influencias que encaixassem e fixassem a individualidade do escriptor no quadro da vida collectiva. Um estudo nesses moldes seria, pelo menos, tão legitimo e tão interessante quanto um mero retrato literario ou um simples ensaio critico. Feito com um sincero esforço de exactidão e imparcialidade, seria com certeza mais solido, com algo mais largo, mais substancial e mais duravel do que a precariedade das impressões e opiniões pessoaes. Qualquer que fosse a sorte futura da individualidade estudada, ou a natureza das retificações que a posteridade impuzesse aos nossos juizos, ficaria sempre o lado objectivo do trabalho, a descripção de cer-



tos aspectos de um meio social e de uma de suas figuras representativas.

Esse estudo teria varias vantagens. Uma dellas seria a de contrabalançar os exageros, as fantasias, as invencionices e contradicções que infundavelmente se accumulam á conta dessa coisa obscura e mythica, que é o meio social. Em relação ao meio physico, já entrámos no periodo da observação directa e imparcial, do respeito pelas realidades concretas. Faria uma triste figura aquelle que se abalançasse a dissertar, sem nenhuma informação, sobre o curso *provavel* do S. Francisco ou sobre a situação que *deve occupar* na carta do Brasil a lagôa dos Patos. Sobre a gente, sobre a sociedade, sobre a psychologia do povo, sobre a indole, as taras, as tendencias, as possibilidades da raça, não ha quem sinta a menor difficuldade em discorrer de improviso. Abarca-se tudo num relancear de olhos. E como todos os homens, em regra, são mais ou menos apaixonados em relação á sociedade em que vivem, a tendencia geral é para a denegrir ou exaltar, de ordinario para a denegrir. Este ultimo pendor é particularmente notavel nos homens de letras e nos artistas, nos quaes assume formas evidentemente mórbidas. Personalidades *hyperthrophadas*, têm menos capacidade de isenção, que é a faculdade de pairar acima da propria pessoa. Tudo vêm através da sua vaidade, qualidade mestra dos que vivem de exhibir-se ao publico, e emprestam caudidamente ao meio todos as mazellas que lhes ponham em relevo as suas virtudes fortes. Consideram-se, no fundo, como umas criaturas de excepção, cahidas e enroscadas por acaso neste áspero sertão do mundo...

Do ponto de vista psychológico, tambem haveria muito que fazer ainda. Tratando-se de um grande vulto, alvo de tanta attenção e interesse, é inevitavel que, no calor e na relativa improvisação das opiniões, se externem sobre o seu character muitos juizos ligeiros, erroneos, apaixonados ou francamente malevolos. Taes juizos, ou por se ajustarem na apparencia ás realidades, ou pelo prestigio de quem os subscrive, ou pela preguiça mental de quem os absorve, enfim pelos varios processos segundo os quaes se realiza a sedimentação das idéas



feitas, vão sendo repetidos numerosamente, vão-se perpetuando e amontoando, e tendem a fixar uma imagem toda convencional, incompleta e falsa do extinto. Se alguém, com bastante acuidade e independência de espirito, se resolvesse a varrer tudo isso e a começar desde o primeiro passo um trabalho paciente de reconstituição, é possível que tivéssemos afinal um retrato bem diverso das effigies impressionistas que por ahí correm.

Não ha duvida que a biographia e a obra de Machado apresentam um certo numero de *dados* indestructiveis. E' innegavel, por exemplo, que o nosso romancista, tendo atravessado importantes phases literarias, politicas e sociaes da vida nacional (esta constatação vem sendo repetida desde Silvio Romero), não deixou na sua obra signaes de que se houvesse interessado por ellas. A reacção romantica, muito mais significativa do que uma simples questão de gosto e de moda literaria, a guerra do Paraguay, as lutas religiosas do imperio, a abolição, a Republica, tudo isso apenas se reflecte, quando se reflecte, rapida e longinquamente nos seus livros. Eis ahí um facto. Mas, dahí, quantas inferencias e quantos desenvolvimentos têm sahido, sem mais apoio que uma simples apparencia de logica! Que Machado foi uma individualidade incompleta, um egoista e um insensivel. Viveu fechado na sua literatura pessoalissima, cego e surdo para a vida tumultuosa do paiz e do mundo, occupado exclusivamente com os seus empregados publicos, os seus desequilibrados e as suas mulherinhas vulgares. Nem um voo pelo mundo das idéas e preocupações da época, nem sequer uma lufada de sentimentos amaveis, sympathia, inter necimento ou piedade, no meio das tragedias humanas de que foi espectador ironico e frio durante sessenta annos. Tudo isto são accusações correntes e que ameaçam perpetuar-se.

São accusações que lembram aquella levandade, a que alludia Anatole France, *avec laquelle les gens sérieux parlent des choses graves*. Esses juizos precipitados são muito commodos: têm a agudeza sufficiente para honrar os credits de quem os emitta e o ar de razoabilidade bastante a conquistar-lhes as adhesões geraes. Não custam, fazem o seu successo, e assim,



com pouco trabalho e bom rendimento, pode-se despachar o assumpto e tratar logo de outra coisa. No fundo, porém, valem pouco mais de nada.

Antes de tudo, que assombrosa facilidade, esta com que se definem as linhas estruturales, o arcabouço, a ossatura, o cerne de uma personalidade! São reconstituições que mettem num chinello aquella que Cuvier promettia com emphase embasbacante. Cuvier pedia um osso. Os detractores de Machado contentam-se com uma *falha*, um dado negativo. Em regra, os homens de bom senso julgam os seus semelhantes pelo que elles fizeram: julgal-os e sentencial-os pelo que não fizeram é empresa, pelo menos, arriscadissima. Esse criterio, applicado seja lá a que individualidade fôr, dará sempre resultados semelhantes aos que apparecem em redor da memoria de Machado. Não ha um só individuo que não tenha deixado de fazer mil coisas que outros gostariam que elle fizesse... O maximo que se pode razoavelmente colher do simples silencio de Machado sobre as questões de interesse humano e social no seu tempo, é apenas esta modesta e solida verdade — que elle não quiz alludir a taes assumptos. Isto é positivo. "Tout le reste est litterature".

Já se observou igualmente que, assim como a grande vida não teve entrada na obra do nosso novellista, a natureza também não a teve. E' outro facto. Alfredo de Vigny — e que nobre e bem organizada criatura foi o poeta da "Maison du berger"! — não só era indifferente á natureza, como lhe foi hostile. Machado apenas deixou de cortejal-a. Como Sterne, que, escrevendo uma viagem á França e á Italia, nada nos conta nem da Italia nem da França, elle viveu toda a sua vida entre a bahia de Guanabara e a serra dos Orgãos, e quasi nada nos diz nem da terra nem da gente. Dar-se-á caso, porém, que tenhamos aqui um novo traço de egoismo, ou de insensibilidade? Se, não se importando, como escriptor, com os successos do seu tempo, foi egoista e insensível, é preciso arranjar uma explicação semelhante para o seu silencio deante da natureza.

Esse silencio, aliás, não é tão absoluto quanto se inculca. Na sua mocidade, Machado de Assis também cantou, entre outras coisas, o Corcovado e o céu azul, as flores e as mulhe-



res. Depois, na parte capital e imperecedoura da sua obra, essa admiravel serie dos quatro ou cinco ultimos livros de contos e novellas, é certo que não rasga muitas janellas para a natureza: apenas, de quando em quando, pequenas frestas. Disse uma senhora, referida por Alfredo Pujol numa das suas bellas conferencias, que aos romances de Machado lhes faltava o ar. Parece uma reflexão aguda, e é uma phrase. Não lhes falta absolutamente o ar necessario para que os seus personagens vivam e respirem a plenos pulmões, — e isto é o que importa acima de tudo. Tambem na tragedia grega não havia "ar", ou "natureza". Durante longos e fecundissimos seculos de litteratura e arte, até os tempos modernos, até Jean-Jacques e o romantismo, a falta do material "natureza" não impediu que se fizessem varias obras-primas eternas. Essa coqueluche é muito mais recente do que aquella senhora imaginava.

E, ainda assim, qual é a natureza que apparece na maior parte dos livros de prosa e verso em que ella occupa algum lugar? É uma natureza de convenção, de cabeça, de leitura, de *atelier*. Se descontarmos da obra dos nossos escriptores artistas e dos nossos poetas as visualidades cerebraes que elles converteam em paisagens e marinhas, muito reduzido ficará por certo o numero dos que dão mostras de ter entrado em immediato e commovido contacto com a natureza *real*. É mesmo uma das evidencias da nossa letras a pouquidade e a mesquinhez das suas impressões do meio physico. Excluidos os escriptos á margem da litteratura, contar-se-ão nos dedos as paginas onde se hajam fixado, em pinceladas vivas e originaes, recantos e trechos reconheciveis da natureza "concreta". Os incomparaveis panoramas do Rio de Janeiro, esse pedaço do mundo que parece ter sahido das convulsões de uma batalha de deuses, ainda não produziu em toda a litteratura brasileira meia duzia de paginas que se marquem com a intenção de reler por puro deleite. Em compensação, abundam as florestas derivadas de um typo geral de floresta abstracta, enxameiam as especies vegetaes e animaes extranhas ao nosso clima, as primaveras em maio, os flocos de neve, as feras que mesmo empalhadas não são das coisas mais encontradiças, e cavallos que galopam através de matas, e rebanhos de ovelhas



em lugares onde nunca foram vistos, e regatos idyllicos em zonas onde todo o solo só offerece aspectos de uma selvajaria crespa e tristonha.

Acerea das preocupações humanas e sociaes dos nossos puros homens de letras, poder-se-ia desenvolver uma serie de considerações semelhantes, com particularidades a que não faltaria certo pittoresco. Basta notar uma coisa: ver-se-ia em palpos de aranha o compilador que tentasse seleccionar no romance, no theatro e na poesia nacional, materia que dêsse para um florilegio de duzentas paginas, concebido como documentação da maneira por que aquellas cogitações se reflectiram na literatura patria. Procura-se, por experiencia, reunir dôze poesias notaveis extrahidas á caudal da nossa produção metrificada dos ultimos trinta annos, nas quaes vibre ao menos uma nota nacionalista bem viva... A verdade é que os nossos puros homens de letras têm vivido, ora mais, ora menos, mas sempre afastados das realidades concretas, metridos no seu canto e no seu sonho, temendo e detestando a acção. Assim, o exagero a que chegou Machado de Assis foi apenas a agravação de um mal muito commum no paiz — e, digamos tudo, muito commum em toda a parte.

Vimos a que ficam reduzidos dois dos pretendidos traços distinctivos da psychologia de Machado: são traços de psychologia collectiva. O seu *egoismo* e a sua *insensibilidade* não são delle: são de muita gente. Em compensação, rasgos ha mais positivos e mais caracteristicos na sua individualidade, que protestam contra o rotulo que se lhe pretende acolchetar ao casaco. Chamar egoista a um homem que levou toda a sua vida a ceder o passo ás ambições ferozes, e contentou-se de uma tranquilla e honesta mediania, e manteve acima de tudo uma dignidade inalteravel e exemplarissima, e foi o typo acabado do cidadão que se subordina a todos os principios reguladores da harmonia social, esbatendo todos os relevos e contendo todos os impulsos da personalidade, — chamar egoista a um homem assim, ou é virar do avesso a significação das palavras, ou é dar-lhes uma latitude que as torna applicaveis a todos os objectos, sem que se ajustem a nenhum.

Ha pequenos factos que ninguém se esquece de repetir, attribuindo-lhes mais ou menos francamente um valor de "pièces à conviction". O caso do escritorio onde Machado trabalhava e onde não recebia nem os mais intimos amigos, parece que é uma dessas peças prenes de sugestões e consequências... Foi, entretanto, apenas uma singularidade curiosa: um simples excesso de pudor. Em troca, não faltam casos muito mais significativos: a fidelidade e a segurança dos seus affectos, poucos e simples, mas duraveis e serios; a grande bondade que os seus amigos lhe reconheceram e ainda exaltam; o invencivel temor que o agonia de offender ou desgostar a quem quer que fosse; a jovialidade dsenfarruscada e suave da sua conversação. Adjectivar de egoista e secco um individuo desse feitio, é exagerar demasiado a mania de classificação e da rotulagem.

Muito mais razoavel, mais sympathico e mais util seria examinal-o e estudal-o, para o comprehender e explicar, na unidade organica do seu temperamento e do seu character, sem esquecer que ahí os attributos se completam, se corrigem e se compensam, e só no seu conjunto e no jogo geral da sua actividade tomam o verdadeiro relevo e o verdadeiro sentido.

Imagine-se um nhambiquara deante das peças destacadas e dispersas de uma machina de coser. Examinando-as uma por uma, encontrará ferros que lhe parecerão destinados aos mais diversos misteres: aqui um martello, ali uma faca, além uma ponta de flexa, um instrumento de tortura, um adorno para o pescoço, um suporte para panella; no meio de tudo isso, muito objecto de utilidade inatingivel. O que elle nem por sombra suspeitará é que esses objectos, faca, martello, ganchos, brinquedos e inutilidades, ajustados e coordenados segundo um plano que desconhece, resultariam todos "outra coisa". Nós costumamos proceder, no julgamento das personalidades, com a mesma inopia tranquilla e espessa do nhambiquara. Pegamos nas peças destacadas dessas machinas complicadissimas, cada uma das quaes é diversa de todas as outras, attribuimos-lhes uma função, damos-lhes um nome, atiramos para uma banda as peças inexplicaveis, e julgamos ter comprehendido tudo...

AMADEU AMÁRAL



TRES POETAS

A mim, quer parecer-me, já não padece duvida o conceito de que a Poesia nasce da Dôr; pelo menos a verdadeira Poesia do sentimento, cuja seiva sôbe do proprio coração humano, aprofundada em raizes que vão á alma das creaturas. De sôrte que soffrimento e Poesia são oriundas do mesmo selo — idéas fraternas que se abraçam: a mãe nova, como mulher que é, consolando em beijos de esquecimento o desengano do irmão afflicto.

Mas a turba movediça de gente do mundo põe, de ordinario, a mascara do riso; e, através della, sabe a divertir-se, sem attentar muita vez no ridículo de que se phantasta... E não encontra tempo senão para esse carnaval ininterrupto, entre pandeiros e guisos.

De qualquer fórma resulta assim a melancholia de ficarem os Poetas seros á parte, judéus errantes d'um desejo inatingido e inatingível, leolados na vida... Foi convencido dessa verdade dolorosa, talvez, que Platão ideou aquella regra egolastica para a sua Republica: — Corôal-os de rosas... e expulsal-os depois!...

D'ahi porventura ser a superficie do mar, de brilhos fugitivos, a característica symbolica o frisante da maioria dos homens; e a bem poucos tocar a capacidade oceanica dos rythmos e a força interior dos impulsos... A passageira massa vivente apaga-se e dissolve-se, anonyma, na precariedade das espumas, e só a alguns — almas privilegiadas de Poetas — cabe o anelo das ondas, cujas vózes profundas cantam e choram.

Vózes de canto ou de choro todas as praias as escutam, que se alçam, sahindo da impassibilidade silenciosa dos mares do mundo... Das areias claras de nossas costas e enseadas littoraneas tambem se entendem, que murmuram límpidas e eternecidas, no quebrar das verdes aguas sonóras, como por outras bandas agora gritam e choram, misturadas de sangue.

Essas imagens, que me estão avultando no espirito, vieram crescendo quando ainda trago os ouvidos cheios dos rancores oceanicos das Solitudes de Perelra da Silva e os olhos já se maravilham, advi-



nhando o extase de outro espectáculo marinho, com as novas ondas que se alteiam — Vida que passa de Calo de Mello Franco e Agua Corrente de Olegario Marianno.

• • •

Pereira da Silva dá-me a impressão de grande e funereo cyrio acceso, que se vai gastando lentamente no interior silencioso de uma camara escura. Expanda luz mortuaria e se consumme, ardendo nos poucos, em mudas lagrimas de cera...

No seu primeiro livro, *Voe Solis* já se ouvia essa queixa de enclausurado do espirito:

1 Ser e não ser! Sinto-me assim captivo
De mim mesmo e em mim mesmo todo absorto
Como dentro de um mundo subjectivo...

e, em outra passagem accentuava,

O mundo é para a luz do meu olhar já fusco,
Um cháos, um cháos enorme, um cháos em que em vão busco
As outras sensações da vida da minh'alma...

Agora, transcorrido mais de dez annos, no livro novo *Solitudes*, confirma aquella alma herolca — herolca, pela certeza da sua attitudem sem recompensas, e que se mantem assim numa postura suprema de estoicismo — alma bastante a si mesma, por lhe parecer o mundo bem menor do que ella, ou insatisfeita consigo talvez pela consciencia desse isolamento amargo a que se votou, monologando tragicamente á espera do irremissivel sem lhe constringer, como diz:

..... a idela de ser nada,
Desta fórma que é pó em pó ser transformada.

Porventura que hei sido em tão vaidosa vida?
A mesma poeira em carne e espirito incendiada...

Ilusão, ilusão; idela que procura
Uma razão final cada vez mais obscura;

Coração que luctou como um cruzado eleito,
De alma aberta no olhar e cruz de amor no peito.

E apesar de ter tido os lances mais felizes
Se vê, como um floral, rôxo de electrizes!

Se a Mórte é sempre um véo que o genio não descorra,
A vida é o mesmo pó e a terra attrae a terra.

Oh! bemdita attracção! bemdito amor fecundo
Que nos faz renascer no coração do mundo!

Sim! bemdita attracção, refugio da Esperança
De quem sabe, afinal, que o Bem jamals se alcança,

Mas não teve uma vez, siquer, de desalento,
A lutar pelo Bem como um leão sanguento!

Sim! bemdita attracção, para quem nada cepera
Mais que o termo feliz desta paixão sincera.

Immanente, fatal, que o cérebro domina
E nos roja a Loucura ou nos reduz á ruína!

Musa da minha Dôr! que de ventura sinto
Em pensar que vaes ter ao menos todo o instinto

Da Terra maternal de que és tambem oriunda,
Musa da minha Dôr ephemera e profunda!

A terra a terra attraê... E toda esta anciedade
De outra fórma de ser e outra luz me persuade

De ter vivido só por só no meu degredo.
Quem sabe se em meu ser não dorme algum segredo

Insondavel talvez, talvez subconsciente,
Mas a causa vital desta tristeza ardente?

E' tão grato viver! Tão milagrosa a Sórte!
A razão tão subtil!... E porque moço e fórte

Os meus dias são taes, taes minhas noites rudes,
Tamanhas, como são, minhas vicissitudes?

Ou quem sabe se a vida ás vezes se renega
E reduz a Razão a uma tendencia cega?

A terra a terra attrae... Eis o destino igual
Uno, nivelador, que a Força Universal



A cada causa impõe segundo um plano eterno,
Para alguma mais cruel que os círculos do Inferno!

Quantos bons, quantos máos não ha, cuja conducta
Obedece á impulsão de uma força absoluta

E lhe segue os valvens sinistros ou sublimes
Ora em nobres acções, ora em nefandos crimes?

Oh! volupia da Dôr! Oh! Moloch singular
Quanto sangue innocente ardendo em teu altar!

Ah! quanto coração, de todo fel isento,
Justo na sua dôr e nobre em cada intento.

Tem a teus igneos pés se transformado em chamma
Sendo um mal quando odeia e um mal maior quando ama!

A terra a terra attrahe... E, ante a Fatalidade,
A Gloria inda é mais vã, talvez que a Vaidade.

Mortas, a Treva e a Luz fazem no mesmo plano;
Fundem-se os Deuses vãos no mesmo nada humano.

Tudo que parecia, ao nosso olhar, diverso
E real ou irreal, indubio ou controverso,

— Cedendo á eterna lei do mundo contingente —
Reduz-se ao mesmo pó que foi primordalmente...

.....

Como se está vendo este poeta é de uma philosophia de desengano absoluto, de um verdadeiro desesperado da razão, negadora de tudo. Bebeu sua taça de cicuta e teve sua esponja de fel... E o que admira nelle é que, tendo chegado a esse estado de nihilismo espiritual, encontre forças em si para resistir á dôr e manter-se com serenidade em face do infinito. Ha nisso qualquer cousa de grandioso e sublime; e dir-se-lia que o que preserva assim de forças, cotraçando essa alma, consciente da inanidade de tudo, é alguma energia super-humana movida e alentada por sopros eternos... Tal como um novo Atlas do sentimento, carregando aos hombros um mundo de pesadas desventuras... Quer me parecer que o que lhe garantiu e assegura ainda uma especie de estabilidade em meio á existencia humana, na qual é certamente um deslocado, foi a ma-

neira mais de intelligencia do que de sensibilidade com que encarou o irremediavel da tortura do seu espirito... Ante o, por assim dizer, fatalismo da dôr, não se deixou succumbir; não se vergou ao péso do que tinha de ser; na phylonomia do Irrevogavel, aspera e dura, pôz uma expressão de serenidade artistica; fez da caveira do Irretratavel apparecer um verdadeiro e pungente sentimento humano...

Executou o conselho de Goethe que manda converter em poemas e cantos a magua intima e a dôr profunda. O poeta mesmo é quem o confessa:

A minha propria dôr me reconforta,

e, mais adiante, está convencido de que

Como a Dôr nos sublima, nos apura,
Intensifica a nossa vida interna
Faz de cada creatura outra creatura!

A alma que é luz e, por ser luz, eterna
Como na Dôr se eleva e transfigura
E deante a propria imagem se prosterna!

e, vem d'ahi certamente essa ancia, esse desejo que o propelle e

..... condemna

A dar fórma, expressão, plasticidade,
Estylo a tudo quanto é dôr terrena.

E' meu tormento. Chamem-lhe poesia,
Arte do verso. Chamo-lhe o madeiro,
A Cruz da minha noite e do meu dia.

— Cruz em que verto o sangue verdadeiro
E em que minh'alma em transe agonía
E o coração se crucifica inteiro...

Sem duvida que é um fórte. Se lhe não ficasse conhecendo por Solitudes o profundo desprendimento das vaidades poderia aqui suggerir-lhe que todas as cruces que se carregam e apontam para o Calvario, abrem tambem caminho para a aurora da resurreição...

Caio de Mello Franco já não se abstrae tanto do ambiente que o circumda; não tem sómente a dôr interior; e mesmo a dôr nelle se reveste de fórma mais branda e commovedora — menos intellectua-

hzada e raciocinante e mais sensível... Pereira da Silva é quasi que exclusivamente um surdo brado de desespero uniformes; grito suffocado de creatura que se viu só, em meio do deserto infinito: solitaria de corpo da vulgaridade meaquinha das sensações do mundo e solitaria, pelo espirito angustiado, que se não fia de promessas illusorias, consciente do irremediavel da situação a que se entregou... Em Caio de Mello Franco não; ha um soffrimento intimo que flue em triste suavidade da propria alma e se extravasa nas cousas. A dôr aqui sómente se resolve em lagrimas silenciosas, como em Pereira da Silva o homem talvez recôrde Prometheu. Acredito mesmo que interiormente, na alma de Caio Mello Franco, seja ella maior do que na sua manifestação litteraria: a chamma que o abraza e o queima, quando chega a apparecer ja é mansa luz morencôrea... Isso talvez porque em alguns temperamentos haja essa sôrte de timidez que esconde o sentimento que as maltrata, e, em ultima analyse, não é mais que o pudor da fraqueza humana, a vergonha da mesma dôr enfim...

Assim, em Caio de Mello Franco, não são as cousas que o commovem e o entristecem porque ellas em si se apresentem tristes; ao contrario, não são tristes, mas têm a apparencia de tristeza porque elle é quem as vê com olhos tristes e commovidos. Versos anteriores, da Urna, já revelam mesmo a razão de ser dessa melancholia:

Tanto o tempo que passa me atormenta
Visto por olhos cheios de amargura...

Alliás, é mesmo a luz dos nossos olhos que costuma dar feição ás cousas... E nisto está elle confirmando Amiel quando nos disse que a paisagem era um estado de alma. O que é real não existe, só existe o que está em nosso pensamento — é quasi um paradoxo que a vida está continuamente corroborando... A' visão phantastica de um homem, tudo será phantastico; o myope só poderá ter aspectos accordes á propria vista; o louco não descobrirá a consciencia de cousa alguma; o artista sente e ausculta a harmonia das esferas e as almas de Sincho só vêm interessee rastros; o tímido encherça receios em tudo e o fôrte descobre onçadias e denôdos até nas fragilidades da natureza; o santo, como S. Francisco, terá a impressão seraphica do mundo, advinhará gestos de perdão e de ternura até nos galhos de uma arvore, como elles talvez só possam suggerir, á mente do cruel, quando não instrumentos de crime ou atrocidade, pelo menos a imagem apavorante da força ou de braços distendidos em maldição.

Aos olhos de Caio de Mello Franco, pois, affeiçãoados na melancolia e na dolencia de um crepusculo interior, tudo o que por ellas passe, ou tudo onde elle ponha os olhos recebe esse esbatido crepuscular que lhe sôbe do coração... Qualquer aspecto da natureza —



figura de homem ou mulher, criança ou velho; estados de espirito — desejos ou recordações, tudo alli se desmancha numa sombra distante que é mais memoria afastada daquillo que elle viu, do que a propria coisa na sua realidade presente... E já é isso um signal de personalidade literaria, ou mais propriamente de affirmação de personalidade, que se não deixa impressionar pelas cousas, mas as *impressiona* com o seu proprio sentimento natural. Ha uma corrente mais forte de exteriorização de individualidade, do que de absorção do ambiente. Da *Vida que passa* por exemplo, qualquer poesia que se tire traz esse cunho pessoal como esta

FELICIDADE ALHEIA

Jardim discreto. Ante a janella accesa,
Atravez dos estores, puz-me a olhar,
Dentro, dois vultos chegam de vagar,
Como cheiros de tremula incerteza.

Quedam-se, após, por largo tempo, a arfar
Olham-se longamente, com certeza...
E eu, da treva, a espiar, sinto a tristeza,
E um ciúme absurdo a alma a me devorar...

Ensurdecem-me os passos nas alfombras,
No claro da janella, um arremesso.
De amor me, n'um beijo, as duas sombras...

Minha sombra se alonga pelo chão...
E eu olho a noite, o subito estremeço
Maldizendo o silencio e a solidão...

A scena, despidá dos accessorios decorativos, é a velha scena do balcão em *Romeu e Julieta* ou a scena do beijo em *Cyrano*... Todavia Shakespeare não lhe quiz imprimir esse caracter de impossibilidade que se patenteia em *Felicidade Alheia*, nem Rostand á sua quiz dar esse toque de distancia com que esta nova se apresenta. Ambos os heróes, alli nellas, realizam o amor ou o sentem no dialogo maravilhoso; aqui sómente se vê o amor remoto, constata-se-lhe a existencia, mas uma existencia longinqua e afastada... Em summa: Caio de Mello Franco do velho thema tirou alguma coisa de novo, dando-lhe a sua impressão pessoal. E assim, por qualquer sorte, como em outras poesias da *Vida que passa* fica original, justamente porque não procura a originalidade, mas a expressiva sinceridade do seu sentimento...



Alhás, o individuo mostrando-se a si mesmo, com ser sincero, ha de trazer sempre uma nota de originalidade, naquillo do seu eu em que elle diversifica dos outros, parte mais estimavel de nós mesmos. Não ha personalidades iguaes, e o que lhe dá merito e relevo não é esse deploravel patrimonio commum á especie, mas certamente a pequena parcella que as selecciona, as distingue e as differa... E o que aqui estamos fazendo é accentuar e caracterizar as *differenças* de tres poetas, porque realmente acreditamos na sinceridade das suas expressões estheticas...

Olegario Marianno é, nessa trilogia de que nos occupamos, a figura mais humana, no sentido de que é o que está mais proximo das creaturas viventes... Pereira da Silva, no seu egotismo taciturno, em que ha um predomínio de alma sobretudo, além de tudo ou acima de tudo, —ou um desprendimento —fecha-se, na suavidade dos seus olhos tristes, olha-os tristemente e por isso *soffre*, mais do que porventura venham ellas a soffrer verdadeiramente... E Olegario Marianno, parece-me, é o que lhe diz coisas mais accórdes com o sentimento dellas, sentimentos e emoções mais communs no sentido da generalidade e da communhão mesma, coisas tristes, não talvez tão tristes para o seu coração, mas bem mais tristes para o entendimento das creaturas.

Pereira da Silva não as quer entender, por uma sôrte de experiencia amarga que dellas tenha... Caio de Mello Franco as entende, mas atravez do soffrimento pessoal, nevoa do seu espirito por que ellas passam, antes de chegar ao seu coração... Olegario Marianno não só as entende, pois seu espirito é de uma absoluta communicabilidade com o exterior, receptivo portanto, mas procura mesmo, ao invex de esperar que ellas cheguem ao seu coração, penetrar elle proprio no coração dellas, — porque é o que mellôr as entende e por isso mesmo vai-lhes mais depressa ao íntimo — o que é uma faculdade grande num espirito que realiza na Arte, não o refugio extremo como Pereira da Silva nem a manifestação de uma alma suave e enternecedora como Caio de Mello Franco, mas a exteriorisação de uma capacidade poetica de profundo bom-gosto e de um espirito fino e elegante, que commove com as notas mesmas da simplicidade e da harmonia... Por isso talvez seja o poeta nosso de imagens mais claras e o mais penetrado de imagens da natureza ambiente... A sua sensibilidade é de uma communicação espontanea — (fa a dizer mesmo que a sua epiderme tinha a impressionabilidade de uma pellicula photographica) tem a limpidez do crystal; de fórma que o que Caio de Mello Franco só chega a sentir quando já lhe está bem no fundo do coração e o que Pereira da Silva quasi não sente, por ser um espirito extra-terreno ou acima da natureza, Olegario Marianno o sente quasi instantaneamente, bem á flór da alma, por

ser de formação espiritual mais requintada e subtil, apprehendendo por isso mesmo as "nuances" do pensamento e detalhes mínimos da emoção de uma maneira mais feliz e delicada... Parece que traz, por essa especie de immediatismo com que se deixa ferir pelas impressões, a alma bolando nas retinas e o coração quasi a superficie da pelle...

A taça do amor Pereira da Silva parece que a sorveu toda, sentindo desde o primeiro góle um saibo máo de vinagre sómente.. Exgotada a bebida amarga fez como o rei de Thule... Caio de Mello Franco estou que ainda não a provou, tendo o desejo de sorvel-a a um tempo, e o grande presentimento doloroso de que a bocca lhe venha a amargar mais ainda do já está, sem a haver bebido... E Olegario Marianno creio que é o que a ergue finamente entre os dedos, saboreando góle a góle a ambrosia Inegalavel, bem com demoras, com um voluptuoso requinte de homem amavel, dizendo que o vinho arde e amarga um pouco, mas embriaga lentamente e sábe muito bem...

Pereira da Silva tem o impeto tragico, a inconsciencia revolta das aguas rugidoras de um rio que se vae precipitar no abysmo, e arremette contra os pedrouços, na ancia de que o seu destino se realize e tenha um fim o infortunio de cuja fatalidade, elle que vae correndo, é já sabedor...

E o rio róia de roldão no mar...

Caio de Mello Franco seria o soluçar de aguas que deslisam mansamente — rio murmuro que chóra porque vae encontrando, pelo leito, as pedras arestosas que o magoam, o turvam e o lacéram... Não quer ver o fim — precipicio ou mar — nem lhe preoccupa o ambiente, diante do qual elle passa alheio, porque vae soffrendo, bem no seu intimo, a dôr de todos os obstaculos ao seu curso natural, que o rangam e o sangram, trazendo talvez á superficie uma calma e suavidade enternecedoras... Às vezes mesmo bolam-lhe por cima da corrente, e movimentam-se com as aguas, alguma folha verde ou a illusão de algumas petalas perfumadas.

E Olegario Marianno, na limpídex symbolica da agua — corrente, vae retratando as paysagens do caminho:

Uma arvore infeliz que o vento aqula,
A aza de um moinho que ainda gesticula,
Um pedaço de céu entre o nevoeiro,
As pastagens, os bois, um boiadeiro,
E a aldeia branca a se perder na falda
Toda verde de um monte de esmeralda...



Só ao fim é que quasi se arrepende de ter olhado muito as coisas,
com se ter lembrado de si; e então reflecte, meio temeroso, com um
recedo triste:

Agua corrente! Toma tu cuidado:
Que não passe de simples fantasia
Tudo o que em teu espelho se insinúa,
Não te vá iludir essa alegria
Que é tão dos outros e tão pouco tua.

Agua corrente! Agua corrente
Olha que o teu destino é o destino da gente!...

E por ser o destino da gente como a agua que fôge, é que elle diz
a alguém, fallando da Felicidade:

Não crelas nunca na Felicidade.
Não crelas, que ella é como o teu amor.
Passa e deixa um perfume de saudade
Um rasto cruel de lagrima e de dôr.

Gastel meu sangue na intranquillidade
De busca-a, insensato sonhador!
Ella é a opala do Sonho, a levandade,
Passa de mão em mão, muda de côr!

Deixa que eu só me illuda em procura-a.
Felicidade é a sombra que nos falla,
Que nos maldiz na vida ou nos bemdiz.

Ephemera é imprecisa como um beijo,
Ella está quasi sempre é no desejo
Louco que a gente tem de ser feliz.

Assim, apesar de tudo, nesses admiraveis versos sentê-se que a
mão invivel da Felicidade já roçou a fronte de Olegario Marianno
— quando não, ao menos para enramal-a de louros, a cabeça joven
do poeta — porque embora aconselhando no principio do soneto
magistral que se não creia nella, vê-se nos versos finaes que elle
nella acredita de qualquer fórma; tem por assim dizer uma consciencia
propria da existencia della.

Pereira da Silva se lhe mostrassem essa bella poesia, creio que
responderia, ainda com um rictus de dôr nos labios murchos, com
as palavras de Machado de Assis:



— Felicidade?... Homem ou verme... "Grande lascivo, esperate a voluptuosidade do nada".

E seria a consciencia do desengano ou da negação da felicidade.

Mas Calo de Mello Franco, como ficou patente no lindo e triste soneto que aqui transcrevemos, sabe que ella existe—por enquanto alheia, distante, nos outros — não de toda impossível porque supõe que outros a desfructam, mas ainda a ella inaccessible ou longínqua... E é uma consciencia vaga, remota, qua se predispõe a acreditar nella, mas que ainda não acredita, talvez, porque já a vislumbra, ainda não a provou nem sentiu.

E, afinal, acabam todos tendo razão — Poetas nascidos da Dôr, alimentados no Sonho, no Amôr ou na Tortura, indifferentes ao mundo ou interessados por elle, accendendo a chamma da Illusão ou queimando-se nella — porque, dando-nos cada um a tonalidade do sel espirito e a coloração do seu sentimento, acabam todos se confundindo numa unica expressão, de encanto ou de amargura, pois como nos advertem as palavras eternas de Renan — *Un immense fleuve d'oubli nous entraîne dans un gouffre sans nom. O abyme, tu es le Dieu unique. Les larmes de tous les peuples sont de vraies larmes; les rêves de tous les sages renferment une part de vérité. Tout n'est ici bas que symbole et que songe. Les dieux passent comme les hommes, et il ne serait pas bon qu'ils fussent éternels. La foi qu'on a eue ne doit jamais être une chaîne. On est quitte envers elle quand on l'a soigneusement roulée dans le linceul de pourpre où dorment les dieux morts.*

CLAUDIO GANNS



CHRONICA SCIENTIFICA

O AZUL DO CÉO

A respeito da linda tonalidade azul do espaço fez o professor Fabry (de Marselha) uma interessante conferencia na Sociedade Astronomica de França, em 2 de Dezembro de 1917. Numa terra de poetas, como o Brasil, deve haver muita gente interessada em ouvir a palavra da sciencia sobre o anilado espaço... O céu é sempre azulado; quando assim não o vemos, é que uma cortina de nuvens nol-o esconde. De onde vem a luz que banha a terra quando não existem nuvens na atmosphera? Porque razão é azul a mesma luz? O céu azul, diz Fabry, é um presente do Sol; desaparece com elle. Basta isso para comprehender que a luz do céu é luz solar transformada, diffusa, por algo que existe sobre nós. O espectro da *luz solar* e o da *luz celeste* são identicos; todos os raios de um, acham-se no outro. Porém os dois espectros differem pela intensidade das suas radiações; no da luz celeste ha um predominio dos raios de ondas pouco longas. O que existe na atmosphera capaz de espalhar a luz solar de um modo tão interessante são as moleculas do ar que agem como obstaculos collocados no trajecto das ondas luminosas capazes de provocar sua diffusão. As ondas relativamente longas passam ao redor d'ellas livremente; as curtas são mais fortemente diffundidas. Qualquer particula existente no espaço maior que as moleculas do ar interceptará a luz, turvando o phenomeno. O céu azul resulta, pois, do sol e do ar.

Fabry regeita a theoria que admite ser o azul celeste consequencia da presença de um gaz especial na atmosphera (Ozona); e para tornar mais clara a explicação do phenomeno recorre a algumas noções de physica hoje correntes.



A luz, segundo se admite actualmente, é um movimento vibratório que se propaga. A matéria é dispensavel a essa propagação; é mesmo no vacuo que a luz caminha melhor. Por outro lado não existe apenas uma espécie de luz; ha uma infinidade. Distinguem-se umas das outras pela rapidez maior ou menor das suas vibrações ou, o que dá no mesmo, pelo seu *comprimento de onda*, que é a distancia entre duas *cristas* successivas do abalo que se propaga. As ondas mais curtas que o aparelho visual do homem consegue apanhar dão raios violetas, cujo comprimento de onda é de 0,4 micra. (O *micron* é uma medida linear microscopica = 1 milésimo de millimetro.) Em seguida vêm as radiações azues, verdes, etc., até o vermelho, cuja onda attinge um comprimento de 0,8 micra.

Todas essas ondas luminosas são extraordinariamente curtas; as mais longas, como se vê, attingem apenas 8 décimos de micron.

As radiações de grande comprimento de onda não são perturbadas pelas moleculas aereas, assim como uma grande vaga não é detida por um pedaço de cortiça; as outras, ao contrario. Por isso as radiações violetas e azues serão mais diffusas que as vermelhas. O pequeno obstaculo, molecula de ar, illuminado por um feixe de raios brancos, seria visto como um ponto azul, se houvessem olhos capazes de ver moleculas isoladas... As massas gazosas formadas pelas moleculas reunidas tomam assim aquella cor. Tyndall demonstrou experimentalmente a verdade desta bella theoria do azul do céu, fazendo a luz branca atravessar uma massa de ar carregada de particulas mui tenues. Allás, todo o fumante demonstra isso mesmo, quando carrega a atmosphaera com o fumo do seu cigarro. A fumaça do tabaco em um feixe de luz branca toma o aspecto de uma nuvem azul; quando suas particulas são mais numerosas e intensas ella apparece branca, como o nevoeiro. Tyndall pôde dizer á sua assistencia, mostrando a luz obtida no tubo de seu laboratorio: "Eis um pedaço do firmamento."

BERI-BERI

O beri-beri é uma das grandes incognitas da pathologia tropical. Até agora quasi nada se tem conseguido apurar a respeito de sua etiologia. Quasi nada, ou melhor, nada...

Theorias, parasitaria, toxica, infecciosa... têm sido erguidas a seu respeito. Nada tem resistido á critica e aos factos. Todavia, de algum tempo a esta parte ha uma tendencia entre os pathologistas, a considerar a doença de outro ponto de vista. E, parece que, afinal, chegar-se-á a uma concepção real a seu respeito.

Para os que acreditam ser o *beri-beri* a expressão de desordens nervosas de varia causa, e não uma doença definida, sempre igual a si mesma, trouxeram os drs. Juliano Moreira e Murillo de Campos uma excellente contribuição apresentada ao Primeiro Congresso Brasileiro de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal, (Rio de Janeiro, 1916) sob o titulo: O problema do Beri-beri no Brasil, publicado recentemente no Bol. da Soc. Medico-Cirurgico Militar (Rio, Anno III, n. 1 e 2, 1918). Nesse trabalho, depois de transcreverem diversas observações de *casos de beri-beri* os autores concluem que o beri-beri, como tem sido observado no Brasil, *não é uma doença autonoma*. Sob o nome de beri-beri têm sido designados casos de nevrites multiplos de diversas origens e outros de affecções cardiacas, renaes, e nervosas. As epidemias de beri-beri são em verdade *pseudo-epidemias*; surgem muitos casos no mesmo ambiente quando este se acha influenciado pelo mesmo factor; toxico e infeccioso, capaz de gerar as nevrites que fornecem os mais frisantes phenomenos beriberiicos. As melhoras rapidas dos doentes pela simples remoção, explicam-se pela subtracção dos individuos a esses factores toxicos. Assim tambem se explica a *reincidencia* do mal nos individuos que voltam ao meio em que adoeeceram, e o *contagio* supposto, aliás muito caprichoso, da doença. Como se vê, estas conclusões merecem exame acurado dos nossos clinicos e das nossas autoridades sanitarias. O beri-beri é um mal terrivelmente devastador das nossas classes armada, da marinha e do exercito. Sendo certo tudo quanto aquelles distinctos medicos alvitram, temos em nossas mãos acabar com mais esse flagello sanitario.

A PAINÁ EM CIRURGIA

Na sessão de 7 de Janeiro de 1918 Gaston Bonnier apresentou á Academia das Sciencias de Paris uma nota de J. Silhol so-



bre o emprego do Kapok como objecto de curativo. Kapok é o nome que os francezes dão á paina, substancia formada pelos filamentos pillosos de perisperma das sementes da paineira, arvore que todos conhecem no Brasil, classificada pelos botanicos entre as malvaceas (bombaseas) sob o nome de *Chorizia speciosa*. A paina absorve bem os liquidos empregados no penso das feridas, do mesmo modo que as secreções organicas; essa qualidade junto á sua elasticidade e a seu pequeno peso especifico tornam-na capaz de substituir o algodão nos casos em que este é usado como envoltorio, como protectivo. A attracção electiva que a paina parece ter para com os micro-organismos (microbios), indica esta substancia como bom succedaneo do algodão, agora principalmente que este deve ser de preferencia fiado e tecido para satisfazer ás necessidades que a guerra veio exaggerar.

E' claro que antes de usar a paina para curativo é necessario esterilizar-a, desinfecar-a num autoclave ou numa estufa a mais de 100 graus como, aliás se faz com as outras substancias. A paineira é planta nacional; a noticia deve interessar aos nossos productores.

CONSTRUÇÕES NAVAES NO JAPÃO

Trabalha-se hoje noite e dia nos estaleiros japonezes para satisfazer as necessidades que a guerra impõe. O Japão, aliás, graças á sua situação geographica, sempre foi um grande construtor de barcos. No começo do seculo XVII o 3.º Shogun de Tokugava prohibiu que os navios tivessem mais de 500 *koku*, medida antiga. Foi em 1853 que se reanimou a engenharia nautica nipponica. Em 1860 o governo revogou a prohibição que pesava sobre a navegação de longo curso. Em 1866, depois de haver mandado uma missão de estudos á Europa, o Japão construiu o seu primeiro navio a vapor, nos estaleiros de Tokio. Usaram então a madeira, em vez do ferro. Em 1889 o *Mukemaru* da companhia Nippongusen, com 3.300 toneladas, era o maior barco japonez. A guerra com a China fez crescer rapidamente o valor da frota civil japoneza; em 1896 contavam-se ali 528 navios, com 330.000 toneladas. Com a guerra russo-japoneza essa industria attingiu alto desenvolvimento; os estaleiros de *Mitsubishi* e de *Kawasaki* collocaram-se entre as melhores do mundo.



- Contam-se hoje no Japão seis estabelecimentos daquela importância. Em conclusão: o império do Sol Nascente que em 1887 apenas sabia construir pequeninos navios de madeira, é hoje um dos grandes fornecedores de barcos dos mais modernos e de maior porte. Só a companhia *Nikani*, de Kalú, vendeu, de janeiro de 1915 a 31 de março de 1917, 122 navios mercantes, com 490.000 toneladas...

Desses, foram comprados por estrangeiros, 16 navios, representando 103.000 toneladas, e 116 milhões de francos.

Lindo exemplo para o nosso progresso.

R. P.



RESENHA DO MEZ

A POLITICA BRASILEIRA

Todas as vezes que se renova a representação parlamentar no Brasil ha, na imprensa e fóra della, um movimento de curiosidade em torno dos politicos dirigentes para adivinhar a orientação que pretendem imprimir nos trabalhos de verificação e reconhecimento de poderes. Porque a verdade inteira, a triste, a vergonhosa, a pungente verdade é que, no Brasil, após tantos annos de governo liberal, no Imperio, e de governo democratico, na Republica, ainda não se conseguia fazer predominar, no reconhecimento de deputados e senadores outro criterio senão o da vontade pessoal dos chefes absolutos ou das conveniencias partidarias de certos agrupamentos disciplinados. Ainda não comprehendem os nossos politicos, desgraçadamente, que, para honra do paiz, para gloria das instituições e para beneficio individual de cada um delles, o unico criterio que devia, e deve, ser respeitado, nesse trabalho, é o da mais rigorosa justiça, uma justiça tão rija e tão pura como a que se reclama e, ás vezes, se consegue dos tribunaes judicarios.

Ora, é tempo de se apagar essa nodou e de se refazer, nesse particular, o pernicioso habito da nossa vida politica.

O momento tragico que atravessa a humanidade é dos que obrigam os homens a um retorno sobre si mesmos e dos que lhes poem nos olhos, para o exame forçado de consciencia, um lume mais vivo e mais poderoso. Não ha quem, portador de uma parcela minima que seja de autoridade ou de força, a menos que se trate de um irresponsavel, não perceba, deante dos acontecimentos actuaes, a fragilidade do bastão ou da vareta de commando que o destino lhe poz nas mãos debeia.

Num sentido, a guerra presente, através do seu materialismo selvagem, é a mais solenne e mais grandiosa affirmação de idealismo. Ella tem mostrado que as nações e os homens crescem de valor na proporção geometrica da somma de ideal que aninham no espirito e que os homens e as nações que attrahem e aggrupam os outros são apenas os que, nas horas decisivas, sabem domar os instinctos de barbarie e de rapina, que rugem nos antros escuros da alma humana, e conseguem ele-



var-se no cume sereno onde, banhados de uma claridade perpetua, florescem todos os sentimentos que fazem perdoar á humanidade a sua origem lodosa e acreditar que, de facto, ella se vai prender, ligada por fios invisiveis, aos mysterios do céo.

Os nossos politicos não podem ficar surdos e cegos a essa lição. O Brasil já ganhou, na sua marcha politica, uma volta de caminho onde outros são os horizontes que se desdobram á sua vista e outra a topographia do terreno, que se estende a seus pés. Seria trahil-o, seria commetter contra elle o crime mais atroz, mantel-o como está, olhos vendados para a justiça e mãos atadas para a punição.

E' tempo de lhe darem o que elle pede.

Ou lh'o dão ou, dentro em pouco, teremos que escolher entre estas duas calamidades: a guerra civil ou o dominio estrangeiro.

BIBLIOGRAPHIA

ROCHA POMBO —
História do Brasil.

O sr. Rocha Pombo procurou condensar num breve tomo todo o seu vasto saber de historia do Brasil.

Naturalmente, não o conseguiu: o vaso era pequeno demais para o volume do liquido... o que conseguiu foi apenas, e já é muito, expor com singeleza e rapidez, qualidades que os leitores lhe hão de agradecer, a nossa historia tal qual resalta das innumeradas fontes que teve a oportunidade de examinar.

OTHONIEL MOTTA—*Algum riso, muito riso...*

O proprio Autor diz nestas linhas o que pretendeu com esta obra:

"... eu quiz escrever um livrinho em que houvesse pelo menos rica messe de suggestões moraes, donde os professores de boa vontade pudessem partir para mais largas considerações".

Parece-nos que conseguiu, plenamente, o que desejava. Ha, no livro, effectivamente, rica messe de suggestões moraes e dellas não partirá para mais largas considerações só o professor que não tiver boa vontade ou boa cabeça...

ENG. VICTOR DA SILVA FREIRE, *Codigos Sanitarios e posturas municipaes sobre habitações* — "Boletim do Instituto de Engenharia" — S. Paulo, fevereiro de 1918.

Até hoje, no Brasil, a legislação sobre hygiene é feita de modo curioso e original. Reunem-se meia dúzia de medicos em volta a uma mesa, alguns engenheiros e architectas. Compilam uma serie de tratados alemães, francezes e inglezos sobre a materia, obras didacticas quasi sempre e destinadas aos candidatos aos graus de doutor. Dellas extrahem um certo numero de regras, alifham-n'as e numeram-n'as. Quando não procedem dessa forma, agarram uma ou duas leis sanitarias do estrangeiro e, sem mesmo procurar saber quaes as condições de vida dos logares em que são applicadas, copiam-n'as textualmente... a não ser que, á carta, lhes augmentem, por conta propria, as exigencias e as prescripções.

Não são de pasmar, nessas condições, os resultados a que se chega. Em S. Paulo, o Estado "leader" da Federação, mostra, para começar, o estudo que aqui resumimos, quaes foram elles. Em primeiro logar, o encaecimento exagerado da vida. Paga-se a casa por preços desconhecidos nos paizes de vida menos economica, apesar do custo de construcção sensivelmente igual e do preço do terreno muito inferior. Mas, em segundo logar, verifica-se nada se

ter lucrado com esse desbarato de dinheiro. A mortalidade da capital do Estado vai em acrescimento constante. Os coefficients successivos foram de

| | |
|---|-----------|
| 17,15 por mil no quin-quennio | 1906-1904 |
| 18,96 por mil no quin-quennio | 1905-1909 |
| 19,43 por mil no quin-quennio | 1910-1914 |

Consequencia tanto mais expressiva quanto o Serviço Sanitario do Estado tem confinado quasi exclusivamente a sua actividade ás sujeições sobre predios novos e reforma dos antigos, desprezando por completo as questões de alimentação publica e outras igualmente importantes.

Explica detalhadamente o Autor as causas de semelhante anomalia e os meios de corrigil-a. No seu afan de adoptar boas medidas de construcção, o legislador sanitario atacou quasi que exclusivamente pontos de detalhe, pondo completamente de lado os traços dominantes do problema. Por forma que o exagero a que chegou quanto aos primeiros, adoptando normas que assumiam as proporções de vexatorias, resultou inutil pela falta de consideração relativamente aos segundos.

São esses traços dominantes que inspiram, do começo a fim, a des-envolvida memoria que, apesar das suas 140 paginas, sem contar os annexos, se lê de um trago, tal o interesse que desperta no leitor a fórma original de expôr o assumpto. Referir-lhe o ponto de partida é mostrar a que grau sóbe logo o primeiro, ao sahir das linhas iniciaes. Vae buscal-o o Autor no aspecto social da cidade. E' esta uma agglomeração ditada pelas necessidades da vida moderna, repassada de industrialismo. Attráe ella pelas vantagens que offerece; tudo está em fazer com que os inconvenientes, que os tem de todos os matizes, desde a anemia e a tuberculose até ao alcoolismo e á prostituição, não vão destruir os effei-

tos das primeiras. E o thema passa a ser desenvolvido, sem perder de vista dols pharões que illuminam perennemente o quadro. Projecta o primeiro a luz do aproveitamento maximo do terreno e dos Alleenhanas; o segundo jorra dos resultados experimentaes alcançados em materia de salubridade da habitação.

Nesse methodo é que reside a originalidade da exposição. Conheçê-mos muitos dos preciosos trabalhos que, a respeito do assumpto, têm sido publicados na Alleenhanha e nos Estados Unidos. Nenhum apresenta, nem sequer tenta, apunhar o problema simultaneamente em todos os seus aspectos como delinea, e consegue, a monographia—quasi um pequeno tratado — do Dr. Victor Freire.

Acompanha o Autor, "pari passum", a revista dos principios consagrados, a deducção das consequencias, os corollarios da pratica, com a critica do processo artificial, puramente idealista e theorico, que dá logar aos absurdos da legislação Paulista. De passagem, verifica-se que a do Distrito Federal nada fica a dever áquella. E nada ainda mais eloquente do que verificar o seguinte — é de tal modo irracional a comprehensão que a administração Estadual tem mantido acerca do escopo a obter que, nem mesmo na ultima lei Sanitaria, a que foi recentemente votada e onde já haviam sido introduzidas as medidas que o Municipio de S. Paulo, melhor esclarecido, fizera entrar na pratica; nem mesmo n'essa lei alcançou o legislador imprimir á sua obra a unidade e homogeneidade precisas.

E, no entretanto, o Governo do Estado, não recuando deante de sacrificios para manter creditos — nem sempre legitimos, como se vê — de que gozaram até aqui os seus antecessores, confiou na rodens d'esse ramo da administração a um cientista feito, nome a justo titulo nacional, o de Arthur Neiva.

Na memoria que analysamos ainda se vae encontrar o porque do caso.

A cidade, organismo social dos mais complicados é, essencialmente, já acima ficou dito, um producto da vida moderna. Mal tem meio século. Succedeu com ella o que succede, em regra, com todos os problemas concretos. Obedecendo á impossibilidade de apañal-os desde logo em conjunto, dissecca-os o espirito humano. Surgem os diferentes aspectos, cream-se os respectivos methodos e processos de pesquisa, surgem as especialidades. A certa altura, o especialista esquece o objecto real e passa a ver as abstracções que lhe são familiares. E, entretanto, é ao conjunto que a solução tem que ser dada.

E' a esse conjunto que os paizes hoje mais adiantados buscam applicar os remedios apropriados nos males que, "no proprio conjunto e não em suas partes", procuram tambem escarpellar para apontar-lhes os elementos. Recorre, como sempre, a exemplos vivos o Autor, para mostrar-o, sendo essa uma das particularidades que tornam persuasiva em extremo a sua publicação. E assim é que, depois de pôr em confronto a nova legislação Paulista com uma das mais recentes e aperfeiçoadas dos Estados Unidos, escreve:

"O que é, o que representa pois, a regulamentação sanitaria das cidades de primeira ordem do Estado de Minnesota! Tal como foi feita, significa a applicação de um corpo de doutrina experimental, de observação, formado não no laboratorio mas no campo da pratica real que não é nenhuma camara de experiencias, nem mesmo como a que mencionamos, do Professor Hill. Na pratica, na realidade, o que existe é o quarto dentro da casa, esta dentro do lote, este por sua vez dentro da quadra, e esta finalmente, cercada de ruas, dentro da cidade. E este quarto "dentro da cidade" é que constituiu o objecto constante dos estudos, das discussões, das conclusões a que procedeu e chegou; á medida que foi dilatando o respectivo campo de acção, aquella "National Housing Association" a cuja obra já

nos referimos e que conta em seu seio effectivamente medicos e hygienistas eminentes, mas onde estes collaboram com proprietarios e corretores de immoveis, com engenheiros de luz, de agua e exgottos, com constructores, com architectos, com vereadores e alcaldes municipaes. A lei modelo de Veiler a que se referem os periodos acima transcriptos, conforme já informamos, outra coisa não exprime tambem do que o que foi possível apurar a tal respeito sobre o que mais convinha em materia de legislação. E esse Otto Davis, contractado para observar que modificações deveriam ser-lhe introduzidas, em frente ás condições "peculiares" a Minneapolis, é um cavalheiro que não posso informar se é engenheiro como eu, architecto como o nosso consocio Heribaldo Siciliano, bacteriologista como o Dr. Arthur Neiva, ou bacharel em direito como o Dr. Almino Arantes. Só sei que a todas as reuniões annuas da associação "do alojamento" traz alguma coisa de novo e pessoalmente realzado, e mais que, no Estado de Ohio onde serviu alguns annos, imprimiu orientação excepcionalmente economica ao saneamento dos ambientes industriaes.

"Quem projectou por sua vez, a recente lei sanitaria do Estado de S. Paulo? Não o sei eu. Mas posso affirmar, e commigo estarão certamente todos os collegas que a houverem lido, que collaboração de engenheiro, se por acaso a teve, foi só de raspão. De engenheiro municipal, então, depois do que analysamos no decorrer das paginas precedentes, é licito jurar que nem uma só palavra foi ouvida. E, entretanto, trata-se de texto destinado a orientar em sua formação todas as cidades do Estado... Dahi a differença profunda, radical, entre esse codigo e qualquer instrumento analogo estrangeiro onde o problema "da cidade" começa a ser posto em foco, no seu logar."

Mostra-se o Autor, por vezes, mordaz. Mordacidade sempre leve, porém; leve e impessoal. Não o quiz

ser a respeito do trecho que transcrevemos. Se o tivesse pretendido, ter-lhe-hia sido fácil. Vive-se a fallar entre nós na necessidade de conservação da Constituição de 15 de Fevereiro; tomou esta como dogma a autonomia dos municípios; vive entretanto o Estado a intervir, como na legislação sanitaria, nas prerogativas mais intimamente ligadas á vida das pequenas circumscripções. E ainda se não disse o peor, que resplandece no decorrer do estudo que estamos resumindo: cada vez que o faz dá mostras exuberantes de desconhecer o assumpto.

Não terminemos sem fazer notar que se está passando no publico, actualmente, desde o escol intellectual á plebe, phenomeno semelhante. "On est tout feu, tout flamme", n'este momento, pelo saueamento do sertão, obra tão meritoria quanto ingente, e indispensavel em todo o caso sob o ponto de vista nacional. Parecem todos esquecer todavia que esse trabalho de vasto folego, tão vasto que não será dado realisa-lo em duas gerações, de nada, nada valerá, absolutamente nada, se não cuidarmos, simultanea e primordialmente, da "cidade". E' a cidade que nos permitirá organizar a economia nacional em condições de pôr hombros, com probabilidades de exito, ao outro empreendimento. Se não o comprehendemos a tempo, tanto peor para nós. Registrar-se-ha mais um fracasso, da natureza do que pôe bem em evidencia o estudo que aqui resumimos. Mas, no dia em que a orientação certa se desenhara, n'esse dia, o trabalho do Dr. Victor Freire será collocado, em todas as livrarias, ao lado do de Belisario Penna.

MOVIMENTO ARTISTICO

PINTURA

Nos mezes de Março e Abril houve em S. Paulo um intenso movimento de exposições de pintura e venda de quadros.

Nada menos de quatro pintores se

apresentaram quasi simultaneamente ao publico, em tres exposições.

O primeiro, na ordem chronologica, foi o sr. Roberto Mendes.

E' um antigo discipulo da Escola Nacional de Bellas Artes onde cursou as aulas de José de Medeiros e Rodolpho Amoedo. Mais tarde esteve em Paris e alli seguiu as lições de Doucet, Lefebvre e Benjamin Constant e especialmente o curso da palangem de Françaix.

Organisação de poeta, o sr. Roberto Mendes é um apaixonado da natureza cujos aspectos interpreta através do seu temperamento, amigo da solidão e do silencio.

A sua obra reflecte em geral essa tendencia, mas isso lhe dá o valor da sinceridade.

Este talentoso artista é hoje um dos nossos mais reputados pastelistas e a sua exposição documentava fartamente a sua competencia neste genero. Não eram inferiores aos pastels os trabalhos a oleo; a sua factura muito fina e delicada, a paleta rica e limpa, não excluem espontaneidade e vigor.

Ha uma certa nobreza tanto no seu estylo, como na sua inspiração. Embora fiel á observação da natureza, este artista não se deixa atrahir senão por aquelles assumptos que se enquadram no seu caracter de contemplativo e quasi elegiaco. Repetem-se nas suas telas os poentes, as aguas tranquilas, os sitios isolados dos campos e das praias, os recantos de florestas de grandes arvores umbrosas, onde a vida mysteriosa do aerea não se ostenta em manifestações de ruído e movimento. Nem por isso ha monotonia na sua obra, porque ella é, já o dissemos, antes de tudo sincera e revela uma applicação constante, uma acurada observação. As suas arvores, por exemplo, são desenhadas magistralmente, com um tal conhecimento da anatomia que só uma longa convivencia com o modelo pôde dar.

Confinando-se no seu genero predilecto o sr. Roberto Mendes adquiriu a sua "maneira" pessoal, bem

característica da sua individualidade, sem entretanto cair num excesso de subjectivismo prejudicial.

O sr. Oscar Pereira da Silva, outro laureado pintor, expoz numerosos trabalhos antigos e recentes.

E' incontestavelmente um mestre no desenho e na pintura, capaz de abordar todos os generos, seguir todas as escolas, adoptar qualquer factura.

De Latino Coelho dizia-se em Portugal com grande injustiça, que era um "grande estylo á procura de um assumpto". Parodiando essa phrase, poder-se-ia dizer de Oscar P. da Silva, com bastante fundamento, que é "uma soberba technica á cata de uma concepção".

Com os recursos technicos de que dispõe, esse admiravel pintor estaria em condições de executar uma dessas grandes telas que fazem a gloria eterna de um artista e o orgulho dum museu. Mas, até agora o que temos visto na sua produção, é o lamentavel desperdicio de uma virtuosidade rara em quadros de fraca concepção, cujo conjuncto em geral não interessa e nos quaes, entretanto, se descobrem esplendidos trechos da melhor pintura.

Deixam-nos essa impressão os trabalhos ultimamente expostos. Mas, como o artista ainda mantém o mesmo vigor de factura, devemos allmentar a esperanca de que nos leve brevemente a obra definitiva, em que reuna á belleza da idéa a sua maravilhosa forma.

Conjunctamente com os quadros do sr. Oscar P. da Silva, estavam expostos varios trabalhos do sr. Torquato Bassi. E' um "self-made-painter", não destituído de habilidade e de sentimento artistico, mas que está sendo prejudicado pela pressa de produzir. Uma applicação mais continua e mais sinceridade na execução, poderiam facilitar ao sr. Bassi o accesso ao gremio dos verdadeiros artistas. As telas desta sua exposição eram em geral inferiores aos seus trabalhos de outros tempos.

Já passou da categoria de amator e pode ser considerado um pin-

tor, o sr. Clodomiro Amazonas, o terceiro a expor a sua obra. E' um trabalhador esforçado, que tudo sacrifica ao seu ideal artistico. A sua factura vae, aos poucos, adquirindo vigor e simplicidade; a sua exuberancia de côr vae perdendo certos aspectos convencionaes, graças á melhor observação da natureza. Algumas das suas telas de natureza morta eram "quadros" completos em que o cuidado da execução correspondia a uma composição feliz. Paisagens bem cortadas, pintadas com largueza, estudos de figura muito acceptaveis, tudo em geral na exposição Amazonas documentava uma vocação em marcha para a breve realisação de um ideal artistico.

"Last but not least", tivemos a exposição Vio.

Residente em S. Paulo ha muitos annos foi a primeira vez em que este artista se apresentou ao publico nesta cidade numa exposição individual. Filho de Venezia, Henrique Vio foi alli discipulo de Ettore Tito e Giuseppe Ciardi, dois nomes illustres da pintura italiana, neste ultimo desaparecido recentemente.

Delles recebeu com certeza os exemplos da sua poderosa technica. Mas, logo mostrou individualidade bem caracteristica, bem marcada e que se affirma com rara eloquencia na colleção de obras actualmente exposta.

Dessenhador emerito, o seu traço tem uma firmeza de mestre e uma elegante "aisance". Propositadamente accentuamos de preferencia essa qualidade que é a solida base da sua arte, evidenciada nos retratos a dois lapis e a pastel e, em geral, no conjuncto notavel da sua exposição.

Retratista, paisagista, marinista, pintor de genero, é sempre Henrique Vio um artista original e inconfundível. A sua factura é das mais interessantes. Ha effeitos de uma delicadeza incomparavel, só perceptivels a um artista de fina sensibilidade, conseguidos por uma forma vigorosa e de uma espontaneidade pouco vulgar. E' sobretudo raro o seu poder

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16



Nostalgia da tarde



— pastel de Roberto Mendes

RESENHA DO MEZ

391

392

Quinzil, pastel de Roberto Mendes



393



Salomé — óleo de Oscar P. da Silva

399



Ligada — óleo de Oscar P. da SILVA



Convalescente — óleo de C. Amazonas

37



Cabeça de velha — óleo de C. Amazonas

392



Autoretrato de Henrique Vio

304



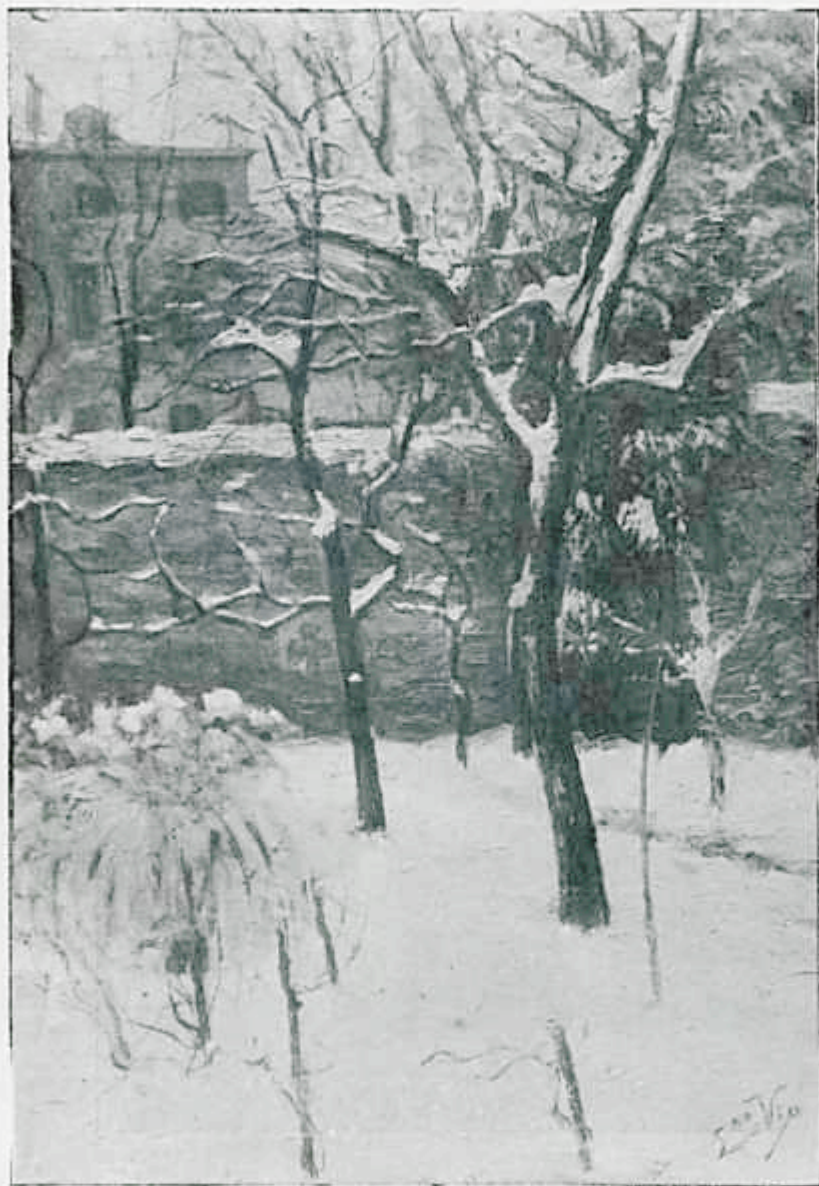
Mia Madre — óleo de Henrique Via

399

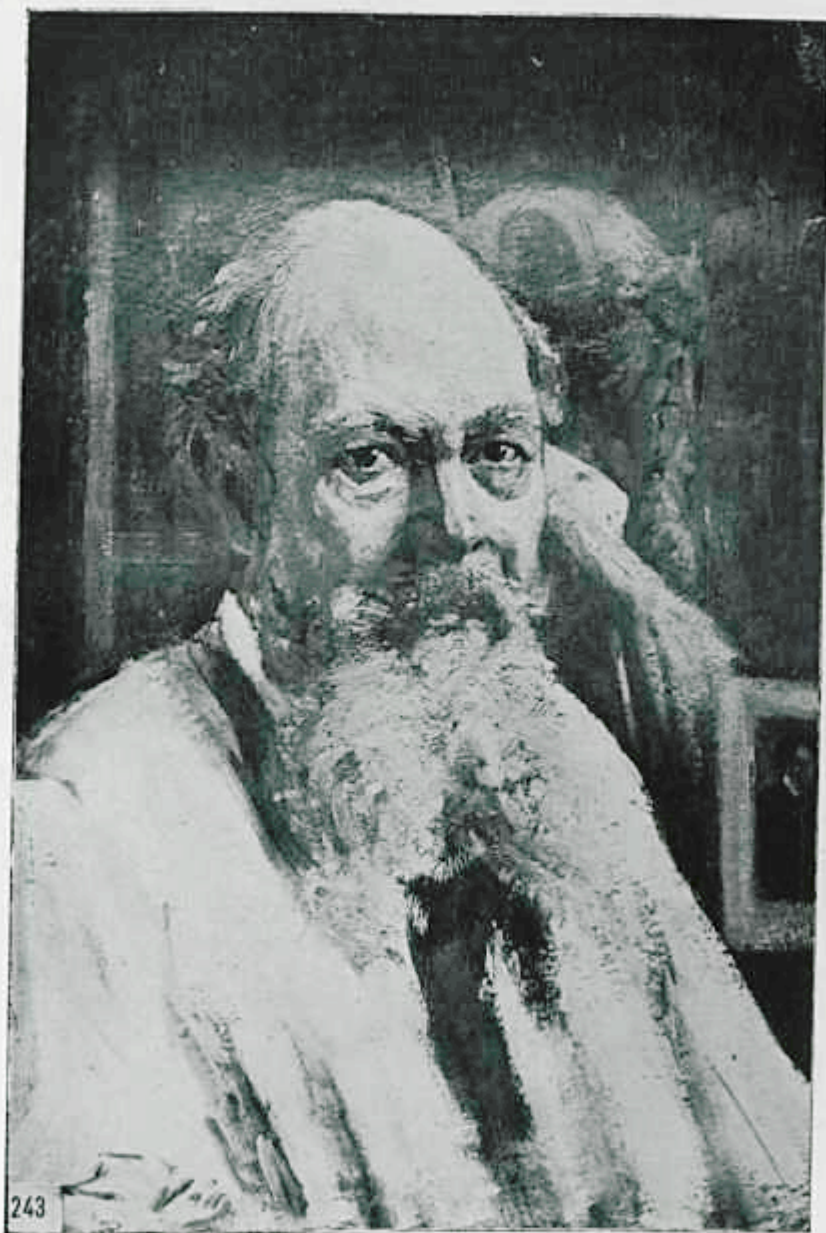


Meu Padre — óleo de Henrique Vio

300



Nevecaia — óleo de Henrique Vio



Retrato do escultor Fernandes Caldas — óleo de Henrique Vio

402



Retrato de criança — óleo de Henrique Vio

de synthese, que lhe permite "manchar" uma paisagem em poucas e vigorosas pinceladas; accentuando, entretanto, todos os effectos do "quadro", fixando os planos e estabelecendo a perfeita relação dos valores.

Mas a nota característica desta exposição é a sinceridade e a probidade artistica que ella denota. Não ha um "truc", um artificio; ás vezes o artista pecca (se é possível o termo) pela sua rude franqueza. Nenhum cuidado em alindar o modelo; Henrique Vio pinta o que vê e como vê. E' claro que só lhe interessa o que é realmente bello.

E a belleza na arte, já o têm dito vezes de maior autoridade, não está naquillo que vulgarmente se considera "bonito".

Bello é tudo que tem "caracter", que possua uma expressão propria inconfundivel.

Na obra de Henrique Vio pôde encontrar-se sempre a belleza; jámais se descobrirá a formosura convencional, o artificio para adaptar o assumpto á vulgaridade do gosto da minoria.

Não admira, pois, que antes de conhecer o Brasil já houvesse este artista recebido a consagração de Veneza, em 1909, em cuja famosa exposição internacional foi accoito entre os 94 artistas cujas 100 obras foram destacadas das 734 apresentadas com a assignatura de 424 pintores.

A exposição Vio ficará como uma das ditas memoráveis da chronica artistica deste anno. — N.

MUSICA

Debussy

Falleceu em março, em Paris, após uma dolorosa enfermidade que o prostrava ha algum tempo, o grande compositor francez Claude Achille Debussy.

Nascido em Saint Germain-en-Laye a 22 de agosto de 1862, Debussy desaparece aos 55 annos de idade, quando ainda podia esperar-se muito do seu incontestavel talento.

Fez estudos muito sérios no Conservatorio de Paris, onde foram seus professores: Lavignani, de harmonia, Guiraud de composição, Marmontel e Massenet de piano, — graças aos quaes teve um excellento preparo na sua arte. Em 1884 conquistou o premio de Roma, — a mais alta recompensa que um principiante pode alcançar — com a sua cantata "L'enfant prodigue"; e da Cidade eterna em cujo palacio Borghese está situada a Escola franceza de arte, remetteu o seu côro "La demoiselle élue", e a sua peça symphonica "Le printemps", que o Instituto de Franca repelliu por excesso de modernismo. Essa affronta foi, porém, como um acicate para a personalidade vigorosa do compositor.

Uma depois da outra appareceram "L'après midi d'un faune", chamado preludio symphonico pelo seu autor, e que é, na verdade, um verdadeiro poema de colorido violento; os cinco poemas de Baudelaire; as "Chansons de Bilitis", as "Fêtes galantes", o seu quartetto op. 10, os "Arabesques", "En bateau", "Menuet", "Le coin des enfans", musica de canto, instrumental ou de piano só, que logo lhe deram posição proeminente entre os grandes artistas.

Entretanto, não se pôde dizer que fosse um innovador. O seu caso não é isolado, embora a arte, como a natureza, não proceda por saltos. O seu estylo de sobriedade harmonica rigorosa, de continuidade logica perfeita, manifesta a originalidade de um temperamento de artista. Mas o seu superior conceito da musica como meio de expressão de emoções não differa de seus predecessores e continuadores, senão nas formas por assim dizer externas da arte. Não é um fundador de escola, mas um caso unico, podendo dizer-se que não são seus discipulos todos quantos o imitam. A delicadeza de suas construcções sonoras, minuciosamente trabalhadas, não revelam um entusiasmo espontaneo. A sua musica é de bizarra feitura, em que estão calculados o contraste, a modulação, o tim-

bre e a dissonância para o efeito de uma determinada sonoridade. E' musico para ouvidos que sabem escutar as linhas das diversas melodias e fruir a surpresa do inesperado. No piano, em que a obra de Debussy exerce um dominio absoluto, a sua arte forçou os valores até dar ao antigo instrumento uma sonoridade nova e uma nova technica.

A obra lyrica de Debussy, além das cantatas e côros já citados, reduz-se a "Peléas et Melisande", "Saint-Sebastien", que escreveu sobre o poema de D'Annunzio, e os "récueils" de canções que os concertos costumam dar. O seu criterio no genero é o da declamação. A musica só deve accentuar o significado poetico com as inflexões sonoras da palavra falada e do sentimento expresso, e o acompanhamento instrumental só é chamado a desempenhar o papel do côro grego que rodeia e acompanha os personagens, sem impedir-lhes a liberdade de movimentos.

COMO OS NOVOS ESCREVEM

Deve apparecer proximoamente um livro de contos — "No Silencio..." do joven escriptor sr. Borges Netto, e que será prefaciado pelo sr. Monteiro Lobato. Eis um trecho desse prefacio.

"Borges Netto realisa o caso raro nos vinte annos da simplicidade, da clareza, e do apuro de lingua, postos a serviço duma personalidade bem vincada. Nesta idade o moço vive sob impressões de leituras e denuncia mal o caracter intimo. Leu Machado de Assis, Leu Eça, Leu Fialho, Anatole, Maupassant. Está embriagado, com um succubo ás costas, e sem o querer limita os mestres. Não consegue deslindar nem affirmar a sua personalidade asphyxiada pela dos seus affins literarios. Se predomina a influencia de Eça, não escreve uma tira sem pôr em scena um "cigarro languido", um "Bento amigo".

Aquellas audaciosas impropriedades que Eça emprega amido, sabidamente; o torneio elegante da phrase amaneirada com requinte;

o seu modo de construir o romance; a escolha dos typos; a arte de movimental-os; o scenario abundante, descripto com minucia e só não enfadonho graças á extrema virtuosidade, são outros tantos perigos-seculares de que raro escapa o fascinado.

Hoje não é tanto. No começo, porém, quando Eça, novidade, grassava no Brasil inteiro, a imitação inconsciente produziu os mais desastrosos effectos. Eça matou muita vocação promissora. Fez pallidos satelites de talentos capazes de luz propria. Deu nascimento a uma pasticharia mechanica, d'onde todo typo gordo sahia moldado pelo Conselheiro, e as mulheres eram Luizas, os bohemios Eças, virando o autor simples papel carbono de decalque.

Depois desta doença veio a fialhite. Tudo trescalava a Fialho. A potente orchestração do estylo de Fialho deslumbrou. Aquella polychromia de doer nos olhos, a irisação da ideia, sua arte feita de todas as artes, seu estylo que pinta e canta, esculpe e symphoniza, maldis e chora, esmaga e acalenta, sua lingua nova onde se reúnem todos os recursos expressivos do portuguez, fortalezados ainda com recursos arrancados ás linguas proximas — violino de Paganini capaz de todos os effectos sonantes, tocado com um arco que é arco e estadulho a um tempo, aquelle escrever doentio, genial, sem companheiro em nenhuma literatura, dum medico que era pintor, e musico, e fadista, diabo e anjo, deu mil voltas na cabeça dos rapazotas em puberdade artistica. Era de vel-os, peccatissimos decoradores do seu pontinho de directo Romano, senhores dum vocabulario de jornal e com a cabeça artilhada de meia dúzia de ideias de "sebo", orchestrarem vazellos da natureza em pizzicatos lombricoides, chiapando canlernas de mentira e bufando trovões de lata. A fascinação fialhana fazia delles simples ôcos sem voz propria. O que delles sahia era o echo da bezulheira do mestre.

Destas duas coqueluches fôsseu tosse comprida a nossa mocidade estreante, até que a prosa sabbise da moda.

Entramos pelo verso a dentro.

Estrear virou synonymo de vir a publico com uma "plaquette" de sonetos na mão. Ou por preguiza — é sempre mais facil recortar os quatorze versos do soneto do que architectar um conto, uma novella, um romance — ou por arrastamento promovido pela fuguração de Billac, o caso foi que a prosa de-

cahiu como coisa de sômoses. E liberta das influencias epidemicas, a prosa que ainda se faz, se não denuncia vícios alheios, tambem se não exime dos velhos vícios nacionaes. Frouxa, enxundiosa, molleza, espapaçada, sem osso nem nervo, sem predomínio das riquissimas qualidades que fazem da prosa de Camillo a maravilha da lingua portugueza, a nossa prosa, no principiante, é uma geleia. O adjectivo erigido a funcções de maria-molle em figuera, copioso, excessivo, afogando o desenho no empustamento da côr: o verbo composto amolentador da acção — la andando, estava fazendo. — usado e abusado com o fim expresso de amaciara o periodo; o descriptivo naturalista, pegado como bexiga de Zola, e proposto, parece, a enfadar o leitor: o proposito de dizer mal em dez palavras o que em duas se diria optimamente; a dôse cada vez menor de ideias: a tollice da tortura; a cinzeira... Estes vícios fizeram da nossa prosa um mingáusinho de polvilho sem côr, sem gosto, e de baixo indice alimentar. E se puermos ainda em lhaa o veso da psychologia á "outrance", pegado, talvez, de Bourget, Goncourt e outros maçadores de talento, o conto sem acção, a novella sem movimento, o romance fios d'ovos no confeco, no meio e no fim, teremos a explicação do porque refugou o publico essa prosa desinteressante como fórma e inútil pelo muito que remete para nada dizer."

AOS ESCOTEIROS

Escoteiros de S. Paulo: — Não é a primeira vez que tenho o prazer e orgulho de admirar os vossos progressos. Já a 7 de Setembro do anno passado, ao celebrarmos na Capital da União a festa da Independencia tive o ensejo de ver com que agiltude, com que garbo, com que valor, alguns meninos deste Estado faziam os mais interessantes exercicíos da escotismo, propios para fortalecer o corpo e activar o espirito, preparando os homens para a paz e para a guerra.

A tremenda conflagração, de que somos testemunhas longinquoas, mas na qual tambem se jogam os destinos da nossa patria, está incutindo radicalmente no animo de todos nós estas duas convicções, estas duas con-

ceitos, de uma verdade irrecusavel: devemos odiar a guerra mais do que nunca, mais do que nunca precisamos preparar-nos para a servir com a maxima coragem e tenacidade, com a mais completa abnegação, sempre que ella nos fôr declarada por homens de instinctos satanicos e ambições criminosas.

Nós, os que aconselhamos a nação a que se prepare para a guerra, somos inimigos da guerra. Aceitamos-a unicamente como meio de defesa. A guerra para nós é comparavel a esses remedios extremos, a que só nos sujeitamos pela fatalidade de certos eventos humanos: a guerra é como a operação cirurgica, é como a imposição da pena. Que homem normal terá prazer na mutilação pela cirurgia, dos seus semelhantes? Que juiz, dotado de elementares sentimentos de piedade, ou de altruismo, poderá ter o espirito contente, quando é obrigado a condemnar os criminosos? Entretanto, quem com razoaveis fundamentos terá em duvida a necessidade desses processos de defesa da vida individual e da existencia collectiva? Sem elles como salvar os individuos e as sociedades?

O vosso programma é completo: preparai-vos para a paz e para a guerra. Preparai-vos para cumprir os deveres e obrigações e para exercer os direitos de cidadão, não vos esquecendo de que sois filhos de um paiz livre e joven, que por isso muito precisa da dedicacão civica de todos os cidadãos e da educação moral indispensavel á execucão das suas leis, das suas instituções politicas.

O vosso codigo é de uma synthese admiravel de moral social. Tudo aquillo de que substancial e fundamentalmente necessitamos para viver e progredir, elle encerra em poucos mandamentos de uma profunda significação. Colloquemos a honra acima de tudo, tenhamos a constante preocupação da nossa dignidade, comprehendamos bem que a vida e ao desenvolvimento da sociedade são absolutamente indispensaveis a disciplina e o respeito á lei, sejamos capazes de iniciativa para fazer de-

entrinchar-se em frutos este immenso e bello territorio, tão cheio de riquezas e tão apto para produzir muitas outras; procedamos sempre com lealdade e valor, economizemos intelligentemente, sejamos entusiastas de tudo o que é nobre e de tudo o que é útilmente, nos é útil, isto é, excentemos o vosso coligo, e o Brasil, nada terá a invejar ás nações mais poderosas, mais cultas e felizes.

E' pela observancia de vossos preceitos, destinados a realizar necessidades capitais do homem em todos os tempos e em todos os lugares, e pelo rigorosa disciplina em todas as relações sociais, pelo trabalho indefesso e pelo patriotismo, que em substancia é a expressão superior de uma necessidade social, que os povos mais fortes, mais civilizados e mais prosperos, têm conquistado o seu poder e o seu progresso.

Cumpri rigorosamente o vosso código, escriptores de São Paulo, divulgai por toda a sociedade os vossos lemas e os vossos canones, continua sempre a pratical-os em todas as circumstancias da vida, e esta bandeira que ora vos é confiada será um dos mais admirados e respeitdos pavilhões do mundo. (Peira Lessa — Discurso aos escriptores de S. Paulo).

EUCLYDES DA CUNHA

Por iniciativa do Gremio Euclides da Cunha, do Rio de Janeiro, o sr. dr. Edgard Roquette Pinto, professor do Museu Nacional e membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, realison em São Paulo uma conferencia sobre "Euclides da Cunha naturalista". Graças á gentileza da directoria do Gremio Euclides da Cunha, a *Revista do Brasil* poderá publicar em breve essa magnifica conferencia, que produziu forte impressão no grande auditorio.

A conferencia foi feita no salão de Conservatorio, sob a presidencia do illustre poeta Vicente do Carvalho, da Academia Brasileira, que,

apresentando o sr. Roquette Pinto, pronunciou as seguintes palavras:

"Minhas senhoras. Meus senhores. O culto prestado á memoria de Euclides da Cunha pelo Gremio que adoptou o seu nome tem, de certo, significação mais ampla da que a de simples homenagem ao nome e á obra de um grande escriptor; é uma manifestação — mais uma de entre tantas em que tão animadoramente está revivendo o nosso espirito nacionalista — de que existe um Brasil que é, e que quer ser brasileiro.

A gloria do criador dos "Serções" faz parte do patrimonio nacional. Cultural-a é uma obra de civismo. Amemos e sirvamos a nossa Patria no culto a esse filho illustre que a honrou pelo seu genio, e em cujas paginas de ouro tão intensamente vibrou, vibra, e vibrará tempos em fóra, a alma cabocla — dizamo-lo com orgulho e com esperanças — a alma cabocla do povo brasileiro.

O esforço, não apenas sympathico, mas benemerito do Gremio Euclides da Cunha está fructificando. Um dos seus frutos, vamos nós esboçaral-o. Vae explicar-nos um dos aspectos do maravilhoso espirito de Euclides, vae dizer-nos o que, naquelle formidavel escriptor que todos conhecemos, foi o naturalista — a palavra de um homem de sciencia, que é um orador scintillante.

O nome do meço autor da "Rondonia" está-se, e com razão, tornando tambem um nome nacional. Nenhum de nós tem o direito de ignorar quem é esse nobio sertanista — demonstração desvanecedora da nossa cultura scientifica e affirmação viva das qualidades vigorosas da nossa raça.

O joven collaborador de Rondon, em cuja palavra vamos gosar e aprender, é um desses que se esforçam com successo magnifico por integrar na Patria brasileira o sertão brasileiro, com as immensas extensões e riquezas abandonadas

de seu sóio, e a imensa miséria abandonada dos seus habitantes de cujo sangue corre tanto em nossas veias... E' um *Moisés* conquistadores, abnegados e pacíficos, de matas brutas e tribus selvagens, nos quais, através de mais de um século de civilização progressiva, evoluiu o bandeirante, heróico e feroz.

Só não direi que devemos, nós paulistas, receber com especial carinho o hospede em que revive, rejuvenescido, o espirito forte dos nossos maiores, porque o orador que vamos ouvir está, como brasileiro, na sua terra não é hospede na terra de Paschoal Moreira Cabral, de Fernão Dias, de Bartholomeu Bueno, e de tantos outros que tão energicamente collaboraram na formação do Brasil.

Coube a um modesto poeta provinciano a honra de apresentar-vos esse alto representante da cultura nacional. Desvanecido vejo-o apresento. Tem a palavra o sr. Roquetta Pluta."

REVISTAS E JORNAES

OS BANDEIRANTES

Drama e tragedia das capitancias denominou o historiador eminente ás "bandeiras", esse lance inicial de nossa vida, que salvou a colonia e alto provou em prol da energia portuguesa. Era, na voz que certo dia falou aos Paulistas maravilhados, "a ambição em luta com o perigo area por area, em antagonismo frente a frente com as potencias da natureza, em desafio peito a peito com os mysterios, as cilladas, os assaltos do ermo, as trevas da mataria, a fereza das alimarias, a barbaria dos canniboes. Era a ambição cruel, mas heroica, a ambição do mais rijo, não da vontade humana, digna de se medir com o heroismo dos deveres sagrados, naquelle theatro sem auditorio, entre

o céo e a terra, como os titões com os deuses".

De quantos, nessa phase epica, fizeram o Brasil filatado e grande, cumpre sobrelevar os Paulistas ao sul e oeste, e os creadores e jesuitas ao norte. Enquanto os segundos deavendam os sertões septentrionaes, levando o gado para o interior, e os terceiros comprehendem uma obra tal de devassamento territorial e civilização que, segundo se escreveu, "o historiador pôde marcar a frente do Brasil colonial, quer na infancia, quer na adolescencia simplesmente com as duas letras C. J. "Companhia de Jesus", os primeiros triplicam o territorio, assegurando ao Brasil sua configuração physica actual.

Da *bandeira* sendo o Brasil territorial de hoje. Que era a *bandeira*? Uma cidade ambulante, com seus governantes e governados, suas rixas e aspirações, tendencias e vicissitudes, vingando serras, transpondo valles, vadecendo rios, correndo planícies, posta a vontade numa ambição unica, que a todas rovia. "No intimo das terras marcham como se navegassem através dos mares, com a orientação da bussola e das noites constelladas; aqui e all seguem o curso dos rios ou os vadeiam. Recolhem por toda a parte as legendas e historias dos indios que fallam de outros paizes distantes e de caminhos, ainda não trilhados pela civilização. Se é preciso descer um grande curso d'agua, não contam o tempo; aboetam-se e acampam na margem, abatem arvores gigantescas, de cujos troncos e ás vezes das cortecoes formam esquadilhas de canoas, carregando-as a fogo..."

Fôra uma bohemia sublime; escreveu Araujo Jorge numa pagina magistral, pintando ao vivo aquella arrancada heroica. As bandeiras abalavam numa ancia louca, durante mezes e annos, caudal irresistivel a que nada se oppunha, abrindo caminhos através da floresta, lutando, depredando, vio-

lando a robustez da terra virgem... Aleixo Garcia, com um grupo intrepido, transpõe o Paraná e chega até as fronteiras da Bolívia, de onde regressa cheia de ouro pelo rio do Paraguay. Alvaor Nunes Cabeça de Vacca desembarca em Santa Catharina e vara pelo interior até Assumpção. Antonio Raposo, "cheffiando o trço mais singular de homens de que ha noticia nã historia", atravessa o continente de flanco a flanco, e, em face do Pacifico, a espada desembalçada, "avassala terra e mar para seu Rei". Ao sul, a oeste, os Paulistas expulsam os Hespanhões, desalojam suas reduções no Alto Paragway, no Paraná, no Uruguay, enquanto as missões jesuíticas, aterradas, despacham emissários para Madrid e Roma reclamando medidas urgentes "para contener dos Portuguezes del rio San Pablo". São por toda a parte o tropel das cavalhadas, dispersando de noite para o dia os aldeamentos ao grito tradicional e temido de *Ahi viene!* Uma bulla papal ensaa proteger os índios, São Paulo responde expulsando os padres. E o alarma vai ao Peru', cujo Vice-Rei, impotente para conter os Paulistas indomáveis sacode o Conselho das Indias com esta ameaça apavorante: "puede suceder que ellos se apoderen de las cordilleras del Itatín y sean señores de todo el corazon del Peru'."

"Nessa epopéa capaz da tuba épica, escreveu Ruy Barbosa, viu surgir o mundo novo a estirpe dos Paulistas, filhos intratáveis do cruzamento entre o genio europeu e a energia americana, de uma constituição á prova do medo e de uma actividade inacessível ao cansaço. Entregues á corrente do Tieté, de rio em rio, de serra em serra, de planura em planura, as suas expedições iam ter ao Miranda, ao Caya-bá, ao Paraguay, arrebatando a Castella, para a casa de Bragança, "a maior extensão da America do Sul, a região mais formosa de toda a terra habitavel". Dianteiros da expansão portugueza na America do

Sul, fundaram, nos seculos XVI e XVII, os primeiros estabelecimentos de Minas, de Goyaz, do Mato-Grosso, de Santa Catharina, do Rio Grande, conquistaram a Provincia castelhana de Guayra, obrigaram os Hespanhões a evncuar a bacia do Jacuhy, a do Piratininga, a do Ibi-embhy, toda a região a léste do Uruguay, levando por fim as suas desasteadas excursões até ao norte do Paraguay e á cordilheira do Peru'. Não fóra o valor e o arrojo desses caçadores de homens, gente "mais arida que os primeiros conquistadores", e a costa do Brasil ao sul do Paranaquá seria hoje hespanhola, hespanhões veriamos os sertões de Mato-Grosso e Goyaz, outro povo occuparia as melhores zonas, respiraria os nossos ares mais benignos, cultivaria as nossas mais desejadas terras. Na sua maior parte, o sul do Brasil representa uma conquista dos bandeirantes. A' expansão irresistivel dessas ondas humanas para as regiões andinas e equinociaes, deve este paiz a sua immensidade e a sua configuração territorial, dilatadas e modeladas ao meio-dia e ao occidente pela fortuna da raça que, em dois seculos de triumphos, estendeu o campo das suas façanhas desde o solo paraguayo até a Bolívia e as antemontanhas peruanas".

Mas a obra dos bandeirantes, criando, no dizer dos geographos, a geographia patria, e assim dilatando a zona brasileira, não podia vingar se não alcançasse a chancela internacional, sagrada para as nações pelo intermedio de um pacto solenne. E é então que se vê como a capacidade de um Brasileiro, tambem Paulista, porque filho de Santos, soube garantil-a de modo definitivo na letra de um tratado onde a experiencia de outros não lograra vencer. Queremos dizer de Bartholomeu de Guamaõ, reivindicado ha pouco como o *aró dos diplomatas brasileiros* e cuja obra, no tratado de 13 de Janeiro de 1750, domina todo o desenvolvimento da diplomacia americana. "Estadista que nas sciencias politicas foi mais arguto

que D. Luiz da Cunha e na sagacidade e lucidez de finô sentir foi o espirito mais avançado do seu século", conforme disse Camillo Castello Branco, bem comprehendeu Guarnião o papel que lhe estava reservado ao fixar Portugal com Hespanha a questão de limites da America. E gison, á distancia de quasi tres seculos, as fronteiras que hoje temos. (Hello Lobo. — Conferencia no Rio de Janeiro, sobre "a defesa da nacionalidade na historia colonial brasileira").

JOSÉ VERISSIMO

Nenhum de nós, brasileiros de hoje, pôde esquecer a personalidade desse combativo esforçado, uma das mais dignas e mais curiosas figuras do nosso meio literario.

Elle passou pelo mundo dominado pela absorvente preocupação da literatura, que foi sempre o encanto e a paixão da sua vida.

A maxima: "in angelo cum libello", ninguem a poderia melhor comprehender do que elle.

Como todo homem, porventura, José Verissimo mais de uma vez terá errado, pois todo o seu trabalho de critico assentava sobre o criterio de meia duzia de principios basicos immutaveis.

De toda a obra literaria elle exigia que escondesse no intimo uma especie de utilitarismo na sua finalidade social. Desde que infringisse abertamente certas convenções que elle reputava de má gosto offender, José Verissimo a considerava de inferior inspiração. Esse modo de ver está claro, é patente na critica depreciativa por elle feita ás obras de Gabriel D'Annunzio, a qual se acha reproduzida num dos seus volumes sobre "Homens e Cousas Estrangeiras".

Não é que elle exigisse uma absoluta moralidade na fantasia dos creadores. A sua predilecção por Machado de Assis provaria o contrario. Mas fazia questão de comedimento, de subtilidade, de finura, e de uma certa naturalidade.

Mais de uma vez lhe ouvi, nos seus ultimos tempos, desalentado, declarar inutil a sua tarefa critica, por ser ainda cedo tomar a sério a produção mental entre nós.

Num paiz de exaltados, de superficiaes exaggerados, de levianos gongoricos, diante de uma literatura de possessos, como poderia ser bem acceto um juiz amigo da profundidade de idéas expressas com sobriedade de palavras?

Verissimo tinha uma virtude fundamental: em questões de dinheiro foi um honesto. Nunca soube "cavar"... Por uma singularidade tão notavel, mereceria, talvez, hoje, uma estatua.

Comprava modestamente, de vez em quando, um bilhete de loteria, allegando ser esse o seu unico meio de pedir á Fortuna que lhe satisfizesse o desejo intenso de viajar, de demorar na Europa, de saciar a sua immensa vontade de chegar á nostalgia... Já que lhe não era dudo, como nos mais felizes, "viver longe da Patria á custa della".

Onde, mais do que em qualquer outro assumpto, se mostrava intransigente Verissimo, era na defesa do seu modo de considerar a Academia Brasileira. Queria a como um premio aos homens de letras já bastante consagrados. Arrependia-se de ter votado em favor da entrada de Osvaldo Cruz. E mostrava-se desgostoso nos ultimos tempos a ponto de ter resolvido all não pôr nunca mais os pés.

Havia, talvez, no fundo do seu temperamento, um pouco da rigidez característica do indio. Foi, comtudo, um elemento effieaz em nossa vida publico, e poderosamente concorreu para a elevação de espirito dos seus contemporaneos. Sua copiosa produção represento um immenso esforço em beneficio de nossa cultura.

Sejam quaes forem as questões secundarias que de seus julgamentos nos possam separar, não ha duvida que José Verissimo foi um nobre typo de homem, de todos bem lembrado e respeitado, pela tenacidade com que se afastou das cousas mínimas

da vida, afim de se dedicar a tudo o que podemos encontrar de mais consolador, de mais puro e mais alto: a difusão do ensino e o amor das letras. — (Miguel Mello. — *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro).

SOUZA BANDEIRA

Souza Bandeira começou a sua carreira literaria pelos *Estudos e Ensaios*, collecção de artigos sobre philosophia, ou, mais propriamente, sobre historia e critica philosophicas. Por esse tempo dominavam no Recife Tobias Barreto e seus amigos. Descobriram a philosophia allemã e o positivismo de Comte. No velho casarão da Praça 17, Kant, Buchner, Haeckel eram deuses familiares e amigos. Não havia estudante bisinho que não atordasse céus e terras com as tremendas palavras de monismo, evolução, transformismo, racionalismo, empirismo, todo o dialecto philosophico, que é mais facil decorar do que apprehender o sentido. Não havia mais mysterio no mundo; a philosophia resolvera tudo. Creio que se não mataram Deus "nas alturas" devido a opposição de alguns espiritos prudentes que o julgavam sempre de certa utilidade, como freio moral para as massas incultas. Em todo o caso, a metaphysica foi corajosamente liquidada...

Souza Bandeira filiou-se á corrente, não se limitando, no entanto, ás declamações facéis. Escreveu, procurando coordenar e traduzir as suas idéas. Ainda hoje, trinta annos passados, é possível ler os seus estudos. Sem profundidade extraordinaria, manejando a lingua ainda com difficuldades, o seu inquerito sobre a philosophia positivista no Brasil, os seus ensaios sobre Schopenhauer, Tobias Barreto e sobre o monismo são curiosos. Revelam um espirito sério, preocupado com problemas transcendentes e que conseguia, pelo menos, comprehender as altas coisas de que a philosophia cogita. Dentro do dogmatismo dos discipulos de Tobias, é um moderado, que tem restricções mentaes, que duvida e desconfia de

si mesmo. Teria Haeckel decifrado mesmo os "enigmas do Universo"? Souza Bandeira não poderia ir muito longe neste caminho. Julgo que cêdo lhe veio a convicção que tratar de questões philosophicas entre nós, era, no mínimo, uma revelação de máo gosto. A vida pratica chamava-o. *Primo ricere...* No Rio, trocou naturalmente o Schopenhauer da Academia peloCodigo Civil, de leitura mais pratica e mais fecunda. Com uma logica e um bom senso que não são vulgares entre os moços atacados de literaticos, adiou as suas cogitações literarias para melhores tempos. Estes lhe chegaram como o resultado de um longo e intelligente esforço.

As questões de pura philosophia não no attráem mais. Paga o seu tributo de americano do sul que viajou a Europa, escrevendo as suas impressões (*Peregrinações*), combate, um momento, a mania de reformas que contaminára o paiz, num pequeno livro (*Reformas*). O seu espirito volta-se então para a critica literaria, que é para certos temperamentos, avidos de belleza e perfeição, um suave derivativo. As *Paginas Literarias* são o livro de sua velhice, ou melhor, de sua idade madura, porque a morte lhe não permitia a quietude da velhice. Souza Bandeira não é propriamente um critico, como entendem alguns mestres estrangeiros, nem tão pouco um professor de portuguez, a que querem certas passões, entre nós, reduzir os estudiosos da ingrata especie literaria. Será, talvez, um impressionista. Toma de um livro duas ou tres idéas que lhe pareçam capitulos, agita-as, procura focalizar-lhes todos os aspectos. Parece que a sua primeira preocupação consiste em ser breve, evitando as longas digressões, em cada qual, espedidos livro e o autor, vai falando de si, de suas proprias leituras, de suas proprias idéas. Nas sete paginas primeiras, por exemplo, das *Paginas Literarias*, elle fala de tres livros, *Sertões*, de Euclydes da Cunha, *Chanaas*, de sr. Graça Aranha, e *A todo o transar*, de Emmanuel Guimarães. Qualquer destes livros merecia facilmente um lon-



go ensaio, mesmo o de Emmanuel Guimarães, menos conhecido do que os outros, e que é, entretanto, um curioso romance da nossa vida política. O pequeno capítulo sobre Machado de Assis, além da commovida sanidade que revela, é uma analyse muito penetrante do estilo e da psychologia do humorista extraordinario, que ficou como a gloria mais pura das nossas letras. Deveria descer no estudo mais minucioso da obra de Souza Bandeira, mas fugiria assim ao meu primeiro intuito — simples impressões, uma pagina de saudade que devia á sua memoria. Valham estas pobres regras pela intenção que se ditou. (F. de Maria Belio. — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

O PROBLEMA SANITARIO DA AMAZONIA

O problema regional da Amazonia, a conquistar para todos os proventos humanos e civilizados, é no começo, e fundamentalmente, o problema sanitario, que só pôde ser resolvido por medidas de saneamento.

"Um clima calunniado" é o da Amazonia e serão todos os climas enquanto o homem não se submeter a elles para viver numa conformidade que é a condição unica de adaptação e sobrevivência. Esses aventureiros que baseam a Amazonia, fortes ou debéis, ganham ali a doença e a morte, sem que para isso o clima concorra, como não concorre para as excepções, uma em mil dos que escapam, mal feridos ou providencialmente immunes. Dos confins de Madeira, dizia o dr. Oswaldo Cruz, "a região está de tal modo infectada, que a sua população não tem noção do que seja o estado *hygido* e para ella a condição de ser enfermo constitue a normalidade". Não é o clima a maldição irremovível que pesa sobre aquellas regiões: é a insalubridade, essa remocivel, saneavel, que se deve tentar e realisar systematicamente, não num trecho, mas em todo o territorio,

e por todos os meios idoneos em hygiène para lhe conseguir com o saneamento, a redempção.

Um dos males da Amazonia é o beri-beri. Essa doença é um factor constante de insalubridade da Amazonia, embora com exacerbações até de caracter epidemico. Deriva de uma insufficiencia alimentar, por alimentos pobres de vitaminas, talvez alguns deteriorados, privados outros de substancias frescas. Previne-se e trata-se o beri-beri restituindo ao organismo dellas empobrecido, por uma alimentação adequada. Outra doença: a leishmaniose, com que Carlos Chagas identificou as feridas bravas, tão espalhadas, e que a tantos desgraçados arruina a saúde. Identificado o mal, cujo remedio é sahido, é só curalo com a applicação divulgada das injeções endovenosas e dos topicos, de emetico, como de proto-san (Carlos Chagas), que curam a leishmaniose. Quanto á prophylaxia, não ha mais do que essa desinfecção pelo tratamento. A supressão das feridas bravas da Amazonia é um problema sanitario dos mais prementes, porque o numero de enfermos e de invalidos feitos por ellas grava de abstenção onerosa e funesta o trabalho e, senão a vida, a saúde naquellas regiões.

A pneumonia tem na zona equatorial um indice epidemico desusado e uma gravidade que tambem desconhecemos. Mas as causas da pneumonia são evitaveis por meio da educação hygienica, da abstenção alcoolica, da protecção contra o resfriamento vespertino ou contra a friagem imprevista e pelo conhecimento dos funestos effeitos dos banhos frios, com o corpo cansado.

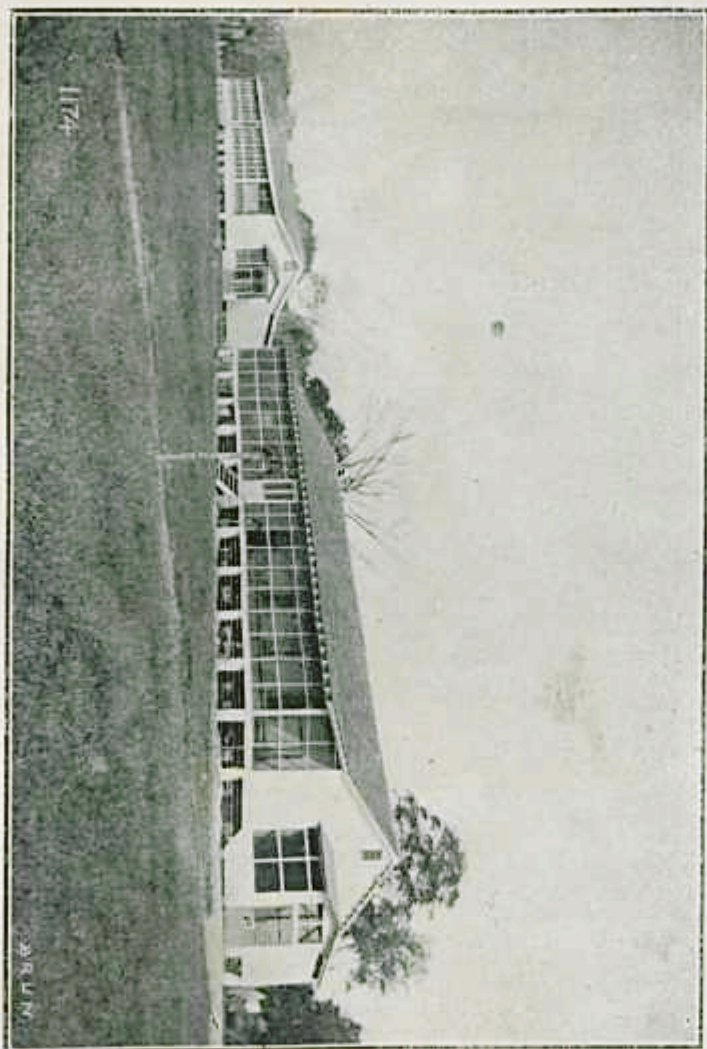
Muitos outros males existem pela Amazonia, que por serem communs a outras zonas do paiz não dão, por isso, feição especial, por que entram nesta resenha. Mas, tudo isto é nada deante do mal maior que só elle absorve e domina todas as preoccupações: é o impaludismo, que pela sua immensa disseminação, pela intensa gravidade de suas formas, faz tudo o mais bem minimo, e se

impõe, só elle, como todo o problema sanitario da Amazonia.

Só a *malaria* é causa da devastação sem precedente que assola aquellas regiões e lhes dá a fama sinistra. Levas e levas de immigrants que a cobrça conduz pelos seus rios, no recesso de suas florestas, nenhum escapa ao ataque: o maior numero, senão todos, ás vezes, não escapam á morte. Salvam-se acaso os que fogem, se não vêm a morrer pelo caminho. Na maior parte da zona devastada, não ha população autochthona. Creanças não existem por ali, ou têm os dias contados. Não se conhecem pessoas nascidas no lugar: são adventícios e estes, cento por cento, pagam o tributo á infecção, que de tão severa faz dizer a todos: "Só tenho boço". Na estrada, de ferro Madeira e Mamoré, em mezes de 1907, 75 o/o dos empregados estiveram doentes; em outros de 1908, a *malaria* era causa de 90 o/o das baixas; em 1910, numa média de 3.045 trabalhadores, ha 4.603 entrados no hospital por febre, e em 1911 dão-se 5.619 ataques de sezões nos 4.46 operarios, o que faz a proporção respectiva de 151,112 o/o de doentes! Como prover a essa inominavel desgraça? Tres ordens de medidas prophylacticas permittem amplamente combater, senão debellar, o *sezonismo*: a) — obras hydraulicas, que enxugam os pantanos ou derivam aguas paradas, onde se criam os mosquitos transmissores; b) — protecção mecânica da habitação contra a invasão dos mosquitos perniciosos; c) — protecção individual contra o germen malarhygíenico, inoculavel ou inoculado por esses mosquitos.

Uma pequena obra hydraulica dentro das possibilidades de todos os habitantes desta zona, consiste em escavar perpendicularmente ao veio d'agua um vallo ou rego que communique o brejo, alpeçra, ou igapó com a corrente, sanando o pantano, que se esgota por essa derivação, facil de manter com alguma vigilancia. Outra tão grande e mais intima ao homem que procura essas regiões,

é a questão da habitação. A habitação é o principal occasionador da infecção palustre. Entretanto, para o maior numero de habitações as medidas prophylacticas seriam de uma execução simples e barata. Envi-draçando as janellas contra o vento, seria melhor que as gradeassemos de arame contra os mosquitos. Onde elles abundam perigosos, a medida se impõe como recurso de conforto e de saúde. "Verificou-se francamente, diz o dr. Lovelace, medico da Madeira-Mamoré — que o homem pôde viver aqui numa casa cercada de tela durante annos com perfeita saúde e pessoas que nenhuma ligação têm com a companhia já começaram a construir essas casas protegidas". Nem sempre, porém, se pode secar um pantano. Nem sempre a humidade do trabalhador pode proteger-se a arame trançado; é então que deve intervir a prophylaxia especifica, a prevenção intima, a *quinisacção*. Para prevenir e curar a *malaria*, é necessario haver — não é usar a quinina, na dose necessaria ou sufficiente; em uma palavra, é preciso ter bastante quinino. Ora, é exactamente o que falta no Amazonas e por todo o Brasil, assolado pelo impaludismo. A razão vem de que a quinina é cara, por isso mesmo sophisticada, e dahi substituida por mezinhas que a ignorancia e o charlatanismo impõem á desamparada ignorancia popular. Ainda no 11.º Congresso Internacional de Hygiene e Demographia, notaveis hygienistas convidaram as nações atingidas pelo impaludismo a—1) empregarem todos os meios propostos, de combate á infecção malarica; 2) a venderem por prepostos do governo quinina boa e barata, segundo o exemplo das leis Italianas. Em nenhum paiz mais do que no Brasil deviam ser ouvidos estes avisos. Desde alguns annos que os proclamamos e não me cansarei de os repetir. A quinina official deve ter os seguintes requisitos: a) — abundancia, pela aquisição nos mercados centrais ou centros productores, em grosso; b) — manipulação official que lhe garanta pu-



F. 314

REVISTA DO BRASIL

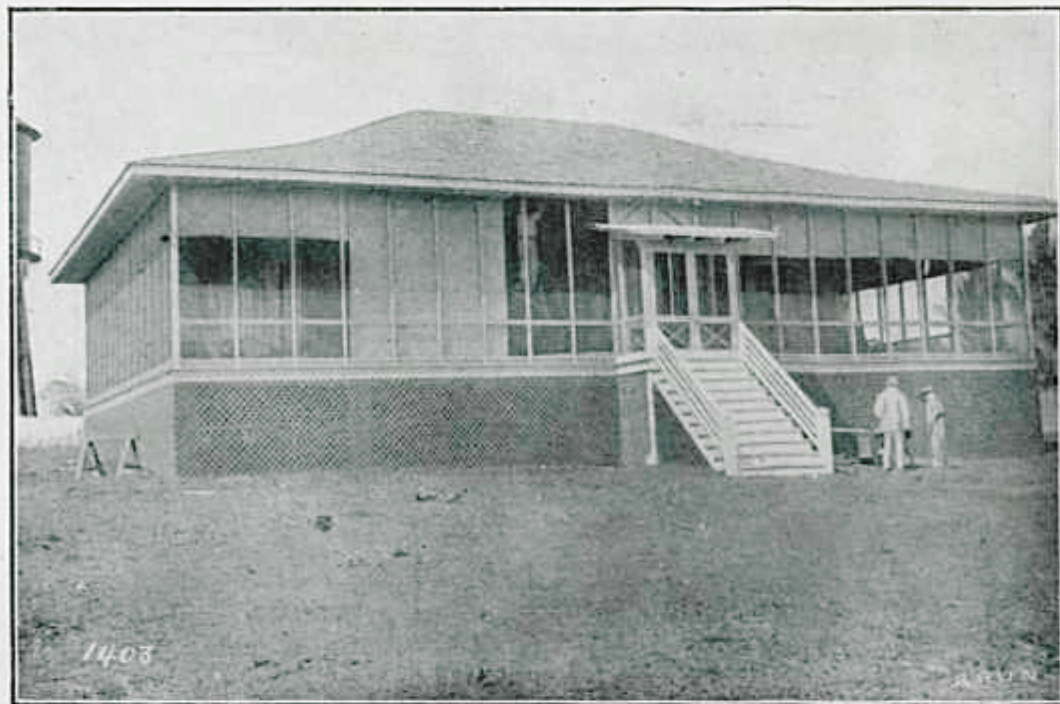


Fig. 3

3 e 4 — Casas confortaveis, defendidas hygienicamente contra os mosquitos, construidas pela E. F. Madeira-Mamoré; das mais modestas á melhor construida, a salubridade é perfeita, conseguida a protecção contra a malária, evitando os seus transmissores.

O PROBLEMA SANITARIO DA AMAZONIA

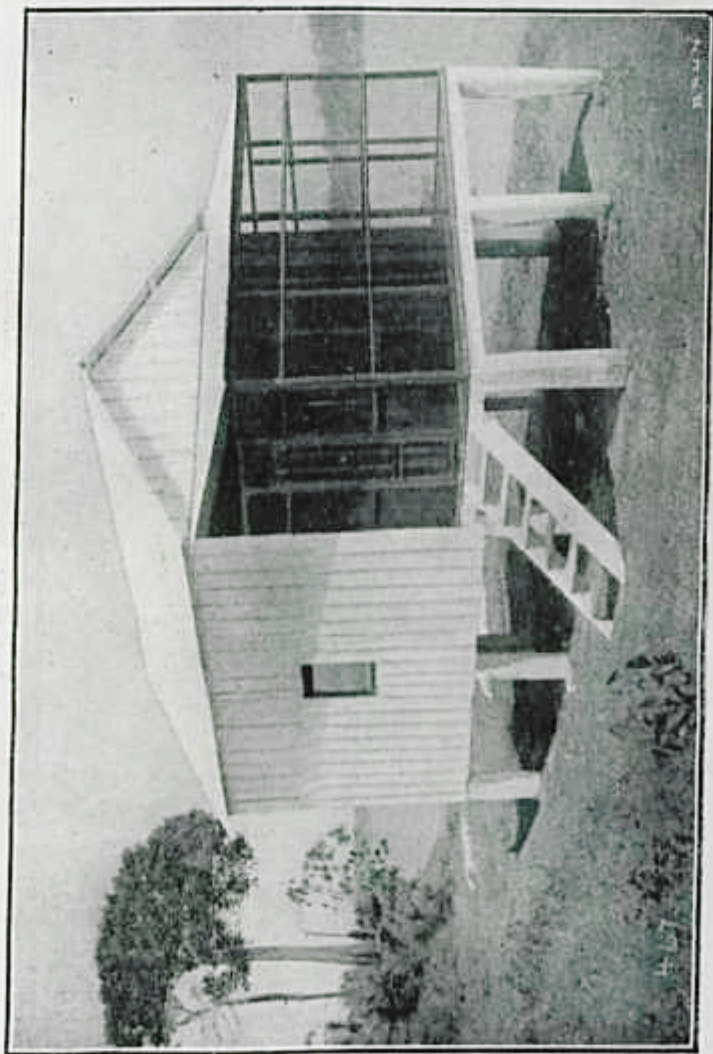


Fig. 2

RESENHA DO MEZ

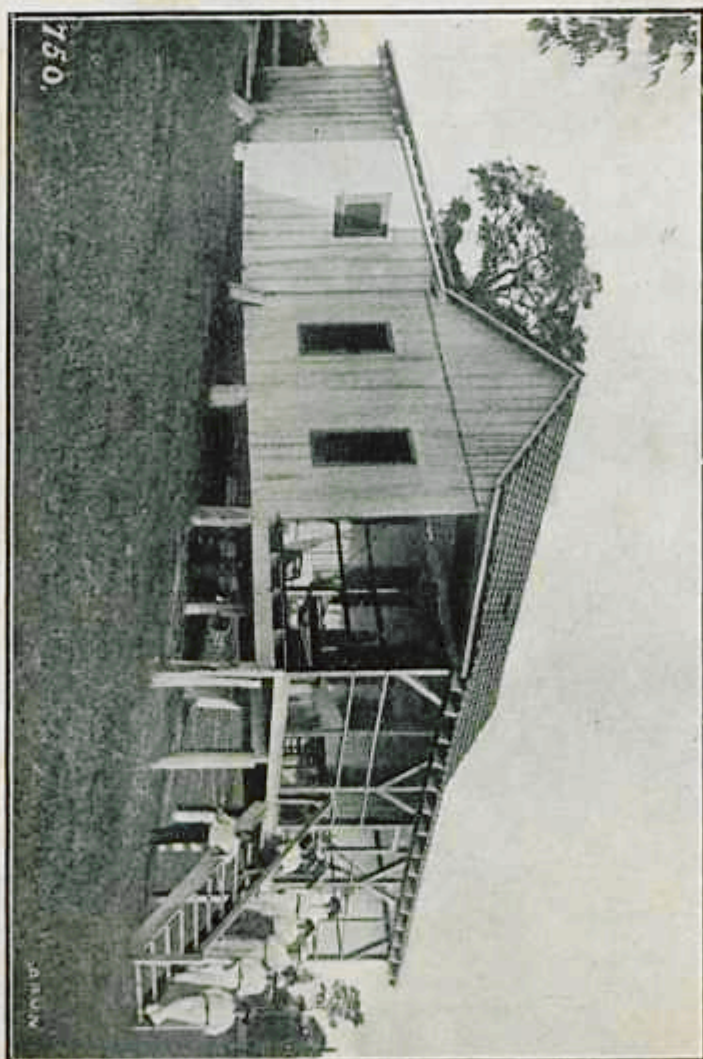


Fig. 1
1 e 2 — Adaptação de casas antigas a hábitos higiênicos, à prova do mosquito, na zona de E. F. Madelira-Mamoreé.



reza e desagem; c) — venda a baixo preço e divulgação a todos accessivel; d) — distribuição gratuita aos pobres, permittida pelos lucros da venda, mesmo a preço infimo, aos que podem pagar.

Possa ter o Brasil um homem... de Estado,—bem mais difficil de conseguir que o maravilhoso recurso sanitario, — o qual nos dote com a quinina officinal. Já não será sem tempo, e salvará milhares de preciosas vidas de brasileiros, que todos os annos desperdiçamos sem conta e a mingua, contra o maior inimigo do progresso do Brasil. — (Afranio Peixoto. — *Anuaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro* — 1917).

EUGENIA

Eugenia é a sciencia recentissima, de origem ingleza, que tem por objecto o aperfeiçoamento physico e moral da esperie humana. Foi Galton o seu fundador em 1865.

Herbert Spencer, commentando e apoiando essa fundação, assignala o estranha facto do pouco caso, que se liga a esse aperfeiçoamento mesmo nos paizes mais civilisados, quando por toda a parte a mais entusiastica importancia é dada á selecção para o melhoramento das raças animaes.

"Parece estranho, diz elle, que, enquanto a criação de novilhos puros é uma occupação em que homens illustres facilmente empregam muito tempo e muitas idéas, a criação de bellas sêres humanos seja uma occupação, que tacitamente se considera indigna de sua attenção."

O remoço é sem duvida pungentemente caustico; mas, a dura verdade, que nelle se contém, é de molde a manter alerta muitos paizes, aos quaes pode innegavelmente caber a carapuça.

De um sombrio exame de consciencia resulta que não pôde ser mala opportuno o momento para estabelecermos o confronto entre os nossos patentes defeitos de raça e as medidas prophylacticas, que temos posto em pratica para attenual-os.

Muito temos feito em S. Paulo no sentido da criação de bellas galinhas, de homericos porcos, de archi-rapidos cavallos de corrida; estamos de posse de uma arte primorosa na obtenção de novilhos de uma suprema belleza; já é uma plena realidade a existencia da activa Sociedade do Herd-book Caracú; está feita a nossa eugenia bovina.

Entretanto, ao mesmo tempo que isto se passa, um grito estridente partimdo do peito patriotico de dr. Miguel Pereira faz estremecer todo o nosso edificio social e põe em alarma todos os nossos corações.

Podemos e devemos sandar com emphase a fundação da nossa Sociedade Eugenia. E' mais que tempo de cogitarmos do embellezamento da parte que nos toca da raça latina. Os poucos bons espiritos, que persistem em pensar que ainda é cedo para applicarmos ao nosso meio social os dogmas fundamentaes da nova sciencia, não estão por certo a par da verdadeira situação mental de uma importantissima camada do nosso publico. Essa camada é precisamente a mais interessante e seria grave erro desconhecer a vehementemente necessidade que ella sente de uma forma anatomica de rosto, que se aproxime mais ou menos de um moleto de esthetica facial. — (Dr. L. P. Barreto. — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

O SORTEIO MILITAR E A VOZ DO POVO

O povo sertanejo começa a levar ao ridiculo o serviço militar de uma maneira verdadeiramente cruel. Vejo denunciar aqui a critica mordax da arrais munda na esperanca de que os poderes publicos providenciarão com tanta justiça e energia contra os fraudadores do sorteiço que os matutos ficarão cheios do respeito pela nova lei.

No interior do Brasil, quasi sem escolas, sem hygiene, sem tribuna e sem imprensa, as manifestações do pensamento collectivo só têm uma saída: a cantiga popular. O can-

tor de pé de viola, cantor de samba e de desafios, errante e livre, é quem leva do alto sertão pernambucano ás ribeiras cearenses, dahi ás margens do Vasa Barris e do São Francisco, as noticias dos acontecimentos mais importantes, os casos como elles chamam, glosando-os sempre com um enfado ironico, com uma troça malvada, uma birra cruel.

Nada se passa de notavel á face do Brasil, nenhuma lei nova se promulga, nenhum governo se installa, que isso não repercuta em versos no fundo dos sertões.

Tambem tudo o que acontece no interior e que no littoral não se sabe, é guardado em versos, desde a vida aventureira dum Antonio Silvino até a peço dum boi de fama ou a fuga duma moça com o seu namorado.

Os cantadores sertanejos, que já se occuparam com o 14 de novembro, no quadriennio Rodrigues Alves, a obtenção do Acre, a morte de Affonso Penna, a Vacinação Obrigatoria, o João Candido e o Franco Rabello, agora rimam o sorteio militar, criticando-o.

Presentemente, corre o sertão do nordeste uma longa poesia sobre a nova lei do sorteio militar, cujos versos principaes transcrevo *fielmente*, pontuando-os e orthographando-os de accordo com a grammatica, mas sem a menor alteração:

Alerta, rapaziada!
O tempo não está de graça.
Moço, velho, cego e côxo,
Tudo agora assenta praça.
Bispo e vigario collado
Val tudo no pau de fumaça."

Conhecia uma antonomasia popular magnifica de espingarda — pan fuzado. Aprende esta muito melhor — pan de fumaça. Por esta primeira estrophe já se vai vendo o espirito critico exaggerado do poeta. Pergunta elle, depois:

"Para que fazer soldado,
De velho, cego e menino?
Está sem sal este mercado,
Rôe a porca e quebra o pino?
Um como Antonio Silvino,
Vamos ver si alistarão

Os sarcasmos proseguem, infundavelmente:

"Eu viajei para o norte
E vi um pobre aleijado,
Me disse um vizinho d'elle
Aquelle está alistado.
Mas para que serve aquillo?
Perguntel ao delegado."
Então, elle respondeu:
"Esse não pôde escapar,
Só anda de quatro pés,
Mas contudo pôde andar,
O Brasil tem precisão
De alguém para rastejar."

Jâmais houve um jornal da opposição, por mais pessimista e atrevido que fosse, que tivesse a coragem de dizer as duras palavras dos dois ultimos versos desta sextilha. A alma mordaz do povo é terrivel. Ella nada poupa, porque sabe bem quanto soffre com as loucuras e as ascetrias, a ganancia e os erros dos seus dirigentes.

"Outro tem um filho doido
Com uma perna cortada.
Disse-lhe o delegado:
— Você vai, meu camarada.
Tem-se precisão de doido,
Que é para atirar pedrada."

Ha tempos, um vespertino carioca affirmava que, na ultima leva de sorteados vindos do norte, a grande maioria era de epilados, doentes, anamicos, semi-imbecis, etc. Ora, ahi está o motivo do sarcasmo poetico do matuto:

Como vou eu sem pernas?
Perguntou um anelão.
Respondeu o delegado:
— Val na corcunda dum são.
Um leva você nas costas
E a espingarda na mão."

"Tinha um filho uma viuva,
Sendo uma pobre mulher,
Disse ao filho:—Ora, meu filho,
O governo não te quer.
O juiz disse: — Esse tu levo,
Arranje outro, si quizer."

"E, si não estou enganado,
Os padres tambem irão,



E ha de ficar bonito
Um padre com cinturão;
Naquelle batina preta
Fica de luxo o latão!"

Nas trovas seguintes se verá a critica á violencia das autoridades que entendem de recrutar a torto e a direito, fazendo peof com os seus abusos do que os proprios fraudadores:

"Me disse certa mocinha
Que em nossa casa vai.
Essa disse: — Lá em casa
Tudo está dentro não sai.
Não quiseram dispensar
Nem o porco de papai."

"Até a meu irmão mais velho,
Que quebrou o espinhaço,
Furou o olho direito,
E o doutor cortou-lhe o braço,
Disse o juiz: — Você vai,
Embora falte um pedaço."

"A lei exige que, ainda
Estando morto e enterrado,
Arranque-se o esqueleto
E vá inspeccionado.
Quando nada, o povo diz:
— Isto é caso de soldado!"

Esta bulia com os recenseamentos e alistamentos mal feitos e atrasados, que permitiram o sorteio de varios individuos já mortos, mas cujos nomes figuravam nas listas officiaes.

Venha agora uma caçonda leve e anedoctica:

"Uma velha tem um filho,
Que é feio como um peígo.
Perguntou quando se alistou:
— Que querem fazer cômigo?
Disse o juiz: — Praça feia
Faz assombrar o inimigo."

Tambem critica a surdez governamental ás reclamações de toda a especie, que chegam por toda a parte:

"O governo está dizendo:
Quem não gostar coma meus,
Vá fazer queixas ao bispo,
Faça os bocoados pequenos.
Felizmente, eu já sou grande.
Não tenho medo de acenos."

O cantador aproveita o assumpto para caricaturar varios typos da sua região natal e as suas opiniões até chegar na sua esplendida descrição da situação actual difficil do povo brasileiro, especulado por todas as crises:

"O brasileiro se torce
Mais do que um parafuso,
A secca aperta do norte,
Do sul aperta o abuso
O imposto bota na prensa,
O sorteio acocha o fuso."

É esse o quadro real. Tal qual a mandioca espremida na prensa de fazer farinha, que o fuso do pau d'arica movimenta e aperta, vai morrendo a nação. Que artigo de fundo de jornal terá a singela eloquencia dessas palavras verdadeiras?

Deante dessa opinião popular, o governo puna os fraudadores do sorteio e diminua as fraudes do modo energico e producente, para não se desmoralizar com a ironia dos cantadores por esses sorteios immensos do Brasil, essa lei essencial para a nossa defesa e para manutecção de nosso espirito nacional. — (João do Norte. — *Correio Paulistano*, 8. Paulo).

O BRASIL E A FRANÇA NO SECULO XVI

Nos primeiros annos da sua existencia colonial o Brasil permaneceu desamparado, num absoluto isolamento do mundo. Portugal, preoccupado com a India, cujas riquezas lhe attestavam as arens do thesouro e ainda sobravam para passear pela Europa a faustosa opulencia asiatica da Corte lusitana, só de longe em longe distrahiadamente volvia os olhos para a remota terra de Santa Cruz, que o pessimismo de Americo Vespucio, "o primeiro orgão de descredito da nossa terra", ajudara a relegar para o mais completo olvido. A historia do Brasil, nesse periodo inicial, offerece a monotonia de todas as nomenclaturas: é o catalogo das intrusões estrangeiras. Poderia capitular-se sob um titulo

único — a defesa obstinada da terra contra a pirataria universal.

Especuladores e aventureiros de todos os países aportavam em varios pontos do vasto e mal conhecido littoral, traficando socagadamente com os indigenas que, a troco de miudezas e quinquilharias, abarrota-vam as suas mãos de toda a sorte de productos do paiz, vendidos a preços avultados nos mercados europeus.

Os francezes, atraídos pelas noticias das riquezas da nova terra, tornaram-se dentro em breve os mais intrepidos promotores desse commercio clandestino. Em 1594 já se assigna a presença de seus navios na foz do rio Paraguassu' na Bahia. Aproveitando-se da hesitação do governo portuguez, e da insignificante resistencia offerecida pelos miseraveis colonos disseminados pela vastidão das costas brasileiras, chegaram mesmo a fundar estabelecimentos e feitorias, que facilitassem o escambo com as tribus do interior.

Os armadores de Honfleur, Ruão, Dieppe, La Rochelle e mais tarde do Havre, animados ainda do enthusiasmo que lançara os navios normandos e bretões antes dos portuguezes e hespanhões, no encalço de novas terras pelo mar desconhecido, despachavam successivas expedições, umas destinadas a transportar o Brasil utilizado na industria tintureira, que em França passava por um periodo de excepcional prosperidade, outras a capturar os riquíssimos galões portuguezes, peçados de preciosidades da India e das costas d'Africa.

Houve um momento em que os navios francezes se espalharam em tão grande numero pelos mares, que puderam em sério risco o commercio marítimo de Portugal, "tratando já de contrabandistas e piratas os navios portuguezes, contra os quaes combatiam quando julgavam facil a victoria". Parmentier, um dos mais celebres capitães a serviço de João Augusto, de Dieppe, escrevia que "se o rei Francisco I quizesse afrouxar as redes aos negociantes francezes, em menos de quatro ou cinco annos, estes teriam grangeado a amizade e assegurado a obediencia dos povos

dessas novas terras, e isto sem outras armas que a persuasão e bom comportamento."

A continuidade do trafico estabeleceu desde cedo uma constante e profunda sympathia entre o indio e o francez, a contrastar com a agra-ria que lhe inspiravam os portuguezes. Provavelmente, a vivacidade e o bom humor característicos dos primeiros impressionavam melhor o selvagem que a rudeza do conquistador lusitano, decidido á tomada e occupação do sólo pelos processos heroicos e brutaes, de que já tinham lançado mão na India. Os interpretes normandos, intermediarios preciosos entre os traficantes francezes e os indigenas, installavam-se no Brasil e algumas vezes identifica-vam-se de tal forma com a sua nova existencia, que recusavam voltar para o seu paiz de origem. Lery conta do interprete ou lingua, que haviam convivido oito e nove annos entre os indigenas, adoptado o mesmo systema de vida, aprendida a sua lingua e levando não raro a adaptação no ponto de tomarem parte nos festins canibalescos. Montaigne refere ter tido a seu serviço um homem, que habitara dez a doze annos "en cest autre monde qui a été decouvert en nostre siecle en l'endroit ou Villegaignon print terre, qu'il surnomma la France Antarctique".

A qualidade de francez acabou por constituir um verdadeiro passaporte, um titulo de recommendação junto de certas tribus. Preso pelos Tupinambás, Hans Staden, um allemão de Homberg em Hesse, e que esteve duas vezes no Brasil, conseguiu evitar a morte immediata, a que já estava condemnado, declarando-se francez; o inglez Knivet, em viagem pelo interior do actual Estado de S. Paulo, utilisou o mesmo estratagem, assistindo a morte de seus companheiros portuguezes.

O Brasil, os seus productos, os costumes dos seus habitantes tornaram-se então populares em algumas partes da França. Os baixos-relevos da igreja de S. Jacques em Dieppe representam varias scenas da vida in-

digena do Brasil daquela época. Conta Heulhard que um leijista de Ruão, inacessível, como legítimo francez, á geographia dos paizes estrangeiros, encimara a porta do seu estabelecimento de madeira com uma taboleta, onde se lia "Ile du Brésil". E sabe-se que, por occasião da visita feita por Henrique II e Catharina de Medicis a Ruão em 1550, um dos mais curiosos numeros do programma de festejos em honra dos soberanos consistia numa representação de índios, com as suas danças e seus combates, em que tomaram parte trezentos homens, dos quaes cincoenta eram genuinos habitantes das selvas brasileiras e os restantes escolhidos entre marinheiros e antigos normandos, perfeitamente familiarizados com a lingua, usos e vida do indigena brasileiro.

Nessa situação tornavam-se inevitaveis os conflictos entre os subditos de Portugal e França. Elles nasceram no dia em que o governo portuguez sentiu o perigo estrangeiro, que ameaçava a integridade de sua colonia. As primeiras medidas de ordem administrativa, as providencias rigorosas tomadas para atalhar o commercio clandestino, os actos de força a que tiveram de recorrer os portuguezes para purgar as aguas brasileiras da pirataria normanda, provocaram protestos, pedidos de indemnisação, reclamações por parte da França, dando origem nas duas côrtes a uma série de negociações, que se prolongaram até ás vespers de 1650, data da incorporação das corôas portugueza e hespanhola.

Essas negociações fornecem uma excellente amostra da natureza da longa lucta entre o monopolio commercial, defendido estressadamente pelo governo portuguez, contra o principio, por fim victorioso, da liberdade de navegação, sustentado com mais ou menos vigor pelos governos, que não tinham participado directamente do grande movimento de descoberta do seculo XV, e encontravam com desamparamento, já distribuidos, os quinhões mais preciosos.

Successivas embaxadas deixam Lisboa em demanda de Paris, e os soberanos dos dois paizes, particularmente D. João III e Francisco I, porfiavam de manha e habiliidade na defesa e salvaguarda dos interesses dos seus nacionaes. — (Araujo Jorge. — *Revista Americana*, Rio de Janeiro).

A TRAPPA DE TREMEMBÉ

Annos atrás um grupo de frades agricultores, vindos de França, localisaram uma Trappa, a Maristella, á beira Parahyba, no Tremembé.

Impressionava mal a população ribeirinha allí fixada. Os caracteres somaticos da normalidade humana apresentavam nella desvios depressivos — donde uma singular feiura. Concomitantemente o moral padecia as consequencias reflexas de mau corpo — donde uma singular apathia. Derramada lado a lado daquellas aguas mansas, vivotando no ensobre classico de sapé e lama, feito com menos arte que o ninho do joão-de-barro, essa gente palida e cansada suggeria a imagem dos urupês silenciosos que no sombrio das matas auscultam com suas orelhas mollegas a lenta consumpção dos troncos mortos. Entaliscam-n'os na varzea humida e malsan das barreiras. De um lado, a via-ferrea. A pressa, a lufa-lufa de um trem que chega, chia e parte, os silvos, agudós, o italiano, a gente bem vestida — esta faixa de vida fumegante que a estrada de ferro eria por onde passa, oppunha a sudoeste uma barragem aterrorisante ao piracurá. Tudo nella eram lesões dolorosas ao seu viver socegado, ao silencio a que afex o ouvido, ao primitivismo lacustre da vida nas lezírias inundaveis.

Do outro lado amedrontava-o a Mantiqueira, com seus caminhos ingromes, escaldados de caldeirões, os topos de "caia a booca" e a vida serrana, exigente nas minimas coisas de um esforço duplo do habitual no plano. Serra e Central elle as queria de longe, para goso dos olhos — amlegão grato á vista, penacho de

fumo bom para distrahir o olhar vadio. Negocios não queria nem com uma nem com outra. Dava-lhe subsistencia o rio. Com o anzol tirava delle a piabanha e o lambary, e com o covô apanhava, nos afluentes, cardumes de curimatás. Quando sobrevinham grandes cheias ilhavam-se os casebres, muitos delles armados sobre estacas, como a habitação do homem lacustre. Escorrida a agua, pela vazante, o piraquara coava por peneira as poças lodacentas da lezíria. Era o apogeu da safra. Encambiada em cipós vinha a peixaria para a cidade, acurvaado sob o peso o piraquara contente, em trocinho picado. Fóra disso teciam balaios e jactás, e mercavam coisas do mato, ingás nos molhos, maracujás em pencaas, guembés picantes, catleyas em flor e barba de pau, no tempo dos presepes. De lavoura, nada. Parasitas do rio e da lezíria, fugiam das fazendas com horror, donde a sua má fama de indolentes ou bocas dos fazendeiros. Indolentes e ruins, incapazes, rastolho de gente, lesmões humanos. Era unanime esta opinião na lavoura circumjacente, cahida em modorra por falta de braços. Desorganizada pelo 13 de Maio e desprovida de colonos italianos, as ricas fazendas de outróra, em penúria de musculos, appellavam em vão para as urubuevas ribeirinhas. O piraquara não dava de si, inda quando armado de boa vontade, nenhum trabalho compensador. Não valem o que comem — dizia todo o mundo.

Mas vieram os frades. Instalados allí procuraram logo solver a premente questão do braço. Sem ter campo de escolha, resolveram pegar no homem que havia, a título de experiencia. Em vez, porém, de tomal-os taes e quaes os encontravam, alquebrados pela má alimentação, pela má habitação, roídos pelo ankylostomo exhaustivo, e pol-os na enxida com o feitor atrás, como o faziam os fazendeiros, tiveram a luminosa idéa de proceder ás avesas: primeiro atucharam-lhe a fibra com alimentação abundante; depois abrigaram-n'o em casas hygienicas cou-

struidas em logares secos; e ao mesmo tempo curaram-nos das verminoses. Resultado: uma resurreição. Das carcassas optiladas onde morrinhava a "indolencia" do pobre Geca Tatu', sahia, pelo equilibrio alimentar, um homem resistente; pela cura das maxellas um homem activo; pela noção de relativo conforto, um homem constante que "parava" na fazenda, e criava amor á faina agricola. As facultades cerebraes beneficiando-se logo com os reflexos da saude, foi possível ensinar-lhes as mil coisas necessarias a um bom operario, foi possível disciplinal-os, foi possível adaptal-os ao machinario agricola. Breve, graças á intelligencia da solução dada ao problema, ponde a Trappa movimentar toda a sua enorme exploração arroseira, a má aperfeiçoada que existe no Estado, fazendo funcionar as mais modernas machinas de lavrar, plantar, esifar, etc. Como resultado economico surgiu logo uma produção de 15 a 20 mil saccas de arroz, extrahidas de uma terra que vivia a monte, por meio de musculos definitivamente condemnados pela opinião geral como equivalentes de zero.

Este exemplo é frisante. Mostra o caminho a seguir, e mostra o erro dos nossos governos em nunca levar em conta, para solucionar o problema do trabalho agricola, um filão de veras preciosos. A politica adoptada nesse pormenor foi sempre imman da politica financeira — tomar emprestimos de musculos europeus. Faltou-nos o estadista de visão bastante lucida para apprehender este outro modo de obter braços: a restauração pelo saneamento dos milhões que temos em casa incapacitados para o trabalho por força de males curaveis e evitaveis. O exemplo da Trappa ensina-nos que o saneamento vale por vultuosa corrente immigratoria. E' mister valorisar, curando-o, o homem da terra, largado até aquí no mais criminoso abandono. — (Monteiro Lobato — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

O "PISTOLÃO"

Na grande sala da Congregação do Colégio Pedro II, quando o architecto, Sr. Bobecchi, me pediu que lhe indicasse alguns dizeres para se inscreverem nas paredes, logo me occorreu aquillo da 1.ª Decada do Tito Lívio: — *Legum imperia potentiora quam hominum* — isto é, que os preceitos imperativos das leis são mais poderosos que os dos homens.

Deste modo ensinava um antigo pagão aquillo que nós, modernos e christãos, absolutamente parecemos desconhecer. E' increditavel o desprozo que, por toda parte, em nosso paiz, se professa para com as leis, o que a nada, ou quasi nada, reduz o acervo das disposições legaes ceremoniaticamente decretadas, mas que em vez de constituirem normas para os que as tenham de executar, a cada momento se modificam, desnaturalizam e deturpam, obedecendo ao bel-prazer ou capricho dos executores.

Dahi o reinado do *pistolão*, isto é, do empenho, que reina em todas as provincias da administração.

Quem quer que tenha ensejo de exercer um bocadinho de autoridade, vê-se logo assediado por uma infinidade de sollicitações, ás mais das vezes descabidas, a que, se attendidas fossem, lesariam interesses de terceiros. Mette-se empenho para tudo. Logo no principio da sua carreira o joven brasileiro vê o pai, tio ou tutor mandal-o, carregado de cartas, empenhar-se com os professores que o têm de examinar. Esta costuma ser uma das primeiras lições. O pai ensina ao filho que a approvação não é um corollario obrigado do preparo intellectual do examinando, e sim o resultado de uma intervenção amistosa. O moço deve ser approvado; não porque haja estudado e saiba a materia, mas por uma multidão de outras circumstancias; — por ser nervoso e dizer habitualmente tudo trocado; porque a senhora sua mãe teve bom-sucesso ha poucos dias; porque o pae, além disso, tem mais nove filhos etc., etc.

Todo esse desfile de miserias, verdadeiras umas, e fingidas outras, são as razões apresentadas para que um examinador minta á sua consciencia e falte ao seu dever profissional, approvando por misericórdia um rapazola estúpido ou desleixado e assim lhe desbrave o caminho para, pelo mesmo systema, de futuro esquecer a humanidade, cavalgando um diploma. Dest'arte obtidos os elementos necessarios para o fabrico de um bacharel, pouco mais do que analfabeto, começa a luta para o collocar no funcionalismo.

Comprehende-se que se as provas do curso propedeutico e dos profissionais houveram sido bem proctadas, sem a intromissão do peditorio, feita se caharam a selecção dos mais intelligentes e habéis; e os outros, resignados ao papel que lhes assigna a sua natural incompetencia, escolheriam profissões igualmente honrosas, ainda que menos requieiram agudeza ou força intellectual. Mas assim não succede em nosso paiz. Disto resulta um exercito de incompetentes diplomados; medicos que não sabem curar, advogados que supprim a sciencia pelo palanfrorio, magistrados cujas sentenças são monumentos anti-juridicos e pretergrammaticas.

Todo esse povo, que não quer cultivar o sólo nem povoar as officinas, agita-se, acotovella-se, rodandoinha nas ante-camaras dos ministros, victima da insolencia dos continuos e cartindo, em um ambiente de sub-serviências, as duras provas da humilhação imposta pela necessidade. O *pistolão*, de que vivem armados, repetidamente lhes falha o tiro. O caracter, que se nutre de independencia e só em almas heroicas resiste ás injunções da pobreza, acaba por deformar-se. E' nessa escola que se preparam nos mendigos de hoje os tyrannetes de amanhã. Arrumado o brasileiro com uma repartição publica, eis-o, supponhamos, amanuense ou coisa que o valha. Seu primeiro movimento é o do escravo recém-liberto: um profundo

menosprezo da humanidade não bu-reaucratizavel; e, em seguida, o formidavel prurido da ascensão na carreira. *Quo non ascendam!* Para isto, de que arma usar se não daquella que lhe valeu os primeiros postos? Armam-se de *pistôles* os concorrentes aos logares appetitosos, e prosegue infra muros a guerra encetada lá fóra.

O systema democratico admiravelmente promove a luta dos empenhos. Cada deputado é um tronco, não raro bichado, e ao qual se apegam innumeradas parasitas. Já no tempo da monarchia o velho Zacharias chamava á Camara — *confraria de pedintes*.

Lembra-me haver encontrado, ha bem par de annos, um antigo condiscipulo, com traços modestissimos e bem diversos dos que outrora o tinham feito manequim de alfaiate. Estava pobre. Perdera o emprego.

— Qual? perguntei-lhe interessado.

— Pois não sabes que eu era deputado? Mas depois que me morreu a prima da minha mulher...

Machucado assim no character, filho do empenho e, por sua vez, procreador de identicos monstrinhos, appellado de continuo para a introdução do peditório, no intuito de alcançar o que não merece e de fraudar as disposições legais, o brasileiro está precisando, não de leis, mas de um banho regenerador de civicismo independente.

Symphronio foi approvado por empenhos, e por empenhos se empregou. Empehando-se progrediu de 3.º escripturario a chefe de secção. Casou-se mettendo empenhos com a familia da namorada. Morreu por causa de empenho, porquanto o doutor que o matou não era bom medico, e sim formado pelo empenho. Finalmente vamos enterrar o Symphronio, mas, á porta de *S. João Baptista*:

— Sr. F., disse-me um sujeito, conhece o empregado do cemiterio, aquelle que recebe os papeis?

— Não, sr.

— E' que eu queria um *pistôla*

para ver se me dá, para o Symphronio, um carneiro junto ao da sogra... Pedido da mulher delle.

Outro convidado accedeu á petição e logrou o seu objectivo. Symphronio jaz ao pé da sogra. Desconfio que se batem na hora dos phantasmas... Arma escolhida: — o *pistôla*. — (Carlos de Laet. — *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro).

CLEMENCEAU

Somos dos que não perdoam a Clemenceau a primeira phase da sua carreira politica na plena luz da scena republicana. Por elle, contra a sua mais intima vontade sem duvida, a Republica teria morrido, logo ao nascer, das convulsões consequentes ao enorme desastre de 70-71. Na França, paiz de tradições monarchicas seculares, algumas de intenso e immorredouro fulgor, a Republica a terceira republica salvou-se pelo que propositalmente conservou da monarchia, no tumultuoso e incerto periodo da sua infancia. Salvaram-na a habilidade intelligentissima de Thiers, homem de todas as transigencias, desde que ellas lhe parcessem necessarias, e o opportunismo solidamente meditado de Gambetta, maldito depois, em equilibrio seguro, nos hombros possantes de Julio Ferry. Clemenceau foi o adversario implacavel dos tres, principalmente dos dois ultimos, exactamente os que mais fizeram pela estabilidade do regimen. Mas tendo Waldeck-Rousseau, na hora certa, dado a volta ao leme para o radicalismo, começou a chegar tambem a hora do celebre derrubador de ministerios. O seu primeiro cuidado foi não os derrubar com tanta frequencia, derivando para as paginas dos jornaes o incorrigivel ardor combativo de que a natureza o dotou. Deixou a arena agitada da camara, obrigaram-n'o a deixala, e accommodar-se, resentido, mas sem grandes queixas, numa macia poltrona do sonado placido. Começa, então, o periodo de alguma utilidade na sua existência. Por lar-

gos annos, os ministerios viveram sem a sua opposição parlamentar tenaz e caprichosa, e a evolucionação das instituições para o radicalismo correu, rápida e venturosa, com algumas excessadas demasias, que a iam perdendo, mas sempre bem orientada. Clemenceau foi ministro, presidente do conselho. O perigo do radicalismo, nascido do proprio sangue radical, era o socialismo, filho impaciente, em franca revolta contra os conselhos, e ás vezes contra as correções, de quem o gerou. O socialismo, nas suas precipitações e nos seus excessos, não teve quem com mais severidade lhe applicasse as regras da disciplina. "Que queréis, meus amigos, meus irmãos? Eu, agora, estou do outro lado da barricada." E talvez, naquello instante, lhe tivessem atravessado o espirito cheio de attribuições uns longos de pungente arrependimento pelas violentas e injustas campanhas de outrora. Mas se passaram, passaram depressa. Um dia, quando menos se esperava, o natural invadio a galope aquelle temperamento de fogo, e o velho derrubador de ministerios derrubou-se a si mesmo, num trecho relativamente calmo da travessia, que pilotava, com a marinhagem nas camaras em maioria, fiel á sua voz de commando e inteiramente disposta ao combate. Seguiram-se, até á guerra, alguns mezes de actividade indecisa, que desmorteava os observadores, não se sabendo bem que rumo o infatigavel athleta tomava, e, muito menos, que rumo desejaria elle que as cousas tomassem. Via-se apenas que a fera se movia, contrariada e descontente, na jaula do seu isolamento, a quem ninguém a condemnára, rugindo sem methodo, ora para a direita, ora para a esquerda, succedendo no ar, numa especie de delirio, as patas de garras afiadas. Se a guerra não estalasse, que trabalho para a historia e definir com exactidão aquella individualidade incoherente, enigmatica e fugitiva! Quem nos diria com verdade o que realmente fôra e o que realmente conseguira o tigre na terceira repu-

blica? Mas, a guerra estalou, e o mysterio desapareceu. Clemenceau é antes de mais nada, um patriota, dos pés á cabeça, requeimando-se em patriotismo por todas as fibras de seu ser. Dahi, os seus defeitos e as suas virtudes. A guerra veio a proposito, para que até os seus defeitos se convertessem em virtudes, e para que este total de forças moraes maravilhosas preponderassem, num paiz extremamente sensível e desconfiado, de opinião livre e insubmissa, retalhada em 7 ou 8 grupos cimentos. A qualidade essencial do francez é o amor á França. Dos homens da sua politica, todos ou quasi todos egualmente patriotas, só em Clemenceau o patriotismo se ergueu, em rolobo de absoluta coincidência com o fanatismo nacional. Naturalmente deixou de ser "um dos homens". É "o homem", galgando, a seu tempo, a gloria que merece. Felizes as nações, que, nas afflictivas e decisivas circumstancias em que a França se debate, sabem e podem achar o seu Pomem. Clemenceau aguentar-se-á? Não nos perturba esta duvida. O que nos cumpre registrar é que elle se está aguentando admiravelmente. Tornou a ferir o a nostalgia da demolição, e, como agora, não lhe convinha, nem á sua patria, offerrecer-se em holocausto a um habito, que lhe é agradável conservar, lembrou-se que estamos em guerra, e, avançando resolutamente pelo territorio inimigo, penetrou na Austria, de machado em punho, e derrubou o ministerio Czernin. — (Julia Mesquita. — *O Estado de S. Paulo*, 8; Paulo).

LISBOA, A CIDADE DAS REVOLUÇÕES

Lisboa é uma cidade revolucionaria. E'-o só de agora? Não. Nesta terra que todos os dias indifferentemente pisamos tem-se emboldo desde remotas éras, muito sangue popular. Pois não é a cidade de Fernão Vasques, em 1385; não é a cidade de João Pinto Ribeiro, em 1640; não é a cidade que em 1820

não demorou tres semanas em secundar o movimento liberal do Porto; não é a cidade de 24 de Julho de 1833, aclamando as forças de Duque da Terceira; não é a cidade de 9 de Setembro de 1836, levantando o pendão das liberdades progressivas; não é a cidade da guarda nacional de 1838; não é a cidade da revolta de Saldanha, em 1870 ? Não podemos, portanto, considerá-la como sendo somente agora que se assignala por movimentos revolucionarios, e quando se enumeram apenas estes, não quer isso de fórma alguma significar que outras muitas agitações com idéntico caracter, não tenham feito decramar-se, no seu solo o sangue de um povo que, seguindo causas justas ou desvaírado por passagens arrobatamentos, nunca duvidou expôr a vida para affirmar as suas idéas ou exteriorizar seus sentimentos.

Só com o reinado de D. Carlos a sociedade portugueza começou a mover-se, como agitada por vivas marés até então insuspeitadas. Com o ultimatum de 1890 multidões excitadas percorreram as ruas de Lisboa em manifestações delirantes. Pela primeira vez, as repressões da força publica começaram a tomar um caracter violento. A volta de um comício, foram presos Manoel de Arriaga e Jacintho Nunes, quando discursavam ao povo de cima de um banco do Rocio, e mettidos a bordo de um navio de guerra, como desordeiros perigosos. Mais tarde, pela primeira vez, se fizeram descargas com pontarias baixas para dentro do café Martinho. Basilio Telles, que lá estava, conta esse episodio no seu livro do *Ultimatum* ao 31 de Janeiro. Uma atmosfera revolucionaria principiou a manifestar-se, e foi ella que veio a facilitar a revolta do 31 de Janeiro de 1891, que se desencadeou no Porto, mas que devia ter a sua repercussão em Lisboa.

Todavia, tanto os habitos da patez indigena se tinham radicado em Lisboa que, suffocada a revolta de 31 de Janeiro, a cidade, durante algum tempo, recobrou na sua

modorra. Até 1906, pôde dizer-se, nenhum acouteimento de importancia, nos dominios da ordem publica, vingou perturbar a monotonia da vida cidadeira. Mas tambem se pôde dizer que dahi em diante Lisboa, parecendo querer recuperar o tempo perdido, nunca mais deixou de ser um fóco de agitações.

A questão dos tabacos, que depressa se tornou não só uma questão de partidos, mas uma questão de regimen, marcou o inicio dessas agitações. Na noite de 4 de Maio desse anno, como o povo esperasse, na estação do Rocio, a chegada de um caudillo republicano, e o recebesse com palmas, a policia acutilou a multidão. Mesmo das fileiras monarchicas irromperam violentos protestos contra essa injustificada violencia, e o Ministerio cahiu. Succedeu-lhe o Sr. João Franco, com os seus amigos. Ninguém esquece o tormentoso consulado desse Governo. O 18 de Junho teve já aspectos de insurreição. Descobre-se o primeiro fabrico de bombas. Conspira-se como nunca. Em 28 de Janeiro de 1907, aborta porventura a tentativa revolucionaria mais poderosa que ha muito tempo se organizara em Portugal. No dia 1 de Fevereiro, o regicídio. Correrá o sangue, e o sangue nunca deixa de pedir vingança. A luta politica toma aspectos ferozes. No 5 de Abril de 1909 corre de novo o sangue do povo. Um anno depois rebenta a revolução que implanta a Republica. A cidade de 1885 e de 1640, fazendo o desfazendo reis, reivindicando sempre a independencia da patria, se revê na cidade de 1910. Sete seculos de historia contempñam o novo esforço de uma raça.

Não mais se apaga, porém, o espirito revolucionario. Em 1913 dá-se o movimento conhecido pelo 27 de Abril, e destinado a tornar a Republica radicalissima, movimento que é suffocado, como não, o de 20 de Junho, de um anno, de caracter syndicalista, e 20 de Outubro, de caracter monarchico. Em 1914 dá-se o chamado movimento das cepêdas que leva ao poder Pimenta de

Castro. Em 1915 produziu-se a revolução de 14 de Maio que o derrubou. O sangue corre, e torna a correr em 5 de Dezembro do anno findo com a revolução de que sabia o actual Governo. Este anno apenas com alguns dias de existencia já nos deu uma nova revolta em Lisboa: a dos marinheiros. — (Mayer Garçon. — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

O THEATRO FRANCEZ E A GUERRA

Nunca Paris procurou tanto os espectáculos, como agora. Todos os theatros se enchem, e os cinematographos, e todas as casas onde se diverte. As rendas da Comedia Franceza não diminuem: em 1916 orgam por L.300.000 francos, somma que foi ultrapassada em 1917. Na provincia, a mesma coisa.

Orá, esse appetite de prazer é um dos característicos dos nossos dias. Quando se falou de limitar a exploração dos theatros, sentio mesmo de supprimil-a completamente. Génier protestou contra essa idéa. "Fechar os theatros, dizia elle, é mergulhar voluntariamente na tristeza o povo das grandes cidades; é lançar na rua 100.000 individuos que seria preciso depois alimentar e vestir; é lançar na miseria e no desânimo 43 agrupamentos ou syndicates. E, a julgar pelo que me disse um official superior, é dar-nos uma attitude de vencidos."

Génier conta, a proposito, o que viu na Suissa, relativamente á propaganda allemã e aos resultados que já tem dado.

A Suissa foi invadida por innumeras "troupes" de comedia e de canto, de associações instrumentaes e canoras procedentes de Berlim, Munique, Leipzig, Mannheim, Meiningen, sob a direcção dos Max Reinhardt, dos Straus, dos Weingartner, dos Nikisch. Estes senhores não têm por missão ganhar dinheiro, mas espalhá-lo ás mancheiras em todos os logares. As salas nunca estão vazias, vindo-se na concorrência os allemães officiaes e os seus compa-

triotas. No dia da despedida, o embalador ou o ministro organisa um jantar, convidando os funcionarios locais. E corre fartamente o champagne...

Génier acrescenta este detalhe pittoresco: "O consul manda chamar todos os directores de "music-halls" da cidade, para lhes dizer que todas as vezes que contractarem cantores ou "numeros" boches, não teriam que pagar-lhes mais de cinco francos, ficando o resto a cargo do consulado."

Isso devia ser uma lição para os francezes. A Allemãha utiliza a sua organização theatral como se fosse uma arma poderosa. Não considere mos o nosso teatro como um passatempo. O nosso teatro é abundante e multiplo, tanto no genero grave como no genero leve. Cuidemos de augmentar a sua irradiação e a sua esphera de acção. Barbey d'Aureville deplorava outr'ora que o Estado ligasse pouca importancia a essa força. O seu espirito autoritário desejava disciplinal-a. Elle imaginava fazer das manifestações de arte dramatica uma especie de instituição nacional, uma escola que enobrecesse as intelligencias, purificasse os costumes, propagasse no povo, com o culto da belleza viril, noções de justiça, de generosidade e de bondade. E lamentava o mercantilismo dos directores, que, em vez de exercer uma magistratura benefica, não cuidavam senão de enriquecer.

Sem ir tão longe no caminho da Chimera, é licito contudo, desejar aperfeiçoamentos e reformas.

Que será o teatro depois da guerra? — E' um problema insolvel. Logo depois da guerra de 1870, alguns criticos suppunham que a França, humilhada, abatida, perderia a sua alegria, e não gostaria mais de rir. Ora, essa época de doloroso recolhimento, até a Exposição de 1878, foi o apogeu da comedia satyrica e da opereta...

O futuro é um mysterio. Teremos obras serias ou futeis, obras moralisadoras ou corruptoras? As peças



que mais agradarão serão as patrióticas, as psychologicas, as sociologicas — ou os estudos de casos passionaes? — Eu acho que o amor ainda reinará no theatro, e mesmo reinará o romanesco. Mas desta formidável conflagração, destas ruínas, destes lutos, nenhum traço subsistirá? — O sr. Alfred Capus, entrevistado a respeito, declara: "O mesmo trabalho que se fará na politica, far-se-á nas letras. O escriptor, dramaturgo ou romancista, se proporá á investigação das melhores condições que a França deve preencher para = fortalecer, engrandecer e prosperar. Haverá em cada um delles uma preocupação nacional e moral que não se via senão raramente em nossa literatura." E' provavel que isso se dê. Mas essa metamorphose não se operará subitamente. Terá antes o caracter de uma evolução do que o de uma revolução. E será tão radical como se pensa? — Os traços fundamentais de uma raça são indestructiveis. A raça mantém-se atraves dos seculos, com as suas qualidades e os seus defeitos. A nossa arte dramatica resentir-se-á muito dos acontecimentos. E' igualmente possivel que um autor de genio lhe abra caminhos imprevisos, quebre antigas formulas, erde novas. Além destas circumstancias extraordinarias, ha a influencia exercida sobre o terreno pratico pelos methodos de trabalho que, bem ou mal concebidos, podem facilitar ou contrariar a eclosão dos talentos, incentivar as iniciativas interessantes ou abafalas. (Adolphe Brisson. — *Le Temps*, Paris).

O CENTENARIO DE ELVIRA

Passou ha pouco o centenario da morte de Elvira—a saudosa Elvira, de Lamartine. Com effeito, ha um seculo morria num dos aposentos do Instituto de França, a esposa do physico Charles, née Julie Bouchaud des Hérettes, que um grande poeta devia tornar celebre sob o no-

me de Elvira. O romance de Julia e de Lamartine será pouco importante para a historia da literatura franceza; mas é muito nos destinos de um grande poeta. Não é a Elvira que devemos o *Loc*, esse incomparavel canto de amor, e as estancias immortaes do *Crucifix*, escriptas depois da morte de Julie? Sem ella, as *Méditations* seriam provavelmente de inspiração pagã, como o eram os quatro livros de poesias que Lamartine destruiu. Essa deliciosa heronia ficou sendo para o poeta, desde o dia em que a conheceu, o proprio ideal de amorosa, que por em scena na *Graziella*, em *Raphael* e em *Jocelyn*, sob tres aspectos que entre si se assemelham como tres irmanas.

Assim, a enferma de grandes olhos febris que o poeta encontrou na modesta pensão de Aix, desliza suavemente no cortejo das sombras femininas que acompanhará, durante toda a sua vida, o cantor das *Harmónias*. Do berço no tumulo, Lamartine precisará sempre de mãos queridas que lhe guiem os passos — outro coração que pulse ao lado do seu. E' primeiro sua mãe que lhe imprime á alma delicadeza e fantasia; depois Graziella, com a qual elle adivinha o amor; e Julia que lhe faz entrever a pátria. Mais tarde, será sua esposa dedicada que não poderá ajudal-o a carregar o pesado fardo da adversidade, e depois Valentina, que tomou ao lado do poeta o lugar de sua filha morta prematuramente.

Entre todas essas imagens ternas e doces, é porém, a de Julia que tem para nós maior selneção. Delgada, quasi diaphana, com uma vida frágil que uma chamma interior consume pouco a pouco, Julia é a melancolica tuberculosa desfigurada pela doença, de ar seraphico, que de repente surge ante Lamartine como uma apparição dos céos: Alma ardente, ella passara a sua infancia em S. Domingos, no meio das plantações de seus pais — e de lá trouxe consigo esse perfume de exotismo, esse cheiro das "ilhas" que para sempre perfumará o destino e a me-



moria do poeta. Muito joven, desposou um homem celebre, muito mais velho do que ella, por quem não tinha senão respeito. Por fim, encontra Lamartine, a quem inspira louca paixão, e com quem faz longos e ternos passeios no pittoresco valle do Aix.

A imagem de Elvira é inseparavel da de Raphael, sobretudo quando, através dessas sombras fluidas, se lêem os versos impereciveis do *Crucifix* e do *Lac*.

A IMMENSIDADE DO UNIVERSO

Conta um astronomico que, tendo-lhe occorrido nos seus tempos de estudante, fazer uma representação graphica proporcional do systema solar, reduzindo as dimensões ao minimo perceptivel, viu com surpresa que esse trabalho era impossivel.

Mesmo que se desse á Terra um milimetro de diametro (12.000 milhões de vezes menos do que a realidade), e á Lua, reduzida a essa proporção, um quarto de milimetro, — seria preciso collocar a Terra a 15 metros do Sol e Neptuno a 450 metros do astro rei. Não ha papel em que se possa desenhar tudo isso...

Já a estrella mais proxima da Terra, que é "A", do Centauro, teria que ser collocada 10.000 vezes mais longe, a 4.500 kilometros, distancia que, segundo a proporção adoptada, representaria a 10.000 millesima parte da realidade.

Isso dá bem a idéa da immensidade do Universo.

OS MYSTERIOS DE PARIS

Nenhum titulo de livro teve exito mais feliz do que o da celebre obra de Eugenio Sue — "Os Mysteries de Paris", publicada em 1842 nas columnas do *Journal des Débats* e que inaugurou o genero de romance-folhetim. O prestigio immenso que esse romance logo conquistou, synthetisou-se no titulo, dando-lhe fascinação singularissima, de forma a suppôr-se que por elle eram attrahidos os leitores. Tanto era assim, que

os cultivadores do genero procuraram tirar do titulo o melhor partido, repetindo-o com pequenas variantes.

Assim, em 1844, publicam-se "Os mysterios de Londres", no *Courrier Français*; em 1853, Camillo Castello Branco publica na capital lusitana "Os mysterios de Lisboa"; em 1864 Emilio Zola escreve "Os mysterios de Marselha"; e em 1876 Fortuné Du Boisgobey dá a lume "Os mysterios do novo Paris".

A generalidade dos folhetinistas, porém, prefere do titulo afortunado, o nome da cidade de Paris. E temos então: "Os matrimonios de Paris", de Edmundo About, em 1850; "Os mendigos de Paris" e os "Anjos de Paris", de Clemence Robert, em 1851; "Os mohicanos de Paris", de Alexandre Dumas, em 1854; "Os estranguladores de Paris", de Clemence Gueroult, em 1859; "Os puritanos de Paris", de Paul Boeage, em 1862; "Os titeros de Paris", de Pierre Veron, em 1862; "Os bohemios de Paris" (1863), "Os dramas de Paris" (1865), e "Os escolares de Paris" (1867), de Ponsou du Terrail; "Os bas-fonds de Paris", de Xavier de Montepin, em 1867; "Os escravos de Paris", de Emilio Gaboriau, em 1869; "O ventre de Paris", de Emilio Zola, em 1874; "Os estranguladores de Paris", de Adolpho Belot, em 1879; "Os condemnados de Paris", de Jules Mary, em 1889; "As operarias de Paris", de Pierre Decourcelle, em 1904, etc.

OS AUTOMOVEIS NOS ESTADOS-UNIDOS

Segundo o recenseamento effectuado em Julho do anno passado, os Estados Unidos, com uma população de 103.640.473 habitantes — tinham 4.242.139 automoveis. Comparado este numero com a estatística de 31 de Dezembro de 1916, houve um augmento de 700.000 vehiculos em seis mezes, ou sejam 4.000 por dia.

Relativamente á população, conta-se hoje nos Estados Unidos um automovel por 24 habitantes, ao passo

que em 1916 essa proporção era de um automóvel por 29 habitantes.

Eis alguns números que bem mostram o progresso da indústria automobilística nos Estados Unidos.

| Annos | Automoveis em circulação | Vehiculos construidos | Valor em dollars |
|---------------------|--------------------------|-----------------------|------------------|
| 1911 | 677.000 | 310.000 | 262.500.000 |
| 1912 | 1.010.000 | 378.000 | 378.000.000 |
| 1913 | 1.253.875 | 453.000 | 425.000.000 |
| 1914 | 1.738.790 | 573.114 | 465.042.474 |
| 1915 | 2.471.595 | 892.618 | 691.778.950 |
| 1916 | 3.541.738 | 1.617.708 | 1.274.625.864 |
| 1917 (a 1 de Julho) | 4.242.159 | 800.000 | 650.000.000 |

Uma interessante observação a fazer sobre o conjunto da estatística

que se concluiu em Julho, é que entre os 48 Estados que formam a Federação Norte-americana, ha sete em que a circulação ultrapassa de 200.000 automoveis, isto é, o dobro da circulação na França no principio da guerra.

No Estado de Nova York estão registados 345.966 vehiculos, sendo de notar que no começo de 1916 havia sómente 200.000. Nos Estados do centro o acrescimo tomou proporções consideraveis, como por exemplo, o Arkansas onde se notou em 1917 um augmento de 64 o/o sobre o do anno de 1916. O Estado que bate o "record" é, porém, o de Iowa, cuja população attinge a 2.225.000 habitantes, e onde o recenseamento accensa 243.000 automoveis, o que quer dizer que ha um automovel para 9 pessoas. Vem em segundo lugar o Estado de Nebraska, onde ha um automovel para 12 pessoas.

E' de notar tambem que os automoveis fabricados no primeiro semestre de 1917 são em numero de 800.000, numero a que convém reunir o das exportações para o estrangeiro durante o mesmo periodo ... (36.000 automoveis).

O grande desenvolvimento da industria automobilistica nos Estados Unidos se manifesta principalmente pela construção de vehiculos commerciaes ou de transporte commum: de 610 fabricas em actividade, 238 se consagravam aos carros de turismo e 372 aos caminhões, omnibus, etc./

AS CARICATURAS DO MEZ

A FURIA DOS TROGLODITAS



— Paris!... Paris!...

(Júlio Machado — D. Quixote, Rio de Janeiro)

A GRANDE OFFENSIVA



A inconveniência dos canhões de grande alcance.

(J. Carlos — *Carta*, Rio de Janeiro).

O SUPREMO ESTRATEGISTA



GOTT — Elles tambem teem um Deus. Mas a "victoria" será nossa, porque o Deus delles condemna as atrocidades e prêga a resignação e o perdão.

(J. Carlos — *Carta*, Rio de Janeiro).

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"
SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

- Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Seguros maritimos e contra fogo
- J. B. White & Brothers, Londres
Cimento Portland "J. B. W."
- Aberthaw & Rhose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Milra"
- Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"
- Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"
- Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"
- William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido
- Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"
- J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"
- P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento
- Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Acceltam pedidos para importação directa mediante
modica commissão



INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escritório: Largo da Sé, 15
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE,
LEVEN VAMPRE e PEDRO
SOARES DE ARAUJO—Traves-
sa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritório: R.ka Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-
RA — Das Universidades de Ge-
nebra e Munich. — Cirurgia —
Operações — Rua Libero Badaró,
181. Telephone 3492, das 13,30
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA—Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente das
crianças—Res.: R. Bella Cintra, 133
Consult.: R. José Bonifacio 8-A,
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA—Medi-
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Paris.
— Consultas das 9 às 11 e das
14 às 16 horas. Rua Barão de
Itapellina, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escritório: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Te-
leph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Títu-
los — Escritório: Travessa do
Commercio 7, Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albu-
querque Lima, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas, S.
Paulo". Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Pentado — S.
Paulo.

DESPACHANTES :

BELLI & CO. — Matriz : S.
Paulo : Rua Libero Badaró 109-
III — Teleph. 381, Central —
Caixa, 135. — Filiaes : Rio de
Janeiro, Rua Candelaria, 69,
Teleph., 3629, Norte, Caixa,
881. Santos : Praça da Repu-
blica, 23. Teleph., 258. — Caixa
107. — Genova, (Italia)—Plaz-
za Scuole Pie, 10. Casella, 1459.
New York, 198 Broadway —
Ender. teleg. "Bellco".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-
lio Rocca — Novidades em case-
mira Inglesa. — Importação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 — Cidade — S. Paulo.

—:: AOS LAVRADORES ::—
Não é reclame, é a expressão da verdade

"ENGENHO STAMATO" — Sem engrenagem

Para moagem de canna, o mais moderno, mais simples até hoje conhecido. Já foi
adquirido por milhares de fazendeiros que attestam a grande utilidade desta impor-
tante machina, privilegiada e premiada com 7 medalhas. Economica e resistente
por não ter engrenagem. Envia-se informações a pedido dos interessados.

Inventor e fabricante: RAPHAEL STAMATO
TEM SEMPRE EM DEPOSITO

Rua do Gazometro N. 17

S. PAULO

Joallierie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude ≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE
MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA
Medico do Hospicio do Juquery

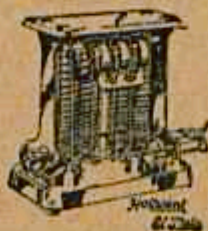
Medico residente e Director

Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, contando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside à rua Dr. Homem de Mello, proximo a casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correo, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560



A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO
DE ELECTRICIDADE.

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL,
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.

BELLI & Co.

Endereço Telegraphico: "BELLICO"

Teleph. directo entre Santos e S. Paulo

CODIGOS: Lieber, A B C 5a. Edição, Gallasi, Ribeiro, Westerm, Union, Watkin's & Appendix
(21 th. Ed. Scott's 1905)

MATRIZ: São Paulo-Rua Libero Badaró, 109

FILIAES: Rio de Janeiro-Rua da Candelaria, 69

Santos-Praça da Republica, 13

Genova-Piazza Scuole Pie, 10

New York - Brodway, 198

SECÇÃO COMMERCIAL

Encarregam-se de qualquer compra e venda na Europa e nos Estados Unidos. Recebem generos do paiz em consignação e fazem adeantamentos. Aceitam representações de industrias e casas commerciaes nacionaes.

Loteria de São Paulo

PARA 17 DE MAIO

100:000\$000

Por 8\$000

Os bilhetes estão á
venda em toda a parte

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS DO GO ESTADO DE S. PAULO

